

FIEG
SENAI
GOIÁS
INDUSTRIAL

FIEG SENAI

SENAI
60 70
ANOS GOIÁS ANOS BRASIL



SENAI Goiás *60* anos

Da Carpintaria à Automação Industrial

Deire Assis e
Dehovan Lima





“Há 60 anos Goiás era o penúltimo Estado brasileiro em termos de PIB e desenvolvimento. Hoje, Goiás disputa o 8º lugar em PIB e é o 7º em desenvolvimento. A indústria fortalece cada vez mais nossa economia ao agregar valor ao setor primário. A FIEG e o SENAI tiveram um papel fundamental nesta extraordinária transformação.”

Marconi Perillo, Governador de Goiás



“A Escola SENAI dá, além da educação, a organização, o método, ensina o amor à pátria, a ética, enfim possibilita a oportunidade de o homem se tornar cidadão, ter uma profissão. Porque qualquer um de nós, mesmo não tendo estudo, mas tendo uma profissão, pode construir. Eu sou prova disso. Foi de lá da Escola SENAI que eu trouxe isso, o começo de tudo, a base. Todo o sucesso de minha carreira, profissional e empresarial, devo ao SENAI, ao que aprendi no início de minha vida na Escola Roberto Mange. É uma relação de gratidão e o amor eterno – até hoje minha empresa mantém vínculo com o SENAI.”

Saulo Vitoy, empresário, proprietário da Metalúrgica Central, de Goiânia, fabricante de peças e componentes para usina de álcool, ex-aluno do SENAI da turma de 1958.



SENAI *Goiás 60 anos*

Da Carpintaria à Automação Industrial

Deire Assis e Dehovan Lima



SENAI Goiás **60** anos

Da Carpintaria à Automação Industrial

Deire Assis e Dehovan Lima



© 2012 - SENAI - Departamento Regional de Goiás

Da carpintaria à automação industrial

A reprodução desta obra, em sua totalidade ou em partes, somente será permitida mediante autorização do SENAI de Goiás.

FICHA CATALOGRÁFICA

A865d

ASSIS, Deire; LIMA, Dehovan. **Da carpintaria à automação industrial**/SENAI-DR/Goiás. – Goiânia, 2012. (SENAI Goiás 60 anos).

204p.: il.

1. Educação. 2. Trabalho. 3. Inovação tecnológica. 4. Serviços.
 5. SENAI em Goiás. 6. Trajetória. 7. Indústria brasileira.
 8. Depoimentos. 9. Diretores do SENAI em Goiás. 10. Momentos Históricos.
- I. Autor. II. Título

CDD – 650

SENAI - Departamento Regional de Goiás

Avenida Araguaia, nº 1.544, Edifício Albano Franco - Casa da Indústria - Vila Nova

Goiânia-GO - CEP: 74645-070

Telefone/fax: (62) 3219-1300

E-mail: senaigo@sistemafieg.org.br

[http: www.senaigo.com.br](http://www.senaigo.com.br)



Missão do SENAI

Promover a educação profissional e tecnológica, a inovação e a transferência de tecnologias industriais, contribuindo para elevar a competitividade da indústria brasileira.



Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Departamento Regional de Goiás

Conselho Regional

Presidente

Pedro Alves de Oliveira

Representantes da Indústria

Francisco Gonzaga Pontes
José Rodrigues Peixoto Neto
Abílio Pereira Soares Júnior
Pedro de Sousa Cunha Júnior

Representantes do Ministério do Trabalho e Emprego

Heberson Alcântara
Valdivino Vieira da Silva

Representantes do Ministério da Educação

Paulo César Pereira
José Sérgio Sarmento Garcia

Representante dos Trabalhadores

Carlos Albino de Rezende Júnior
Luiz Roberto Dias

Secretário

Jávier Godinho

Administração Regional

Diretoria Regional

Paulo Vargas

Diretoria de Educação e Tecnologia Sesi e SENAI

Manoel Pereira da Costa

Gerência de Educação Profissional

Ítalo de Lima Machado

Gerência de Tecnologia e Inovação

Cristiane dos Reis Brandão Neves

Gerência de Planejamento e Desenvolvimento

Maristela Nunes

Coordenação de Projetos

Walmir Pereira Telles

Assessoria de Relações com o Mercado Sesi e SENAI

Bruno Godinho

Gestão Compartilhada do Sistema FIEG (FIEG / Sesi / SENAI / IEL / ICQ Brasil)

Assessoria de Comunicação e Marketing

Geraldo F. de Farias Neto

Assessoria Jurídica

Telma da C. Alves Mahfuz

Comissão de Licitação

Marco Aurélio de Rezende Cruz

Gerência Contábil

Márcio Antônio Rezende

Gerência Financeira

Sônia Rezende

Gerência de Materiais e Patrimônio

Luiz Carlos Ribeiro

Gerência de Recursos Humanos e Conhecimento

Lázaro Anacleto de Souza

Gerência de Serviços

Luiz Carlos Cardoso

Gerência de Tecnologia da Informação

Dario Queija de Siqueira

Auditoria Interna

Hércules Pereira Marra





CREDIBILIDADE, MARCA REGISTRADA DO SENAI

Pedro Alves de Oliveira, presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG) e do Conselho Regional do SENAI Goiás

“A mesma credibilidade verificada em dimensão nacional proporcionou ao Regional de Goiás receber, em 2011, a Escola SENAI Dr. Celso Charuri, em Aparecida de Goiânia, totalmente edificada, equipada e doada pela Central Geral do Dízimo PRÓ-VIDA.”

Comprovadamente, há seis décadas, o SENAI está diretamente inserido no contexto do desenvolvimento socioeconômico de Goiás e do Brasil. Ele vem de um tempo quando se ensinava nas escolas que Goiás era um Estado essencialmente agrícola.

Quando o SENAI se iniciou entre nós, em 9 de março de 1952, na cidade de Anápolis, com apenas três ofícios – mecânico serralheiro, carpinteiro e pedreiro – para atender algumas das poucas centenas de pequenas indústrias então existentes no Estado, era uma simples extensão da Delegacia Regional do SENAI de São Paulo.

Mesmo assim, naquele ano, a instituição se constituiu na semente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás, que desde então trabalha e luta por nossa industrialização, transformada no Sistema com cinco casas: FIEG, SESI, SENAI, IEL e ICQ Brasil.

Segundo o IBGE, de 2003 a 2007, o PIB industrial goiano cresceu 77%, enquanto o brasileiro no mesmo período não ultrapassou 55%, uma diferença que pouco se alterou até 2011, pois o progresso do segmento industrial de Goiás esteve sempre à frente da média nacional.

1,3 milhão de trabalhadores

Ao completar 60 anos, o SENAI Goiás oferece aproximadamente 450 cursos de educação profissional, nos níveis básico, técnico e tecnológico, presente, crescendo e se aprimorando em todos os polos industriais do território estadual, onde funcionam mais de 15 mil empresas.

Muitas vezes até como indutor, se antecipando às suas necessidades, atende demandas de nosso parque industrial, carente de mão de obra para expansão em vários setores.

Assim, o SENAI Goiás já preparou cerca de



Na foto à esquerda, o Porto Seco Centro-Oeste, em Anápolis, cidade-berço do SENAI em Goiás: marco entre o Estado essencialmente agrícola de outrora e o desenvolvimento de indústria dinâmica, fortemente inserida no mercado global

O ano era 2007. Ex-aluno do SENAI e campeão olímpico em mecânica diesel, Johnny Corrêa (c) participa da inauguração da Hyundai, em Anápolis, como primeiro contratado da indústria, ao lado do então presidente Lula, igualmente ex-aluno da instituição, e de Carlos Alberto Oliveira Andrade, do Grupo Caa



“Não vim preparado para falar, mas o entusiasmo desse menino de 21 anos, formado pelo SENAI, me inspirou. Fiz meu primeiro discurso aos 27 anos, Johnny fez o seu hoje. Ele tem seis anos na minha frente de possibilidade de vir a ser presidente da República.”

Luiz Inácio Lula da Silva

1,3 milhão de trabalhadores, número equivalente à população atual de Goiânia, no cumprimento da missão institucional de promover a educação profissional e tecnológica, a inovação e a transferência de tecnologias essenciais à elevação da competitividade da indústria brasileira.

Na definição do professor Roberto Boclin, um dos maiores nomes da Associação Brasileira de Educação, no seu clássico *Conversando sobre Educação*, é o SENAI um “ente sagrado pela sua missão transcendental de formador da classe operária”, nos tempos da qualidade que vivemos. Para ele, “o SENAI foi construído com a fundamentação holística de uma convicção superior, com a dedicação sublime de bandeirantes do ensino profissional, cujos nomes tornaram-se lendas e exemplos para os que percorrem as oficinas e salas de aula, aquecidas do afeto de uma instituição sagrada pela dimensão social dos seus resultados.”

O renomado mestre considera ainda que pensar nessa instituição com a visão estreita de um

encargo social “é desconhecer o desafio da formação de trabalhadores qualificados e da técnica de alto nível, capazes de possibilitar as condições de competitividade e qualidade de que a indústria contemporânea necessita, além da função social do SENAI servindo de passarela entre os anseios de uma população menos favorecida socialmente e o mundo do trabalho e da valorização profissional.”

Durante a inauguração da indústria Hyundai, em Anápolis, dia 23 de abril de 2007, o então presidente Lula, dirigindo-se ao jovem Johnny Rodrigues Corrêa, ex-aluno do SENAI como ele e primeiro funcionário contratado pela montadora, se disse orgulhoso de ter se formado torneiro mecânico pela instituição. “Não vim preparado para falar, mas o entusiasmo desse menino de 21 anos, formado pelo SENAI, me inspirou. Fiz meu primeiro discurso aos 27 anos, Johnny fez o seu hoje. Isso significa que ele tem seis anos na minha frente de possibilidade de vir a ser presidente da República.”

Democratizar a capacitação

Visão semelhante à do professor Roberto Boclin demonstrou a presidente Dilma Rousseff ao criar, em 2011, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), confiando boa parte de sua realização ao SENAI, com o compromisso de dobrar o número de vagas na educação profissional, passando a 4 milhões de novas matrículas por ano até 2014.

São objetivos principais do Pronatec expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) para a população, por meio de uma série de subprogramas, projetos e ações de assistência técnica e financeira que, juntos, oferecerão 8 milhões de vagas a brasileiros de diferentes perfis, nos próximos quatro anos, no intuito de proporcionar mais competitividade à indústria, desenvolvimento ao País e qualidade de vida ao trabalhador.

A mesma credibilidade verificada em dimensão nacional proporcionou ao Regional de Goiás receber, em outubro de 2011, a Escola SENAI Dr.

Celso Charuri, em Aparecida de Goiânia, totalmente edificada, equipada e doada pela Central Geral do Dízimo PRÓ-VIDA. A instituição o escolheu por reconhecer seus méritos em termos de cursos e programas de formação iniciada e contínua, educação profissional e técnica de nível médio e realização de outros eventos nessa área, destinados a jovens e adultos, em atendimento às demandas regionais. Também a Prefeitura de Aparecida de Goiânia manifestou o mesmo entendimento, oferecendo a área para sua construção.

Em pronta resposta, a nova unidade do SENAI Goiás já apresentou, em janeiro, as primeiras turmas de concluintes de cinco cursos, com 116 alunos, para um total de 2.700 vagas que oferecerá em 2012.

É essa credibilidade que orgulha todos os dirigentes, corpo docente e discente e colaboradores do SENAI Goiás – e conseqüentemente de todo o Sistema FIEG –, multiplicando nossas responsabilidades e o compromisso de produzir cada vez mais e melhor.



Governador Marconi Perillo, Paulo Afonso Ferreira, diretor secretário da CNI, Pedro Alves, presidente da FIEG, e o instrutor Ivan Barros inauguram a Escola SENAI Dr. Celso Charuri, em Aparecida de Goiânia: credibilidade da educação profissional



PARCEIRO DA INDÚSTRIA E DO TRABALHADOR, DESDE 1952

Paulo Vargas, diretor regional do SENAI Goiás

“Acompanhar a evolução da indústria, de forma sintonizada com seus processos, ampliando e diversificando os serviços prestados, com verdadeira obsessão pela qualidade e eficiência das ações e rapidez nas respostas. Isso é palavra de ordem no SENAI.”



Trajetória como a dos 60 anos do SENAI em Goiás – 70 de Brasil – não se resume a um marco histórico a ser festejado. Vale, sim, a comemoração, mas não só isso. Afinal, não se trata de uma história linear, com começo e fim. É – digamos assim, de forma figurada –, um guarda-chuva que abriga várias histórias, protagonizadas por diferentes personagens. Dos “meninos” de Anápolis e cidades vizinhas interessados em aprender um dos poucos ofícios oferecidos no início da década de 50 – disseminados por gerações que os tempos permitiram –, a empresários, colaboradores da indústria e empreendedores de diferentes áreas, hoje integrantes de diversificada carteira de clientes distribuídos por todo o Estado.

É motivo de orgulho fazer parte e, assim, poder falar do SENAI, entusiasmo que contagia quem convive com a instituição, seus colaboradores de ontem e de hoje, nossos antecessores, que são igualmente atores de belas histórias. Afinal,

participaram muito mais do que de um trabalho; cumpriram uma missão, marcada, nessas seis décadas em Goiás, por importante contribuição ao desenvolvimento socioeconômico de nossa gente. Isso está evidenciado nos números da série histórica da “produção” referente a apenas um de seus serviços – a educação profissional –, com 1.321.106 matrículas nos 60 anos ou, em recorte menor, 123.511 matrículas realizadas em 2011, contra 32 menores aprendizes mantidos na forma de internato no distante 1952.

Além da missão institucional

Uma atuação que ultrapassa as entrelinhas do que apregoa a missão institucional do SENAI, de *“Promover a educação profissional e tecnológica, a inovação e a transferência de tecnologias industriais, contribuindo para elevar a competitividade da indústria brasileira.”*

Testemunha de boa parte dessa história,

acompanhamos inúmeros exemplos de uma ação que, paralelamente aos diversos serviços indutores do crescimento do setor produtivo, deve ser considerada forjadora de homens bons. É a educação profissional para o trabalho e para a vida.

As histórias são contadas ao longo deste livro comemorativo do 60º aniversário do SENAI Goiás, com o sabor – permita-nos o leitor – do jornalismo literário de Deire Assis, em coautoria com Dehovan Lima. Histórias de vida, de gente que acreditou nos valores da instituição e, em muitos casos, transferiu de pai para filho, desde 1952, o aprendizado que assegurou o ingresso no mundo do trabalho, conduziu negócios próprios, geradores de emprego e renda.

Em seis décadas, o mundo muito mudou, os processos produtivos sofreram verdadeira revolução, a competitividade se acentuou. Profissões foram extintas, muitas outras surgiram. A inovação tecnológica impera. Como propala aquela propaganda de xampu, quanta diferença!

Na vanguarda, o SENAI, que um dia formou profissionais como latoeiro funileiro (*), aquilatador (**), carpinteiro, marceneiro e pedreiro, hoje prepara o técnico em manutenção de aeronaves, em açúcar e álcool, em manutenção automotiva e industrial, em mecatrônica, em mineração, alimentos, mecânica de usinagem, telecomunicações, logística, o operador de máquinas pesadas. Em seus diversos cursos, ensina informática, inglês, conteúdos de cidadania e meio ambiente, higiene industrial, segurança do trabalho, empreendedorismo, legislação trabalhista, etc. São as chamadas competências transversais, capazes de proporcionar, além da formação técnica específica, uma preparação mais geral, humanista, científica e tecnológica.

Ensino superior

Em outro patamar, foi caminho natural a incursão do SENAI no ensino superior, para oferecer ao mundo do trabalho profissionais com formação focada nas reais necessidades da indústria – os tecnólogos em análise e desenvolvimento de sistemas, rede de computadores, processos químicos, fármaco-químico industrial e automação industrial. Igualmente, as diversas especializações lato sensu completam o atendimento ao setor produtivo.

Acompanhar a evolução da indústria, de forma sintonizada com seus processos, ampliando e

Latoeiro funileiro, profissão ensinada no passado pelo SENAI. Em seis décadas, os processos produtivos sofreram verdadeira revolução, profissões foram extintas, muitas outras surgiram



diversificando os serviços prestados, com verdadeira obsessão pela qualidade e eficiência das ações e rapidez nas respostas. Isso é palavra de ordem na instituição do Sistema FIEG e marcou mesmo sua atuação, sobretudo na segunda metade de sua trajetória histórica. Desde então, o SENAI intensificou a abertura para o mercado, a aproximação com as empresas, seja de micro, pequeno, médio e grande porte, articulando parcerias, ouvindo a opinião de seus clientes-alvo – as empresas, que investem, assumem riscos e geram riquezas; as lideranças representativas, os sindicatos patronais e laborais –, em busca de subsídios capazes de orientar a criação e/ou extinção de cursos e outras ações, ampliação, reforma e modernização de oficinas, laboratórios e demais ambientes de ensino.

Destaque à parte, foi e é decisiva a participação do Departamento Nacional do SENAI, invariavelmente receptivo aos pleitos do Regional de Goiás para ampliação e modernização da infraestrutura colocada à disposição das indústrias. Também fundamental é o papel do Conselho Regional, órgão de caráter normativo, cujos integrantes não medem esforços no sentido de colaborar com a administração, ao oferecer subsídios à atuação global da instituição, dando sugestões, orientações e opiniões valorosas. Afinal, são eles conhecedores da realidade socioeconômica de Goiás, na condição de empresários, profissionais liberais, diretores de instituições, que representam a iniciativa privada e órgãos de governo.

E é em meio ao acelerado desenvolvimento da indústria goiana, cuja taxa de crescimento sempre supera a média nacional e hoje assegura participação de 26% no Produto Interno Bruto (PIB) do Estado, que o SENAI atua para cumprir seu papel dentro do projeto da Federação das Indústrias do

Estado de Goiás (FIEG) – que igualmente comemora, em 2012, seis décadas de existência –, de apoiar e estimular o desenvolvimento do segmento produtivo goiano. Para tanto, o SENAI se expande e se aperfeiçoa para suprir as demandas de um parque industrial cada vez mais diversificado e descentralizado, presente em diferentes pontos do Estado – da indústria automotiva em Anápolis e Catalão à atividade mineradora no Norte, passando pelo segmento sucroalcooleiro em diversos municípios, pela indústria de alimentos e farmoquímica.

Especificamente na última década, ocorreram ampliação e diversificação significativas dos atendimentos do SENAI Goiás às demandas onde o processo industrial se verifica, a partir de uma rede que cobre os principais polos de desenvolvimento do Estado – Região Metropolitana de Goiânia, Centro Goiano (Eixo BR-153), Sudoeste, Sudeste, Sul, Norte, Entorno do Distrito Federal. Além da multiplicação das unidades fixas, boa parte delas integradas com o SESI, a expansão é potencializada com ações flexíveis em espaços ou instalações de clientes e parceiros e por meio de unidades móveis. A Educação a Distância (EaD) amplia e facilita o acesso à qualificação profissional. Os Arranjos Produtivos Locais (APLs), confiados ao SENAI pelo Ministério da Integração Nacional, mudam a cara de muitas cidades, sobretudo no Entorno de Brasília, ao consolidar vocações empreendedoras.

As parcerias com empresas e órgãos públicos em âmbito municipal, estadual e federal, estratégia de comprovada eficiência, esticam o raio de atuação e são responsáveis, mesmo, pela ampliação da rede de ensino. Não por acaso, começou assim nossa história em Minaçu, Catalão, Itumbiara, Rio Verde, Mineiros, Quirinópolis, Niquelândia, Barro Alto, Luziânia, Formosa, Jaraguá, Trindade,

Área de usinagem, alvo de constantes investimentos do SENAI visando à modernização





Goianésia, Trindade, Santa Helena, Aparecida de Goiânia. São as parcerias, afinal, decisivas dentro da “engenharia” feita pelo SENAI para potencializar os recursos além da contribuição compulsória, agregar recursos humanos do quadro de colaboradores das empresas em áreas nas quais a instituição não dispõe de gente especializada, bem como até mesmo utilizar instalações dos clientes.

E, assim, vamos ficando bandeiras de azul e verde – cores das marcas das instituições do Sistema FIEG – em um bom pedaço do mapa do Estado de Goiás. Em 2011, último resultado quantificado, o SENAI marcou presença em 117 dos 246

municípios goianos.

São esses e outros números expressivos, que credenciam a instituição a reiterar o compromisso com o futuro, de continuar seu trabalho, aberta ao entendimento, à negociação, enfim, tornando-se indispensável para a indústria goiana e para quem deseja aprender uma profissão e nela fazer sucesso. Que venham os próximos 60 anos.

(*) **Latoeiro funileiro** – Indivíduo que trabalha em lata ou latão; funileiro; vendedor de artigos de folha-de-flandres.

(**) **Aquilatador** – Aquele que aquilata, determina o quilate ou o número de quilates de: aquilatar o ouro.

Automação industrial, manutenção de aeronaves, açúcar e álcool: o SENAI está sempre na vanguarda dos processos produtivos, qualificando a mão de obra do futuro



POR QUE UM LIVRO?

Deire Assis, jornalista



À direita, seu Eurípedes, na antiga oficina da Travessa Alarcão: “O SENAI é o melhor parceiro que um trabalhador pode ter.”

Ao enxergar aquele homem esguio, vindo correndo em minha direção, na estreita viela de Anápolis, lembrei-me do dia em que nos falamos por telefone:

- *Seu* Eurípedes, me diga o endereço de sua casa para que eu possa ir até aí para conversarmos sobre o SENAI.

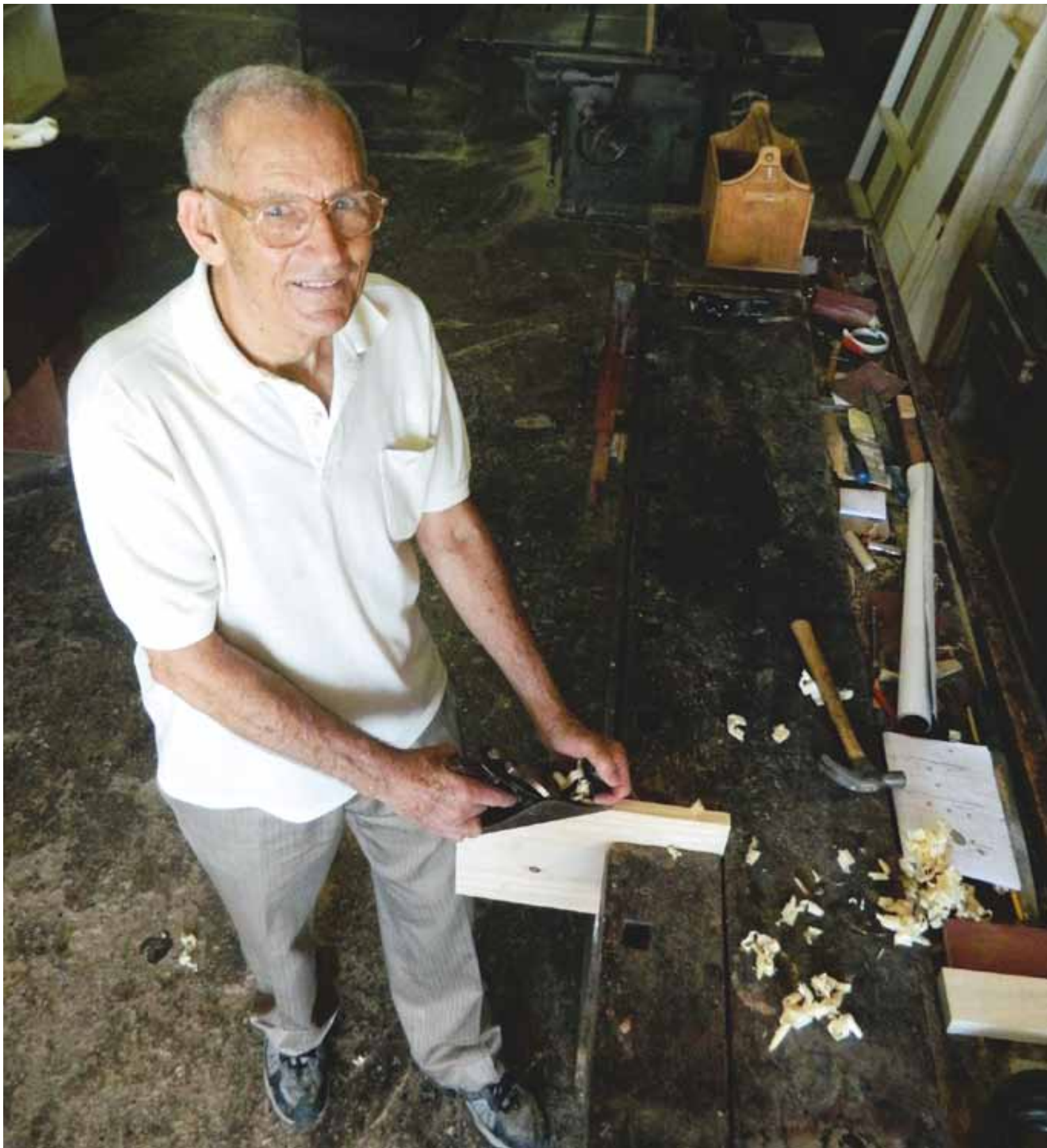
- Não... Não precisa de endereço não. Lá do SENAI você avista minha casa. É um pulo! Fica do outro lado da avenida. Precisa ver que beleza! Uma bênção!

Eu vi. Vi *Seu* Eurípedes falar do SENAI como quem fala do pai amado – de quem ele falou muito também quando me concedeu entrevista para este trabalho –; vi o professor Hélio Santana relatar as lembranças do tempo de aluno e a alegria que sentia quando o macacão usado na oficina mecânica ia ficando desbotado: era sinal de que ele ganhara experiência e conhecimento; vi *Seu* Jair perder o fôlego diante de tantas histórias para contar – afinal, a instituição mudou sua vida e a de

sua família inteira; vi o professor Edson passar, uma após outra, as centenas de fotos reunidas por ele esses anos todos – a fotografia e o SENAI são duas de suas paixões.

Ao ser convidada por Paulo Vargas para realizar este trabalho, nem de longe poderia imaginar o que encontraria pela frente. Mas bastaram poucos passos nessa estrada sexagenária para entender seu pedido. Deveria ser, este, um registro diferente, em que a história do SENAI pudesse ser contada além dos números. Por isso, um livro.

Não se trata, portanto, de um relatório de atividades, de um balanço da indústria. Longe disso! Este trabalho se propõe a contar parte da história construída pelo SENAI de Goiás em 60 anos de existência, a partir do relato de gente que viveu e vive esta instituição “forjadora de homens bons”, como bem define o diretor regional, Paulo Vargas. Afinal, ao SENAI cabe formar homens para o trabalho. Mas além disso: cabe a formação de homens para o exercício da cidadania.





Eurípedes Alarcão, aluno da segunda turma do SENAI em Goiás: morte silencia memória de muitas histórias da instituição.

E foi o que encontrei pelo caminho. Surpreendi-me ao conhecer um SENAI que é muito mais que um Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. O SENAI garantiu que mais de 1,3 milhão de pessoas aprendessem uma profissão nesses 60 anos de história em Goiás. Mas foi além. Plantou nessas pessoas o sentimento de que suas trajetórias de vida podem ser alteradas para melhor e por elas próprias, pela força de seu trabalho. A elas cabe seu futuro.

Ao concluir a tarefa que me foi proposta, sinto-me honrada por ter me aproximado desse universo. Senti vontade de também ter estudado no SENAI, de ter frequentado suas escolas, oficinas e seus laboratórios. E olha: há mesmo muito o que celebrar nesses 60 anos. Uma instituição que forma homens como *Seu Eurípedes* merece muitos

parabéns nesta data.

- O SENAI é o melhor parceiro que um trabalhador pode ter.

É mesmo, *Seu Eurípedes*.

E como pode, o senhor, nos pregar essa peça, *Seu Eurípedes*? Ir sem ver um pedacinho dessa história assim, perenizada? Mas vá lá: perene é mesmo o que o senhor aprendeu e ensinou àqueles que tiveram a honra de conviver contigo ou, ao menos, o privilégio de estar em sua companhia. Vá com Deus, *Seu Eurípedes* (*).

(Eurípedes Alarcão faleceu no dia 12 de fevereiro de 2012, sem ver pronto este trabalho que relata parte de sua história, contada um pouco antes por ele mesmo.*



Jovens aprendem ofício de marcenaria, um dos primeiros oferecidos pela antiga Escola SENAI GO 1, no início da década de 50



UMA HISTÓRIA DE MUITOS PERSONAGENS

Dehovan Lima, jornalista, editor de publicações no Sistema FIEG

Não tenho a idade do SENAI, como alguns personagens deste livro, mas gozo do privilégio de ter acompanhado e, assim, poder ajudar a resgatar quase metade dessa história sexagenária, como muitos outros também o fizeram, boa parte no anonimato, porém cada um com sua parcela de contribuição. Gente como Pedro Brasil, Welington Vieira, José Eduardo de Andrade Neto, Antônio Pinheiro, Sônia Rezende, Geuza Lídia, José Gonzaga Ribeiro, Walmir Telles, Maria de Fátima Teles, Márcio Rezende, Ciro Lisita, Onion Carrijo, Orlando Dias Costa, Antônio Pereira, Sandra Maria Moreira de Souza, Lázaro Bernardes, Paulo Galeno Paranhos, Oltair Rosa Guimarães, Ferdinando Beghelli, Nathan Inácio de Freitas, Edson Rodrigues, Ireny Utino Taniguchi, Javier Godinho, Jacir Silva, Paulo Mamede, Antônio Duarte Teodoro, Teógenes Azevedo, Carlos Henrique Pereira. Muitos continuam a escrever a história da instituição, outros buscaram projetos diferentes.

Uma história de sucesso, como o leitor comprovará, de aprendizado, de realizações pessoais, de profissionais a empreendedores. À frente dos caminhos seguros percorridos, pessoas admiráveis,

como Paulo Vargas, Jeová de Paula Rezende, Aquino Porto, Venerando de Freitas Borges, Paulo Afonso Ferreira, Pedro Alves de Oliveira, João Francisco da Silva Mendes, Manoel Pereira da Costa.

Sou do tempo em que o SENAI era só SENAI – da época da engrenagem e da chaminé que por tantos anos caracterizaram sua identidade –, sempre eficiente, todavia hoje com atuação mais abrangente, flexível, customizada. Não havia o Sistema FIEG, essa estrutura magnífica, simbiose do atendimento prestado à indústria e ao trabalhador, integrada pela própria FIEG, pelo SENAI, SESI, IEL e ICQ Brasil.

Nas últimas três décadas, o mundo assistiu ao surgimento de grandes invenções – entre as maiores delas, a internet, os computadores PC/laptop, o telefone celular, o e-mail. A indústria brasileira, nesse período, experimentou acelerado crescimento e avanço tecnológico, em que o setor produtivo de Goiás contribuiu quantitativa e qualitativamente, com a consolidação de uma indústria moderna e competitiva. Nesse contexto, o SENAI Goiás sempre buscou atuar na vanguarda, com especial atenção às inovações tecnológicas, ao expandir rapidamente sua rede de ensino no Estado, puxada



Logotipo antigo do SENAI, caracterizado pela engrenagem e a chaminé, e o atual: evolução



pela interiorização das atividades econômicas.

Quando ingressei no SENAI, em 1984, a instituição tinha atuação limitada praticamente ao eixo Goiânia-Anápolis, à Região Sudoeste; Gurupi e Araguaína (no hoje Estado do Tocantins), com poucas unidades fixas, e atendia a outras regiões do território goiano por meio de unidades móveis. Para falar em Araguaína, usávamos comunicação via rádio, meio mais barato sempre lembrado pelo saudoso Professor Mariano, então diretor do CFP da cidade tocantinense.

Embora em papel coadjuvante, ajudei a inaugurar boa parte das escolas do SENAI espalhadas no Estado ou, pelo menos, a fixar placas para serem descerradas ou, ainda, a redigir o texto de algumas, orgulhosamente. A primeira delas em Minaçu, Norte goiano, em 1988, quando a instituição assumiu o então Centro de Formação Profissional instalado e equipado pela SAMA. No mesmo ano, nasceram o CFP Catalão e um núcleo de costura em Trindade, seguindo-se, em 1989, a abertura de outro núcleo de costura, em Jaraguá.

Na década de 90, foi a vez de Itumbiara e de Rio Verde. De lá para cá, o SENAI potencializou

a expansão, chegando, juntamente com o SESI e em parceria com a iniciativa privada e o poder público, a Niquelândia, Barro Alto, Luziânia, Formosa, Quirinópolis, Mineiros, Aparecida de Goiânia, Senador Canedo.

Boa parte da história está contada, desde 1983, no antigo *Informativo SENAI*, que circulou ininterruptamente até 2003, quando foi substituído pela revista *Futuro Profissional*, ambas publicações editadas com participação da jornalista Andelaide Pereira.

Em 2004, surgiu a chamada integração, nome dado ao compartilhamento das atividades do Sistema FIEG. Inicialmente, em meio a apreensão natural que toda mudança provoca, pensávamos mesmo que seria uma pedra no caminho, como misturar água e óleo. Mas a aposta deu certo e, o que é melhor, fruto do esforço, do desprendimento dos colaboradores de cada uma das cinco instituições, as quais se fortaleceram e hoje são referências para a sociedade em suas respectivas áreas de atuação.

Em resumo, esta é a história ou, ao menos, recorte dela.



O Luneta, no início da década de 70, SENAI Informativo (1983-2003) e Futuro Profissional, a partir de 2004: registro da história da instituição. À direita, em 1988, o então secretário da Educação, Jônathas Silva (de terno), visita o CFP Ítalo Bologna, acompanhado do diretor regional do SENAI, Paulo Vargas, e assessores



| SUMÁRIO |

Educação e Trabalho, o pacto e o desafio	21
O SENAI chega ao coração do Brasi	27
• Anápolis sedia a primeira escola	28
• Modelo paulista inspira Dom Emanuel	35
• Os primeiros ofícios, aprendidos em rodízio	44
• Jaboticabeiras como sombra	48
• Internato acolhia meninos pobres	50
• “Põe no SENAI que vira gente”	51
• Psicólogo, padre, pai, mãe e professor. Tudo ao mesmo tempo	53
• Mudar sempre, desafio da escola	54
• Família Braz: pai, filho e neto, todos profissionais do SENAI	56
• Dos aprendizes aos tecnólogos	59
• SENAI Roberto Mange – de Ary Azevedo a Francisco Carlos	64
• Anápolis, antes e depois do SENAI	70
• Dom Emanuel, um arcebispo pela Educação	76
• Roberto Mange, o suíço que revolucionou a educação profissional	77
• Nos passos do avô, Roberto Mange	79
Somando conhecimento	83
• SENAI Goiás vai aonde a indústria está	84
• Descentralização rumo ao interior	86
• Por dentro da rede SENAI Goiás	88
A caminhada: ontem, hoje, amanhã	139
. Antigas oficinas, modernos laboratórios	141
. Integração SESI e SENAI, modelo arrojado e exemplar	146

O SENAI por quem fez SENAI	149
• “Pisei esse chão antes mesmo dele se tornar uma escola”	150
• “Tenho uma identidade nova: sou o Hélio Santana do SENAI”	153
• “O SENAI preencheu minha juventude com hábitos saudáveis”	156
• “Do SENAI, saí mais preparado para os desafios da vida”	157
• “No SENAI, aprendi a desenhar e fabricar peças, mas também a planejar e executar sonhos”	158
• “O SENAI me deu visão mais ampla da sociedade”	159
• Johnny, antes e depois do SENAI	161
• Kaic quer chegar lá, também	163
Nas mãos deles	165
• De Ary Azevedo a Paulo Vargas, os diretores do SENAI Goiás	166
Pioneiros e visionários	179
• Presidentes da FIEG, à frente dos destinos do SENAI	180
• Ferreira Pacheco e os primeiros passos pela industrialização	180
• O legado de Aquino Porto	181
• Paulo Afonso Ferreira, empreendedorismo e modernização	182
• Pedro Alves de Oliveira, foco na expansão da rede de ensino	183
Comemorações unem passado e presente	185
• Anápolis em festa, 60 anos depois	186
• Bons exemplos	187
• Formação profissional: alicerce do desenvolvimento socioeconômico	188
• FIEG, 60 anos	192
• Atuação é reconhecida pela sociedade	194
• Homenagens na Assembleia e na Câmara de Anápolis	196
Créditos	201
Fontes de informação	203
Agradecimentos	204



EDUCAÇÃO E TRABALHO, O PACTO E O DESAFIO

*Professor Manoel Pereira da Costa,
diretor de Educação e Tecnologia do SENAI Goiás*

“A utopia esta lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Galiano, 2008.



SENAI, 60 anos em Goiás. Caminha no presente com o olhar no futuro e respeito ao passado. Qualificar, habilitar, aperfeiçoar, especializar, graduar e capacitar são ações que indicam a trajetória da educação profissional da instituição do Sistema FIEG em sua maturidade. Qualificar para o mundo do trabalho, habilitar para as novas tecnologias, aperfeiçoar para novas funções, especializar em conhecimentos mais aprofundados, graduar tecnologicamente para exercício profissional de excelência. Enfim, capacitar pessoas, formar cidadãos aptos para o enfrentamento do mundo do trabalho. Isso é fazer história.

Nesses 60 anos, o SENAI comprometeu-se com a redução das desigualdades sociais, articulou a qualificação com a educação básica do SESI, apostou na formação e valorização de quem faz educação profissional e galgou os três patamares desse processo: o básico – aprendizagem industrial preparando o jovem para o ingresso no seu primei-

ro emprego; o técnico – habilitação profissional em vários segmentos demandados para o mundo do trabalho, como respostas oriundas do crescimento célere do Estado de Goiás; e a graduação tecnológica, que atende ao crescimento do parque industrial goiano com as tecnologias oriundas da nova territorialidade das indústrias, que se voltam para o Centro do País.

A articulação firme e forte do SENAI com o SESI, necessária diante do quadro crítico da educação brasileira, levou a uma parceria voltada para a formação de técnicos nas diversas áreas carentes de mão de obra qualificada. Nessa perspectiva, houve o redimensionamento de conceitos, tais como currículo, trabalho, competência, ensino e aprendizagem. Avançou-se muito no atendimento aos princípios da flexibilidade das ações, na interdisciplinaridade de conteúdos, na contextualização e no pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas.

Teoria e prática foram associadas na aprendizagem do aluno, diante da perspectiva de que o SENAI, conjuntamente com o SESI, precisa preparar os estudantes para executar trabalhos que ainda não existem, usar tecnologias ainda não inventadas, resolver problemas igualmente não identificados. Essa consciência atende ao princípio constitucional da educação para a vida, para o pleno exercício da cidadania e para a qualificação para o trabalho. Na construção de competência do trabalhador do século 21, os requisitos do mundo do trabalho, pactuados com o mundo da educação, levam a educação profissional na formação de jovens para o saber ser (afetivo), saber fazer (psicomotor) e o saber agir (fazer pensando) e os saberes (cognitivo) conduzem ao conhecimento científico, técnico e tecnológico.

Nessa caminhada, rumos possíveis se abrem na busca de formar, de não apenas informar, de transpor a formação de conteúdos memorizados, de repensar a prática pedagógica, de orientar-se para estratégias do dialógico e da mediação, de focar a aprendizagem e de levar o educando ao saber do pensar unindo teoria e prática.

Como se vê, a história do SENAI, em que pesem suas linhas de coerência e harmonia, está longe de fechar-se nos limites de propostas tímidas e repetitivas. Nascido como um desafio, parece carregar a sina de suas origens, devendo sempre mudar para ir adiante; reconhecendo heranças em sua trajetória institucional para iniciar percursos e construir histórias de constante vir-a-ser. É por isso que, em lugar de um ponto final, devemos procurar o presente, que é onde esta história, como todas as outras, deve começar... Como nos diz Guimarães Rosa, “(...) o real não está na saída e nem na chegada, ele se dispõe pra gente é no meio da travessia.”

Um sistema em incessante evolução

Criado em 1942, por iniciativa do empresariado do setor industrial, o SENAI é o maior complexo de educação profissional e tecnológica da América Latina, qualificando mais de 2,3 milhões de trabalhadores brasileiros a cada ano. Também apoia empresas em 28 áreas industriais, por meio da formação de recursos humanos e da prestação de serviços técnicos e tecnológicos, como consultoria e assistência ao setor produtivo, laboratoriais, pesquisa aplicada e informação tecnológica.

Articulação entre educação básica e educação profissional e expertises do SENAI e do SESI para formar técnicos em diversas áreas carentes de mão de obra







SUCESSO TEM FÓRMULA

Claudio de Moura Castro

“Serve para toda competição: qualidade valorizada, seleção dos melhores, prática obsessiva e persistência. Quem aplicar essa receita terá os mesmos resultados”



Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares e, dessa forma, muito mais do que os mares. Para isso tinha os melhores navios. E, para tê-los, precisava de excelentes carpinteiros navais, capazes de dominar as técnicas e criar, em madeira, estruturas extraordinariamente rígidas. Com a evolução das chapas de ferro, os navios passaram a ter couraça metálica. Impossível manter a superioridade sem caldeireiros e mecânicos competentes. Por isso, a Inglaterra investiu em mecânicos e caldeireiros de primeira linha, continuando a dominar os mares. Uma potência mundial não se viabiliza sem a potência dos seus operários.

A Revolução Industrial tardia da Alemanha foi alavancada pela criação do mais respeitado sistema de formação técnica e vocacional do mundo. Não é por outra razão que enchemos a boca para falar da “engenharia alemã”. Uns antes, outros depois, todos os países industrializados montaram sistemas sólidos e amplos de formação profissional, fosse para construir locomotivas, aviões ou naves espaciais.

Assim como temos a Olimpíada para comparar os atletas de diferentes países, existe a Olimpíada do Conhecimento (World Skills International). Esta iniciativa das nações altamente industrializadas permite cotejar diversos sistemas de formação profissional. Os representantes de cada país competem nos ofícios centenários, como tornearia e marcenaria, mas também em desenho de websites ou robótica.

Em 1982, um país novato nesses misteres se atreveu a participar dessa Olimpíada: o Brasil, por meio do SENAI. E lá viu qual era o seu lugar, pois não ganhou uma só medalha. Mas em 1985 conseguiu chegar ao 13º lugar. Em 2001 saltou para o sexto. Aliás, permanece sendo o único país do Terceiro Mundo a participar, entra ano e sai ano.

Em 2007, tirou o segundo lugar. Em 2009, tirou o terceiro, competindo com 539 alunos, de sete Estados, em 44 ocupações. É isso mesmo, os graduados do SENAI, incluindo alunos de Alagoas, Goiás e Rio Grande do Norte, conseguiram colocar o Brasil como o segundo e o terceiro me-

lhores do mundo em formação profissional! Não é pouca porcaria para quem, faz meio século, importava banha de porco, pentes, palitos, sapatos e manteiga! E que, praticamente, não tinha centros de formação profissional.

Deve haver um segredo para esse resultado que mais parece milagre, quando consideramos que o Brasil, no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), começou em último lugar e, em anos subsequentes, continua entre os piores. Mas nem há milagres, nem tapetão. Trata-se de uma fórmula simples, composta de quatro ingredientes.

Em primeiro lugar, é necessário ter um sistema de formação profissional com a competência e organização necessárias para preparar milhões de alunos. Esse sistema precisa dispor de instrutores competentes e capazes de ensinar em padrões de Primeiro Mundo. Para isso, precisam saber fazer e saber ensinar. Diplomas não interessam (quem sabe nossa educação acadêmica teria alguma lição a tirar daí?).

Em segundo lugar, cumpre selecionar os melhores candidatos para a Olimpíada. O princípio é simples (mas a logística é diabolicamente complexa). Cada escola do SENAI faz um concurso, para escolher os vencedores em cada profissão. Esse time participa então de uma competição no seu Estado. Por fim, os times estaduais participam de uma Olimpíada nacional. Dali se pescam os que vão representar o Brasil. É a meritocracia em ação.

O processo não para aí, em terceiro lugar, os vencedores mergulham em árduo período de preparação, por mais de um ano. Ficam inteiramente dedicados às tarefas de aperfeiçoar seus conhecimentos da profissão. Para isso, são acompanhados pelos mais destacados instrutores do SENAI, em



Ex-aluno da Escola SENAI Itumbiara, Rafael Borges (último, em pé, à direita) festeja com a delegação brasileira o 3º lugar no WorldSkills, no Canadá, em 2009

regime de tutoria individual.

Em quarto, é preciso insistir, dar tempo ao tempo. Para passar do último lugar, em 1983, para o segundo, em 2007, transcorreram 22 anos. Portanto, a persistência é essencial.

Essa quádrupla fórmula garantiu o avanço progressivo do Brasil nesse certame no qual apenas cachorro grande entra – e só os muito grandes conseguem as melhores posições. Para começar, nada feito sem um ótimo sistema de centros de formação profissional. Os parâmetros de qualidade são determinados pelas práticas industriais consagradas, e não por elucubrações de professores. Há que aceitar a ideia de peneirar sistematicamente, na busca dos melhores candidatos. É a crença na meritocracia, muito contestada no ensino acadêmico. Finalmente, é preciso muito esforço, muito mesmo. Para passar na frente de Alemanha e Suíça, só suando a camisa. E acima de tudo, é preciso não esquecer, não foi o ato heroico, mas a continuidade que trouxe a vitória.

A fórmula serve para toda competição: qualidade valorizada, seleção dos melhores, prática obsessiva e persistência. Quem aplicar essa receita terá os mesmos resultados.

“Assim como temos a Olimpíada para comparar os atletas de diferentes países, existe a Olimpíada do Conhecimento (World Skills International). Esta iniciativa das nações altamente industrializadas permite cotejar diversos sistemas de formação profissional.”

Claudio de Moura Castro é economista -
claudiodemouracastro@positivo.com.br
Artigo publicado na revista Veja de 24
de fevereiro de 2010
- <http://veja.abril.com.br>





**O SENAI CHEGA AO
CORACÃO DO BRASIL**



ANÁPOLIS SEDIA A PRIMEIRA ESCOLA

9 de março de 1952. Chega o grande dia. Jornais, como A Gazeta, de São Paulo, noticiam a instalação da Escola SENAI GO 1, que vive expectativa de receber comitivas de São Paulo e do Rio para a inauguração oficial (à direita)



O filme é em preto e branco. A tomada aérea mostra uma cidade horizontal, compacta, no coração do Brasil. Manhã ensolarada, cerrado a perder de vista na margem direita do Ribeirão das Antas. É domingo. À espera da comitiva que viajara em dois aviões que partiram de São Paulo (SP) e do Rio de Janeiro (RJ) rumo a Anápolis (GO), liderada pelo visionário engenheiro e educador suíço Roberto Mange, há uma comunidade em festa. A escola recém-construída na confluência do principal eixo viário da cidade tem seus belos e imponentes arcos da fachada adornados para o grande dia. Adolescentes uniformizados estão posicionados para a execução do Hino Nacional. Está tudo pronto. O sonho de Dom Emanuel Gomes de Oliveira se tornara realidade e tem nome: Escola SENAI GO 1.

É 9 de março de 1952. Quatro anos antes, em 1948, tivera início a construção da primeira unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) no Estado de Goiás. Anápolis,

município à época com pouco mais de 30 mil habitantes e um parque industrial com quase nenhuma projeção, dedicado às monoculturas, foi eleito para abrigar a escola graças ao empenho do então arcebispo metropolitano de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira. O bispo, que recebera o título de Arcebispo da Instrução, era conhecido por “plantar escolas por onde passava.” (1) E coube justamente à instituição que representava, a Mitra Arquidiocesana Santana de Goiás, a doação de mais da metade da área do terreno onde a unidade foi erguida.

Do total de 21,7 mil metros quadrados da área ocupada pela nova escola, 12,2 mil metros quadrados foram doados pela instituição religiosa (veja quadro nas páginas 38 e 39). O restante foi adquirido pela então 6ª Delegacia Regional do SENAI de São Paulo – à qual era subordinado o território de Goiás –, comandada à época pelo engenheiro Roberto Mange, educador que deu nome à primeira unidade da instituição instalada no Estado. Texto produzido por um dos ex-direto-





res da escola, Mário de Oliveira, em novembro de 1967 – ele dirigiu a unidade de 1966 a 1976 – confirma o plantio da semente pelas mãos de Dom Emanuel.

“Desencorajado pelas autoridades do Distrito Salesiano de Goiás, quando pleiteara a construção de mais um ginásio em Anápolis, o idealista Dom Emanuel teve a feliz ideia de expor seu problema a um apaixonado pelo ensino industrial, o saudoso professor Roberto Mange (...)”, diz o documento. E Roberto Mange o ouviu. Porque não há dúvida de que Dom Emanuel Gomes de Oliveira teve

participação decisiva na escolha de Anápolis para abrigar a primeira escola do SENAI no Estado. Todos aqueles que se debruçaram sobre a história da instituição são unânimes em atribuir a ele a iniciativa de buscar, na figura de Roberto Mange, o apoio de que precisava para trazer para Goiás uma escola que pudesse ensinar um ofício aos meninos pobres de Anápolis e municípios vizinhos.

NOTA - (1) MENEZES, Irmã Áurea Cordeiro. *Dom Emanuel Gomes de Oliveira – Arcebispo da Instrução*. Goiânia: Agepel. 2001).

Instalada no início da década de 50, a Escola SENAI GO 1 tinha originalmente fachada com imponentes arcos, encobertos por reforma nos anos 80, layout mantido até hoje pela atual Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange





*Mecânico serralheiro e
carpinteiro, dois dos primeiros
ofícios oferecidos pelo SENAI
para atender pequenas
indústrias então existentes em
Goiás na década de 50*





INAUGURADA A ESCOLA SENAI DE ANAPOLIS



Figurante apontado na oficina da nova escola, realizada na presença de Juracy Figueira Duarte, vice-governador do Estado de Goiás e o deputado Eurvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional da Indústria.

Instaurada ontem a cerimônia de inauguração oficial da escola de Anápolis, Goiás, do SENAI.

Esta instituição oferece para os jovens desta cidade excelentes condições de ensino de nível de instrução de aproveitamento em seus diversos cursos, a saber: de alfabetização, de ensino médio, de ensino superior e de ensino técnico.

Finalmente foram vistos o Sr. Eurvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional da Indústria, e o Sr. Juracy Figueira Duarte, vice-governador do Estado de Goiás, em visita à escola de Anápolis.

Terminada a cerimônia, os jovens foram encaminhados para o ensino técnico.

A chegada do SENAI a Anápolis, cuja importância repercutiu em jornais da época, é atribuída ao entusiasmo de Dom Emanuel Gomes com a educação profissionalizante, cujas atividades o religioso acompanhava em escolas da instituição em São Paulo, onde os salesianos mantinham convênio para formação de jovens





Modelo paulista inspira Dom Emanuel

No livro *Dom Emanuel Gomes de Oliveira – Arcebispo da Instrução* (Agepel, 2001), em que a Irmã Áurea Cordeiro de Menezes traça a vida e a obra de Dom Emanuel, há o relato de passagens que asseguram ser a chegada do SENAI em Goiás fruto do entusiasmo deste religioso com a educação profissionalizante. De acordo com a autora, quando vivia em São Paulo, o arcebispo seguia de perto as atividades desenvolvidas na Escola do SENAI que funcionava no bairro do Bom Retiro, na capital paulista. O mesmo ocorria em Campinas (SP), onde os salesianos mantinham convênio com a instituição para a educação de jovens de São Paulo. Durante o dia, as unidades funcionavam como escolas católicas. À noite, se transformavam num celeiro de futuros trabalhadores, com oficinas do SENAI funcionando a todo vapor.

Encantado com esse modelo de escola e cer-

to de que Anápolis tinha tudo para se transformar num importante polo industrial no Estado, o arcebispo procurou o então diretor da 6ª Delegacia Regional do SENAI em São Paulo, engenheiro Roberto Mange – de quem, segundo a autora, Dom Emanuel “era amicíssimo” – para propor-lhe a construção de uma unidade em Goiás. Segundo afirma, Roberto Mange teria dito, no pronunciamento que fez durante a solenidade de abertura da nova escola: “Esse discurso congratulatório deve ser dirigido ao senhor arcebispo e não a mim, porque foi ele que me procurou, tratando do assunto, e foi ele quem deu andamento a tudo, quando eu nem sabia da existência dessa promissora cidade de Anápolis”, diz a autora. (2) “Dom Emanuel, que sonhava com as escolas profissionalizantes, viu assim realizado mais um dos seus sonhos”, completa.

Notícias publicadas por jornais da época sugere-



Dom Emanuel Gomes de Oliveira: “Preito de Veneração e Reconhecimento da Arquidiocese de Goiás” pelo seu trabalho



NOTA - (2) Nossa pesquisa não identificou a fonte de onde a autora retirou trecho do discurso de Roberto Mange.

rem a importância do acontecimento que marcou a inauguração oficial da Escola SENAI GO I, na manhã do dia 9 de março de 1952. O evento reuniu, num só lugar, autoridades municipais, estaduais e federais, integrantes da Igreja e representantes do setor produtivo, sobretudo de Goiás, São Paulo e do Rio de Janeiro. O jornal *O Anápolis*, de 13 de março de 1952, informava a vinda à cidade, para a solenidade, de uma caravana de São Paulo composta por 30 pessoas. Outras dezenas de autoridades do Rio de Janeiro, segundo a publicação, também prestigiaram a festa preparada para abertura oficial da escola. À frente do novo centro de formação profissional, famílias inteiras, de Anápolis e cidades vizinhas, compareceram ao evento.

As cenas descritas na abertura desse trabalho integram um filme cuidadosamente guardado nos arquivos da antiga Escola SENAI GO I – hoje Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange.

Integrantes do Lyons de Anápolis e São Paulo reunidos prestigiam a inauguração da Escola SENAI GO 1



É o registro histórico daquela manhã de março, que mudaria os rumos da educação profissional no Estado de Goiás. Entre as cenas, a chegada das autoridades, os discursos dos ilustres visitantes, a recepção preparada pelos alunos já matriculados no centro de formação, a visita às instalações da escola. Nos semblantes de pais e mães daqueles jovens, sentimentos de gratidão e esperança. Anápolis estava mesmo em festa.

Os arquivos que integram o acervo histórico da unidade dão conta de que estavam presentes àquela solenidade, além do engenheiro Roberto Mange, várias outras autoridades da época, como o então vice-governador de Goiás, Jonas Ferreira Duarte – que representou no evento o então governador Pedro Ludovico Teixeira – e o secretário de Estado da Educação na época, José Trindade da Fonseca e Silva; então prefeitos de Goiânia e Anápolis, Venerando Freitas Borges e Sócrates Marchocheu Diniz, respectivamente; senadores Dario Cardoso e Domingos Velasco; deputados federais Euvaldo Lodi, então presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Benedito Vaz, João Abreu, Plínio Caio e Uriel Alvim; então diretor do Departamento Nacional do SENAI, Joaquim Faria Góes Filho; religioso José Bellotti, que representou o arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira.

Ainda segundo notícia publicada pelo jornal *O Anápolis*, fizeram uso da palavra, naquela manhã, primeiramente, o então diretor da 6ª Delegacia Regional do SENAI de São Paulo, Roberto Mange, que teria falado sobre sua relação de amizade com o arcebispo de Goiás, Dom Emanuel, e do apoio dos governos locais e da Igreja para concretização daquele projeto, a construção da Escola SENAI GO I.



“Exatamente às 10h30, sob prolongada salva de palmas, usou da palavra o dr. Roberto Mange. O ilustrado professor e diretor do Departamento Regional da 6ª Região do SENAI iniciou a sua bela oração relembrando a primeira visita que fizera a Goiás e a emoção de que se achava possuído, pois era a última unidade da federação que lhe faltava conhecer. E maior foi a sua emoção quando, ao desembarcar em Goiânia, estava a esperá-lo S. Excia. Revma. Dom Emanuel Gomes de Oliveira, o querido Arcebispo de Goiás. Isso em 1947. Em seguida (...) relatou os entendimentos que, com o apoio de Dom

Emanuel, teve com o Governo do Estado e a Prefeitura de Anápolis. E adiantou que, em nenhum outro lugar do Brasil, o SENAI conseguiu dos poderes públicos o que obteve em Goiás (...).” (3)

Em seu discurso, o então deputado federal, presidente da CNI e do Conselho Nacional do SENAI, Eivaldo Lodi, teria abordado a importância de Anápolis no cenário local e as realizações da instituição nos seus primeiros dez anos de fundação. Seria aquela unidade do SENAI, segundo ele, a 110ª escola instalada no País.

Momento histórico: Eivaldo Lodi, então deputado federal e presidente da CNI, discursa em Anápolis ao entregar a 110ª escola instalada pelo SENAI no País em seus primeiros dez anos de criação. Atrás dele, Roberto Mange e Ítalo Bologna

NOTA - (3) Trecho de notícia publicada no jornal *O Anápolis*, de 13 de março de 1952. Arquivo Fatec SENAI Roberto Mange.

O terreno onde foi construída a Escola SENAI GO 1



1 – Proprietário anterior: Odorico Silva Leão
Área: 3.588,91 m²
Modalidade: aquisição

2 – Proprietário anterior: Cia. Fabril e Comercial Ltda.
Área: 5.888,18 m²
Modalidade: aquisição

3 – Proprietário anterior: Mitra Arquidiocesana
Santana de Goiás
Área: 12.280,74 m²
Modalidade: doação

Área total da FATEC SENAI ROBERTO MANGE: 21.757,83 m²



Vista aérea de Anápolis no início da década de 50: em uma cidade pouco urbanizada, com cerca de 30 mil habitantes, nasce o SENAI em Goiás









Anápolis em duas épocas: imagens aéreas mostram acelerada urbanização da cidade e a modificação na fachada da unidade pioneira do SENAI





Os primeiros ofícios, aprendidos em rodízio



João Ferreira Filho, da primeira turma de alunos do SENAI, de 1951 (como mostra ficha de matrícula na página seguinte, ao alto), quase um ano antes da inauguração oficial da unidade

João Ferreira Filho, 14 anos; Hariolo de Alcântara, 13 anos; Carlos José Pereira da Costa, 14 anos; Barbuse Pires Leal, 14 anos; Vilácio Ribeiro Furtado, 16 anos; Deusdeth Dias da Silva, 16 anos; Joaquim José de Sá, 13 anos; e Deusdeth Ribeiro Araújo, 14 anos. Esses oito jovens foram os primeiros alunos matriculados na então Escola SENAI GO I, ainda em 1951. Regra geral nas escolas do SENAI pelo Brasil afora, a abertura dos portões para os jovens aprendizes ocorre sempre antes das cerimônias que marcam as inaugurações oficiais das unidades. Foi assim também em Anápolis. Em meados de 1951, portanto quase um ano antes daquela manhã de março de 1952, um grupo de meninos de Anápolis e de cidades vizinhas já começava a aprender uma profissão.

A matrícula do aluno João Ferreira Filho, por exemplo, está registrada com data de 1º de junho de 1951. O menino, segundo sua ficha de inscrição no SENAI, natural de Luz (MG), morava em Anápolis e matriculou-se no curso CP – Curso Preparatório. Nessa modalidade, os futuros artífices passavam por todas as práticas de ensino disponíveis para, só então, escolher que profissão seguir.

Quando iniciou suas atividades, a então Escola SENAI GO I oferecia cursos de mecânico serralheiro, carpinteiro e pedreiro. A passagem por essas modalidades ocorria em forma de rodízio. E, além de aprender a técnica dessas profissões, os alunos tinham também aulas de português, matemática e ciências. No primeiro semestre de funcionamento, foi bastante reduzido o número de alunos matriculados, sobretudo pela dificuldade que as famílias

enfrentavam para enviar seus jovens para a educação profissional no centro de formação.

Em 1952, a Escola SENAI GO I passou a oferecer 50 vagas no internato que entrou em funcionamento nas dependências da unidade. Com isso, avolumaram-se as inscrições para os cursos oferecidos pela unidade. Ali, passaram a buscar formação meninos oriundos de cidades como Formosa, Catalão, Araguari, Goiânia, Ipameri, São Miguel, Inhumas, Uberaba, Piracanjuba, Campo Formoso, Capoeirão, Martinópolis, Goiás, Niquelândia, Estrela do Sul, Petrolina e tantas outras. Chegavam às vezes de pés no chão, sem nada. Ali encontravam a possibilidade de um novo e promissor futuro.



Alvará de licença expedido pela Prefeitura de Anápolis para construção da unidade do SENAI, incluindo três pavilhões – escola, oficina e internato – na Vila Sant'Ana

MATRICULA	
Nome: JOÃO FERNANDA VILHO	
Data matric: 18/11/58	
DADOS PESSOAIS	
Data nascimento: 07/07/37	Sexo: Masculino
Cidade: Itaú	Município: Itaú
País: Brasil	Estado: Goias
Pai: 2080 Pedreira de Itaú	
Mãe: Ant. Rodrigues de Jesus	
Residência: Rua General J. Tracin N.º 8 Itaú	
CERTIFICADO DE RESERV. OU CERTIFICADO DE ALISTAM.	
N.º:	Relat. expul.:
LOCAIS DE TRABALHO	
Firma:	Endereço:
Firma:	Endereço:
RESULTADOS SELEÇÃO	
Média: 43	Categoria: C
VIDA ESCOLAR	
APROVEITAMENTO ESCOLAR	
TEORIA	
FREQÜÊNCIA	
NOTAS	
OFICINA	

Jovens em aula prática do curso de pedreiro do SENAI em 1958. Na época, os futuros artesãos passavam por todas as áreas de ensino disponíveis para, só então, escolher que profissão seguir





No final dos anos 60, antigas oficinas de mecânica de automóveis (ao lado), eletricidade (abaixo), ferramentaria e marcenaria do Centro de Formação Profissional SENAI Roberto Mange







Jabuticabeiras como sombra

Foi no quintal da casa da avó, Joaquina Alarcão, sob a sombra de duas ou três jabuticabeiras, que o sonho de *Seu* Eurípedes se tornou realidade. Estava tudo certo. Não tinha como dar errado. O SENAI o tinha ensinado uma profissão. O pai era empregado de uma marcenaria, reconhecido pelo trabalho de boa qualidade. Era hora de abrirem o próprio negócio.

Eurípedes Monteiro Alarcão, um homem de fé desconcertante. Mais velho de seis irmãos, filho de Joaquim e Bernardina, nasceu em Anápolis e viveu a vida inteira na mesma rua, a Travessa Alarcão, margem esquerda do Ribeirão das Antas, até sua morte, em fevereiro de 2012, pouco depois de contar boa parte sua vida para compor a história dos 60 anos do SENAI Goiás. Da porta de casa,

avistava a fachada da escola, o que lhe enchia de orgulho. “Para chegar até lá, é um pulo.”

E *Seu* Eurípedes chegou lá. Tinha 14 anos, na época. “Sou da segunda turma.” Filho e neto de carpinteiro, recebeu do pai, um ano antes, uma caixa de engraxates para ajudar nas despesas da casa. Mas sabia que podia mais e correu atrás de seu sonho. “Eu disse em casa que queria estudar no SENAI e me matriculei. Terminei o curso de marceneiro em 1953 com apenas três faltas.”

Com o diploma nas mãos, o então jovem Eurípedes convenceu o pai a deixar a firma onde trabalhava para montarem a própria oficina. E foi ali, no quintal da casa da avó, sob a sombra das jabuticabeiras, que nasceu a Alarcão Instalações Comerciais Ltda. “Quando chovia, tínhamos que correr com tudo para dentro de casa para não molhar.”

Com seis meses de trabalho, conseguiram construir um pequeno barracão de madeira. “Aí não precisava mais sair correndo da chuva.” Compraram as primeiras máquinas. Em 1957, com Brasília em obras, a oficina começou a contratar mão de obra para dar conta de tantas encomendas. Ex-alunos do SENAI, como *Seu* Eurípedes, tinham prioridade.

Pelas mãos dele e de seu pai nasceu a maioria das instalações de móveis, armários e balcões de madeira das primeiras agências bancárias instaladas em Brasília, Goiânia e Anápolis na década de 1950. “Éramos procurados por tudo quanto era gente. Pela qualidade e pela pontualidade no serviço. Honrávamos sempre nossos contratos e nunca recebemos uma reclamação sequer. Aprendi a trabalhar assim com o meu pai e o SENAI.”

Antiga oficina de marcenaria do CFP Roberto Mange, “a escola” de seu Eurípedes, onde ele foi aluno e instrutor



Mesmo depois de muito tempo no mercado, *Seu* Eurípedes continuou contando com a ajuda de sua ex-escola. “Foi sempre lá que busquei soluções para os problemas que enfrentávamos. Era a meus antigos mestres que eu recorria.” Do alto dos seus 72 anos, o marceneiro lembrava-se de cada um deles, citando seus nomes, com olhar distante, como a lembrar de um passado saudoso.

“*Seu* Ary de Azevedo, que era diretor quando eu estudava lá; Rui Rezende, o secretário; Ananias, professor de matemática; *Seu* Acari, professor de desenho, João Conceição, nosso professor de ciências; nosso querido professor Joca, de quem tenho muita saudade e meus mestres da marcenaria, os professores Domingos e Adalcides. Lembro de cada um deles em minhas orações.”

O marceneiro da Travessa Alarcão falava do SENAI como quem fala da própria família. “Devo muita gratidão à escola. O SENAI foi como uma bênção de Deus na minha vida e de tantos outros jovens não só na minha época, mas até hoje. Se me tornei o profissional e o pai de família que sou, devo muito a meus estudos no SENAI.”

E quanta coisa *Seu* Eurípedes aprendeu. Consciência ambiental, hoje uma prática difundida, o acompanha desde que foi buscar sua formação, na adolescência. Todos os móveis de casa, desde o altar todo em madeira que fez para São Francisco, o santo da sua devoção, aos lustres de madeira espalhados pelo imóvel, são fruto de reaproveitamento. “Lembro-me até hoje das lições dos nossos professores do SENAI, para que nada fosse desperdiçado. Ensinaamentos que pratiquei a minha vida inteira.” Nos altares das igrejas, nas lojas

comerciais, por toda parte, em Anápolis, tem um pouco do ofício do marceneiro.

Na velha oficina, *Seu* Eurípedes trabalhava ao lado do irmão caçula, Ivan de Castro Alarcão, de 56 anos, também ex-aluno do SENAI em Anápolis. Ali estão desempenadeiras, desengrossadeiras, serras circulares, aparadeiras, tupias e toda sorte de maquinário necessário ao seu ofício. No fundo do barracão, a antiga bancada onde o pai Joaquim trabalhava continua no mesmo lugar. “Ela nos deu o sustento de cada dia. Quando ele morreu, nós o velamos ali. Não há um dia que não me lembro do meu pai, que tinha muito orgulho da formação que tive no SENAI.”

O marceneiro nunca deixou de frequentar a “sua escola”. Fez muitos amigos lá. Sempre que podia, dava uma passadinha para revê-los. E chegou a ser instrutor em curso de marcenaria, no período noturno. “O homem precisa aprender sempre. Nunca pode achar que já sabe tudo. Eu estou aprendendo até hoje. E aprendo muito com o SENAI, o melhor parceiro que um trabalhador pode ter.”

Na memória desse homem simples de 72 anos, uma lembrança dos seus 14 anos, quando aluno da primeira escola do SENAI em Goiás o faz sorrir. “Quer ver como eu ainda me lembro do refrão do hino da escola?”

*“Estudantes e cantores
Do SENAI, do SENAI
Aprendeí ofícios
Sejais sempre alegres
Dim, dim, dom
Dim, dim, dom.”*



Eurípedes Alarcão, filho e neto de marceneiro: exemplo



Internato acolhia meninos pobres

// Lembro-me de segurar suas mãozinhas pequenas e atravessar com ele pela pinguela sobre o Ribeirão das Antas para chegar até a escola.” A lembrança faz parte do baú de memórias do bancário aposentado Ruy Sebastião Resende, de 79 anos. Mineiro de Estrela do Sul (MG), ele mudou-se ainda rapaz para Anápolis. Tão logo viu a notícia de que começava a funcionar na cidade uma escola do SENAI, participou da primeira seleção para contratação de funcionários. Foi aprovado e passou a trabalhar como secretário da Escola SENAI GO I, braço direito do primeiro diretor da unidade, Ary de Azevedo.

Permaneceu na função por cinco anos, até ser aprovado em um concurso do antigo Banespa.

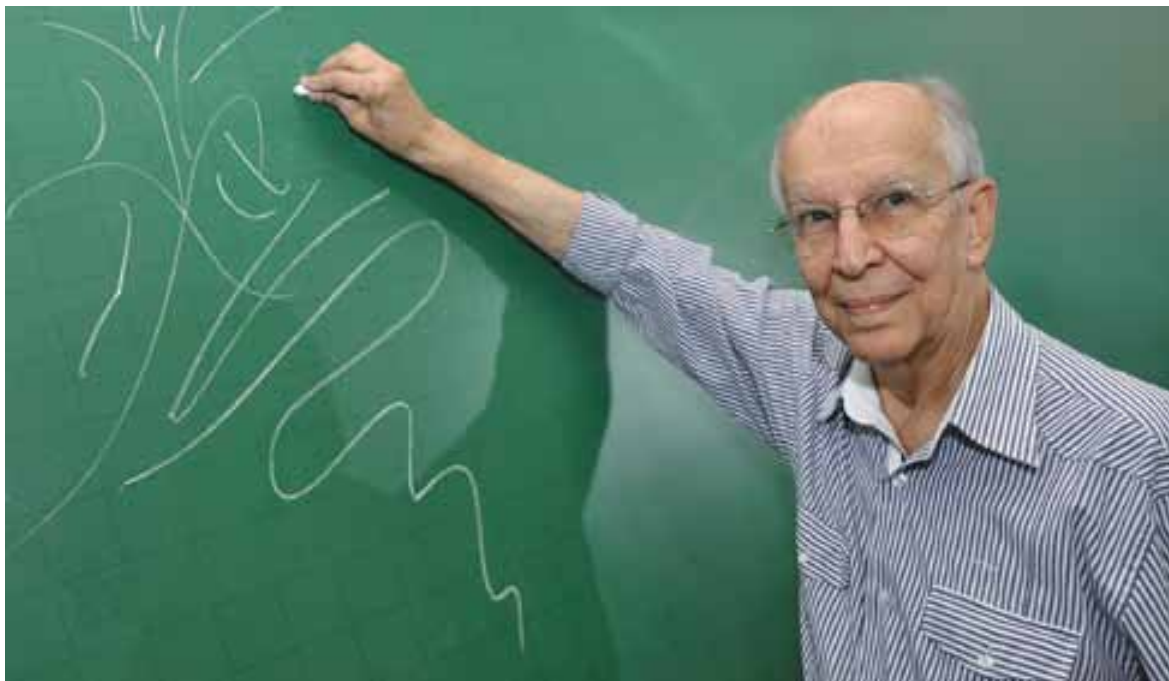
Era ele o responsável por boa parte das atividades administrativas e operacionais da escola. Orgulha-se de dizer que fez grande amizade com o então diretor Ary de Azevedo. “Ele era muito criterioso e gostava de tudo certinho. Nada podia sair dos eixos”, recorda.

Pouco tempo depois de começar as atividades na escola, Ruy Resende viu chegar ao centro de formação um menino pobre, negro, muito jovem e sem família. Vivia em Inhumas e não tinha condições de manter-se em Anápolis durante o tempo que durasse o curso de mecânica. Sem vagas no internato, na época, Ruy abriu a porta da própria casa para abrigar o menino, João Ferreira de Souza. “Ele ficou morando comigo até surgir uma vaga no internato. Se tornou como um filho para mim”, conta o ex-secretário. Formado em mecânica na escola SENAI de Anápolis, João Ferreira é proprietário de uma grande oficina de automóveis em São Paulo (SP).

Ruy Resende diz que guarda muitas boas lembranças do tempo em que trabalhou no SENAI. “Sempre me senti em casa lá e até hoje tenho grandes amigos que fiz na escola ainda na época da minha juventude.” Gosta de se lembrar da rotina diária que tinha quando secretário da escola, colocando tudo em ordem, como determinava o diretor. Era ele quem comandava as chaves da casa, organizava os adolescentes na sala de aula e comandava o internato. Também atendia pais aflitos de cidades vizinhas e de municípios distantes também, à procura de uma vaga para seus filhos. “Nossa alegria, no final, era saber que muitos daqueles meninos pobres já saíam da escola contratados”, diz.



Ruy Sebastião Resende, hoje bancário aposentado, participou da primeira seleção para contratação de funcionários do SENAI Anápolis, onde foi secretário. No baú de memórias, histórias dos meninos que viviam no internato



Acari dos Santos Dias e as lembranças dos tempos de professor de Desenho Técnico do SENAI: “Os meninos faziam seus estágios nas empresas e já eram contratados”

“Põe no SENAI que vira gente”

Da casa do bispo – Dom Emanuel Gomes de Oliveira –, que depois se transformou em museu de Anápolis, o ainda jovem professor de Desenho Técnico da então Escola SENAI GO I, Acari dos Santos Dias, hoje com 80 anos, o escutava dizendo: “Até que enfim estou vendo a minha escola.” Lá do alto de sua casa ele avistava a escola e dizia: “Põe no SENAI que vira gente.” E era mesmo essa a esperança de tantas famílias que confiavam seus filhos aos cuidados dos mestres da recém-inaugurada escola de ensino profissionalizante.

“Os meninos chegavam de tudo quanto era canto. O internato vivia lotado, com 50, 55 adolescentes. Eles viviam aquilo ali”, lembra Seu Acari. “Vinham aprender uma profissão, mudar o destino de suas vidas e de suas famílias.” O professor aposentado faz parte dessa história. Lá nas lembranças de *Seu Eurípedes Alarcão*, o marceneiro que mon-

tou sua oficina sob as jabuticabeiras no quintal da casa da avó, está a gratidão pelos ensinamentos do ex-professor de Desenho Técnico, Acari dos Santos.

Ele nasceu em Corumbáiba, mas formou-se na Escola Técnica Federal do Rio de Janeiro. Mudou-se para Anápolis com 24 anos. A Escola SENAI GO I funcionava há dois anos quando foi admitido, via concurso, para lecionar na unidade. Lá permaneceu por 14 anos, quando abraçou outros projetos, também na educação. Foi professor de Ensino Médio e aposentou-se como professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG), onde atuou por 25 anos. “O SENAI abriu-me as portas quando eu era só um jovem professor”, recorda.

Segundo *Seu Acari*, Anápolis iniciava sua caminhada rumo à industrialização e carecia de mão de obra especializada. E esse era o papel do SENAI: formar mão de obra capaz de atender a

A criação

Criado pelo decreto-lei 4.048, do então presidente Getúlio Vargas, o SENAI surgiu para atender a uma necessidade premente: a formação de profissionais qualificados para a incipiente indústria de base. Já na ocasião, estava claro que sem educação profissional não haveria desenvolvimento industrial para o País.

uma demanda crescente da indústria. “Os meninos faziam seus estágios nas empresas e já eram contratados”, conta. Na sala de aula, professor Acari ensinava aos alunos de todas as áreas especializadas da escola como projetar seus trabalhos. “Primeiro eles desenhavam. Depois, seguiam para as oficinas para colocar em prática o que tinham projetado.”

Além de professor de Desenho Técnico, coube a Acari tomar conta do internato por cerca de um ano. “Tinha hora para tudo. Era a chamada ‘hora SENAI’. Nem um minuto a mais, nenhum minuto a menos”, brinca. Aos sábados, no entanto, recorda-se, a ordem dava lugar à alegria. “Professores, alunos e funcionários se reuniam no campinho dentro da escola para uma partida de futebol depois das 13 horas, quando se encerrava o expediente.”

Ainda sobre a “hora SENAI”, *Seu Acari* se lembra de uma passagem curiosa. Aprovado em 1º lugar no concurso para professor, em 1955, pode escolher onde queria trabalhar. Optou pelo

Departamento Regional de São Paulo. Um dia, marcou audiência com o então diretor da unidade, engenheiro Roberto Mange, às 13 horas. “Cheguei às 13h02 e ele não me atendeu porque eu estava atrasado. No dia seguinte, cheguei 15 minutos mais cedo e ele se atrasou. Humildemente, sentou-se à minha frente e se desculpou”, lembra. “Desde então, ele sempre mandava me chamar: ‘O professor lá de Goiás’”, dizia Roberto Mange.

Nas lembranças de *Seu Acari* estão os anos todos que passou no SENAI e, sobretudo, a amizade que desenvolveu com o primeiro diretor da unidade, Ary de Azevedo. “Era um cidadão íntegro, extraordinário. Impunha respeito por onde passasse. Era admirado por todos.” Naquela época, conta, o diretor morava na própria escola, numa casa construída nos fundos do centro de formação.

Em 2002, *Seu Acari* se aposentou, guardando consigo os bons momentos de uma vida inteira dedicada à educação. “Minha vocação sempre foi o magistério. E foi no SENAI que ela se manifestou.”

Seu Acari acompanhou desde o começo os passos do SENAI: “Anápolis iniciava sua caminhada rumo à industrialização e carecia de mão de obra especializada”



Psicólogo, padre, pai, mãe e professor. Tudo ao mesmo tempo



De Reinildo, ele passou a ser conhecido como “Reinildo do SENAI”, tamanha a dedicação à instituição do professor Reinildo Gusmão Lopes, hoje com 54 anos. No final da década de 1980, ao concluir os cursos de Filosofia e Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte (MG), o professor retornou a Anápolis, sua cidade natal. Era janeiro de 1981 e ele procurava emprego. Conheceu, na época, o então diretor do SENAI, João Francisco da Silva Mendes. No ano seguinte, ingressaria na instituição. Foram, ao todo, 17 anos de uma história de amor à juventude e ao que ela pode produzir.

Nos primeiros anos como funcionário do SENAI, Reinildo exercia a função de orientador educacional. Em 1983, assumiu o cargo em período integral, passando a dedicar-se exclusivamente à escola. “O SENAI passou a ser a minha primeira casa. A segunda era onde eu morava”, brinca. “Eu me sentia feliz demais com aquele trabalho. Às vezes era angustiante. A gente tinha que ser meio psicólogo, padre, pai, mãe e professor ao mesmo tempo. Mas era muito gratificante ver aqueles meninos crescendo, aprendendo uma profissão, mudando o rumo de suas vidas”, lembra.

Os adolescentes das periferias pobres de Anápolis e cidades vizinhas chegavam a pé ou de bicicleta, em sua maioria. “Aquele era uma escola central, mas que atendia prioritariamente meninos dos bairros mais distantes. Ali, eles encontravam ensino de qualidade a custo zero. Só compravam mesmo o macacão para trabalhar nas oficinas da escola”,

afirma. “Saíam dali com uma profissão. E se não tinham concluído o ensino fundamental, também o faziam no SENAI.”

O esforço de Reinildo, muitas vezes, ultrapassava os muros da instituição. Alguns meninos, por dificuldades múltiplas, pensavam em desistir da escola. “Fugiam, mesmo, literalmente. Muitos pais sequer sabiam que eles não estavam frequentando as aulas. Eu pegava o carro do SENAI e ia de casa em casa atrás deles e arrebanhava-os de volta. Re- virava todos os bairros pobres de Anápolis e cidades vizinhas atrás dos garotos. Muitos precisavam trabalhar, ajudar no sustento de casa, o que comprometia a permanência na escola.”

Completamente envolvido com as atividades desenvolvidas na unidade do SENAI, o professor Reinildo preparava eventos, ensaiava peças teatrais, organizava tudo. “Eu ficava até de madrugada na escola. Não ia embora até deixar tudo pronto. E então fazíamos apresentações belas nas datas comemorativas da escola e da cidade”, lembra.

Sua ligação com o SENAI perdurou até 1998, quando precisou dedicar-se exclusivamente às aulas na Universidade Estadual de Goiás (UEG). “Foi uma das principais e mais marcantes experiências de vida que tive. No SENAI sentia meu trabalho valorizado e me sentia também feliz por ajudar a transformar a vida de tantos jovens e famílias pobres da região”, diz. “Eu sempre compartilhei da visão do SENAI, de transformar homens em cidadãos de direito. E desse modo, a escola mudou, para melhor, o destino de muita gente, inclusive o meu.”



Reinildo Gusmão Lopes, orientador educacional do SENAI Anápolis durante 17 anos: “Eu sempre compartilhei da visão do SENAI, de transformar homens em cidadãos de direito. E desse modo, a escola mudou, para melhor, o destino de muita gente, inclusive o meu.”



Mudar sempre, desafio da escola



*Ivan de Oliveira Barros:
“A transformação da
Fatec em Instituto
de Tecnologia trará
grande desafio ao corpo
docente, coordenadores,
diretores, gerentes.”*

Lá se vão duas décadas de vida junto ao SENAI. Ivan de Oliveira Barros é filho de Formosa, mas viveu quase toda a vida em Anápolis, berço da escola fundada por Roberto Mange. Nasceu naquele mesmo ano, 1952. Aos 60 anos, o agora coordenador de Projetos da Faculdade de Tecnologia Roberto Mange enumera as várias das funções que já ocupou nesse tempo: foi instrutor, diretor de unidade, acompanhou a instalação de núcleos do SENAI em cidades do interior do Estado e integrou equipes técnicas do Departamento Nacional. “Minha realização profissional seria improvável, não fosse a presença dessa instituição na minha vida. Caminho para a fase final da minha carreira e tenho o orgulho de ser ainda útil ao SENAI”, diz.

Ivan é do tempo em que a Escola Roberto Mange era também o internato para onde iam meninos pobres do interior de Goiás. “Lembro-me deles chegando a pé e de uma infinidade de bicicletas estacionadas aqui no pátio. Também me lembro da garotada correndo de animais, até de cobra, quando se aproximavam das cercanias da escola ou a elas se dirigiam”, recorda.

Era 14 de abril de 1991 quando começou suas atividades na unidade de Anápolis. Graduado em Ciências da Computação, dedicou seus saberes por onde passou e em todos os projetos que abraçou no SENAI desde então. “A integridade moral e os exemplos de amor por aquilo que fazem trans-

mitem aos que têm a oportunidade de conhecer o ‘espírito senaiano’ alicerces para uma vida profissional profícua e tranquila”, cita Ivan.

Ele, que acompanhou de perto as últimas duas décadas da história escrita pelo SENAI de Anápolis, conhece bem o caminho percorrido desde aquele março de 1952. “Grandes mudanças ocorreram nesses 60 anos, desde quando éramos Centro de Formação Profissional até nos tornarmos Faculdade de Tecnologia. O SENAI em Anápolis sempre procurou estar atento às mudanças do seu tempo, acompanhando a evolução do parque industrial da cidade.”

Prova disso, cita Ivan, é que grandes empresas instaladas no Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia) têm entre seus colaboradores profissionais formados na Fatec Roberto Mange. “Todos são exemplos concretos das mudanças ocorridas nesta escola”, complementa.

E após tantos anos vendo essa escola crescer e se transformar, Ivan sabe dos desafios que ela tem pela frente. “A transformação da Fatec em Instituto de Tecnologia trará grande desafio ao corpo docente, coordenadores, diretores, gerentes. Tenho certeza que, mais uma vez, a confiança depositada nesta equipe será correspondida com ações de grande valor para o desenvolvimento da indústria goiana”, acentua.

Dos CFPs aos Institutos de Tecnologia

A rede de ensino do SENAI em Goiás, que no início era constituída dos antigos CFPs (Centros de Formação Profissional), ganha agora os Institutos SENAI de Tecnologia (IST), abrangendo as áreas de alimentos, automação e química industrial, além do Instituto SENAI de Inovação, com foco em logística. No âmbito do Programa SENAI de Apoio à Competitividade da Indústria Brasileira, lançado dia 31 de maio de 2012, essas unidades serão aliadas das empresas no desenvolvimento integrado de produtos e processos, pesquisa aplicada, solução de problemas complexos e antecipação de tendências tecnológicas. Os institutos também formarão profissionais para gerar conhecimento e desenvolver tecnologias que atendam às demandas das indústrias.

Com muita história, a Fatec Roberto Mange vive expectativa de nova mudança: se transformar em Instituto SENAI de Tecnologia





*Jair Braz, Edmo e João Victor:
de pai para filho, desde 1951,
história de superação e forte
relação com o SENAI*



Família Braz: pai, filho e neto, todos profissionais do SENAI

// Sou inquieto, determinado. Não paro. Na vida, fiz uma competição comigo mesmo: fazer sempre melhor.” Jair Braz de Oliveira é um homem inquieto, sim. E põe determinado nisso! Neto de marceneiro, filho de um motorista e de uma dona de casa, venceu a infância pobre em Formosa e a falta de perspectiva que batia à sua porta. Aos 13, aprendeu uma profissão. Aos 40, prestou vestibular e não parou mais. “O que Deus traz pra gente, não foge.” Não foge e agarra-se, ensina Jair, hoje com 74 anos.

Era o pai de Jair – José Braz –, que entregava a madeira utilizada na obra que ergueu a Escola SENAI GOI. Fazia as viagens diariamente de Formosa a Anápolis. Um dia, na porta do prédio em

construção, escutou do então diretor, Ary de Azevedo: “Aqui será uma escola para se ensinar profissão.” Seu José lembrou logo do filho adolescente. “Eu tinha feito até a 4ª série nessa época e meu pai sabia que eu não gostava de estudar”, admite, hoje.

Era do que o menino precisava. Jair mudou-se para o internato da escola. Passava a semana em Anápolis e ia para a casa aos sábados e domingos. Ingressou primeiro no curso de marcenaria, seguindo vocação do avô marceneiro, mas no meio do caminho operou um torno pela primeira vez, descobrindo que tinha jeito mesmo era para a mecânica. “Eu era um matuto, um roceiro. Foi no SENAI que eu descobri o mundo dos estudos.”

Antes mesmo de se formar em mecânica, es-

tava empregado. “Irmãos Carpaneda era uma oficina mecânica de fundição. Foi meu primeiro emprego depois que peguei meu diploma no SENAI. Virei até capa no jornal lá de Formosa”, lembra. O pai faleceria dois anos mais tarde. “Fiquei de conta da família.” Mas as coisas não saíram exatamente como planejara. Perdeu aquele emprego e, para manter tudo em ordem, passou a furar cisternas na cidade onde morava.

“Até que um dia alguém chegou pra mim e disse: ‘Você tem profissão!’” Logo veio a lembrança da infância difícil e do empenho do pai para que estudasse no SENAI. Foi o suficiente para que fosse em busca de um emprego onde ele pudesse fazer o que aprendeu. “Fui trabalhar na oficina do João Trancone. Assumi o torno e nunca mais deixei a profissão”, conta.

Mais tarde, recorda-se, voltou a encontrar o professor Ary de Azevedo na porta de sua antiga escola. Ele lembrou-se do ex-aluno e o chamou para ajudar na fabricação do material necessário à

abertura da segunda escola do SENAI em Goiás, o então Centro de Formação Profissional Ítalo Bologna, em Goiânia – hoje Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna. “Passei a instrutor da escola. Junto com os alunos, fizemos toda a parte de metal para a obra do Ítalo Bologna.”

Mas Jair precisava passar pela seleção oficial da escola. O SENAI, então, realizou um concurso para contratar 18 professores. “Passei em primeiro lugar em todas as áreas, mas fui reprovado em matemática. Ganhei seis meses para fazer as provas novamente. Estudei igual um condenado, mas passei”, sorri. Mas foi somente após os 30 anos, atendendo a exigência do SENAI, que Jair voltou para a escola. “Fiz o curso de ‘madureza’ em seis meses e entreguei meu diploma de segundo grau – hoje, ensino médio.” Aos 39, prestou vestibular para Economia, aos 43 se formou. Aos 44, ingressou no curso de Pedagogia. Após concluir, fez pós-graduação em Administração.

O SENAI percebia o empenho de Jair com os

Jair Braz, na oficina de tornearia do SENAI no começo da década de 50, e a ficha de matrícula no curso preparatório, inicialmente em marcenaria





Aluno, instrutor e diretor no SENAI, Jair Braz se lembra com orgulho de ter cumprimentado Roberto Mange na inauguração da escola pioneira

estudos e com a própria instituição. Assim, ele foi assumindo diversas funções. De instrutor em Anápolis, passou a diretor da escola de Goiânia. Dirigiu o centro de formação por uma década, entre 1981 e 1991, quando saiu para construir, montar e abrir as portas da escola do município de Itumbiera, no Sul do Estado.

Morando na escola

Como era comum naquela época, Jair ficou morando com a família numa casa nos fundos do prédio onde funcionava o Centro de Formação Profissional Ítalo Bologna. Foi lá que Edmo Braz de Oliveira, 36 anos, cresceu e foi lá que, assim como o pai, também aprendeu uma profissão. “Não era fácil ser filho do ‘dita’ – diretor –, mas eu me esforçava”, brinca. Edmo tinha 13 anos, assim como o pai, quando ingressou no curso de mecânica da instituição.

Após trabalhar em uma torneadora em Goiânia, atuou em outras áreas. Ingressou no curso de Engenharia Mecânica e em 2004, quando já moravam em Anápolis, convidou o pai para montarem o próprio negócio. Compraram as máquinas. Nascia a Torneadora J3. “É uma homenagem ao meu pai. Era o nome que ele usava na época que fazia o transporte de madeira de Formosa para Anápolis”, explica Jair.

Paralelamente ao trabalho na empresa, o ex-

-aluno Jair continuou dando sua parcela de contribuição aos futuros profissionais. Nunca deixou de dar aulas no SENAI. “Não tenha dúvida de que 90% dos profissionais da área de usinagem na região de Anápolis tiveram aulas com meu pai e aprenderam com ele a profissão”, afirma Edmo. “Ele tem uma didática diferente para ensinar. Quem começa o curso, sempre termina.”

E quem acaba de começar o curso no SENAI é o neto de Jair. João Victor Gomes Braz, 14 anos, segue os caminhos do pai e do avô. “Era meu desejo e também tem a influência dos dois. Sei o que o SENAI representa para eles e sei que passar pela formação profissional vai me ajudar, também, assim como os ajudou”, diz o adolescente, que cursa eletromecânica enquanto termina o ensino médio numa unidade do SESI de Anápolis. “Meu avô tem uma história de superação que eu admiro muito. E sei que muito disso ele deve ao SENAI”, completa.

“Eu devo tudo ao SENAI. Quando é que eu pensava em chegar a diretor de uma escola? Eu era um menino da roça. O SENAI me preparou para o trabalho, para a vida”, diz Jair, com a simplicidade de quem se lembra de, no dia 9 de março de 1952, ao lado dos pais José Braz e Genésia, ter sido cumprimentado com um aperto de mão por Roberto Mange, durante a inauguração da pioneira escola da instituição em Goiás.



Ministro-chefe da Casa Civil no governo do general João Figueiredo, Golbery do Couto e Silva visita a Escola SENAI Roberto Mange, recém-reformada, em 1980, acompanhado do então prefeito de Anápolis, Wolney Martins (fotos ao lado e abaixo)

Dos aprendizes aos tecnólogos

Os arcos da fachada são os mesmos, mas a antiga Escola SENAI GO I, não. A primeira unidade de formação profissional do SENAI no Estado mudou. Ao longo das últimas décadas, transformou-se, modernizou-se, acompanhou o desenvolvimento da região em que está inserida, olhou para o futuro.

A primeira grande mudança ocorreu em 1980, quando uma ampla reforma expandiu o espaço físico, substituiu equipamentos e permitiu a implantação de novos laboratórios. “Da estrutura original foram mantidos os arcos – atrás de uma nova fachada – inspirados nas escolas paulistas”, destaca o atual diretor da unidade, Francisco Carlos Costa.

No dia 31 de julho de 1980, a escola, reforma-

da e ampliada, foi reinaugurada, coincidindo com os festejos do 79º aniversário de Anápolis. Antes, no dia 25 de julho, a unidade recebeu a visita do então ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Golbery do Couto e Silva, homem forte do último governo militar, do general João Baptista Figueiredo. Era o SENAI se preparando, assim, para as necessidades de uma indústria em transformação nas áreas de mecânica, eletrônica, química industrial, segurança do trabalho e telecomunicações.

Foi na década de 1990 que a então Escola SENAI Roberto Mange, mais uma vez atenta às necessidades da indústria, iniciou nova fase ao oferecer vagas em cursos técnicos nas áreas em que já





A reinauguração da Escola SENAI Roberto Mange, em 1980, reuniu autoridades e empresários. Da estrutura original, foram mantidos os arcos - atrás de uma nova fachada - inspirados nas escolas paulistas

Engenheiro Falcão Bauer, do instituto do mesmo nome, de São Paulo, que orientou a reforma da Escola SENAI Roberto Mange, discursa em sua reabertura, em 31 de julho de 1980, coincidindo com o 79º aniversário de Anápolis



Então presidente da FIEG, José Aquino Porto, entre Waldyr O'Dwyer, Jefferson Bueno e Venerando Freitas Borges, fala na mesma solenidade



atuava, até então, com aprendizagem, qualificação e aperfeiçoamento.

Em 2004, graças a portaria do Ministério da Educação, a antiga escola se transforma em Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange, mantendo, paralelamente, o conceito tradicional de formação. A unidade, então, passa a formar tecnólogos em Química Fármaco-Industrial, suporte importante dado à expansão significativa do polo de indústrias farmacêuticas instaladas no Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia). Faculdade com conceito A, atestado pelo Ministério da Educação. E como o futuro é logo ali, se prepara, agora, para mais um passo: transformar-se em Instituto de Educação Tecnológica SENAI Roberto Mange.

Com a atual estrutura, a Fatec de Anápolis atende, com seus cursos e serviços, à população que vive e trabalha em 49 municípios goianos,

entre eles Abadiânia de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Campo Limpo, Cidade Ocidental, Corumbá de Goiás, Formosa, Gameleira de Goiás, Goianápolis, Jaraguá, Luziânia, Novo Gama, Ouro Verde, Pirenópolis, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso. Em 2011, o número de alunos concluintes da faculdade chegou a 5,9 mil.

A área construída, de mais de 13 mil metros quadrados, constitui hoje em ambiente ideal para a qualidade de ensino a que se propõe oferecer a Fatec SENAI Roberto Mange: auditório para 200 pessoas; 15 laboratórios – automação industrial, informática, microbiologia, eletroeletrônica, eletrônica de potência, metrologia, pneumática, de alimentos, de química, entre outros –; marcenaria; oficinas de eletroeletrônica, de mecânica automotiva, de solda elétrica e demais espaços.

Alunos em atividades na área de eletroeletrônica na hoje Fatec SENAI Roberto Mange: nova estrutura





No centro de usinagem, os velhos tornos mecânicos ainda estão lá, como a testemunhar os avanços experimentados pela escola pioneira. Mas ao lado deles, equipamentos de ponta, tornos eletrônicos controlados numericamente, nos quais os trabalhadores se preparam para a jornada lá fora.

O antigo galpão, ao fundo do terreno, que por anos serviu de moradia para centenas de meninos vindos de várias cidades, distritos, povoados da região de Anápolis para aprender uma profissão no SENAI, agora abriga um espaço para ensino de eletroeletrônica. Mas também passará por ampla reformulação a partir da transformação da Fatec

em Instituto de Tecnologia.

“A escola promoveu o desenvolvimento de Anápolis, não só em seu entorno, mas em toda sua extensão. É interessante perceber como o SENAI mexeu com esta região. Os bairros a sua volta, o comércio, os prédios públicos... tudo veio depois do SENAI”, frisa o diretor Francisco Carlos Costa.

E a Fatec SENAI Roberto Mange, claro, está em festa. Afinal, os 60 anos da instituição em Goiás, comemorados em 2012, coincidem com os 60 anos de fundação da unidade, pontapé de uma longa trajetória.

Transformada em Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange em 2004, antiga escola passa a formar tecnólogos em Química Fármaco Industrial, suporte à expansão do polo de indústrias da área



SENAI ROBERTO MANGE: DE ARY AZEVEDO A FRANCISCO CARLOS

Desde que foi fundada, em 9 de março de 1952, a então Escola SENAI GO 1, hoje Faculdade de Tecnologia (Fatec) SENAI Roberto Mange, foi administrada por cinco diretores: Ary Azevedo, Mário de Oliveira, João Francisco da Silva Mendes, José Fernandes Sobrinho e Francisco Carlos Costa. Este capítulo dedica-se a contar um pouco da trajetória desses homens, demonstrando como os caminhos de suas vidas cruzaram com o do SENAI.



Ary Azevedo – 1948-1966

Difícil alguém falar sobre a história do SENAI sem se lembrar daquele que primeiro dirigiu a Escola SENAI GO 1, em Anápolis. Homem austero e profissional de primeira grandeza, o professor Ary Azevedo, nascido em Guanabara (RJ), em 1911, atendeu pedido pessoal de Euvaldo Lodi, então diretor nacional do SENAI, para acompanhar a finalização das obras da unidade pioneira de Goiás, abrir suas portas para a comunidade e administrá-la por quase duas décadas, de 1948 a 1966.

Nessa época, sua relação com o mundo do trabalho na indústria remontava ao final da década de 1920. Tinha 17 anos quando foi admitido, em janeiro de 1928, como aprendiz na seção de tornearia da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – importante companhia ferroviária brasileira – em Bauru (SP). Nessa condição, passou também pela seção de ajustagem da companhia, chegando a ajudante, três anos mais tarde. Enquanto aprendia o ofício

de mecânico, durante o dia, matriculou-se, à noite, em cursos técnicos, como o de contabilidade.

Mais velho, lecionava as disciplinas de História e Geografia para alunos adolescentes, quando foi chamado para trabalhar nos escritórios da Estrada de Ferro de Três Lagoas (MT). Estava lá quando a companhia viabilizou a fundação do Centro de Formação Profissional na região. Houve eleição para escolha do diretor do centro. Aprovado pela maioria, o professor Ary Azevedo assumiu, permanecendo no cargo até 1945. Três anos depois, ao participar de uma reunião em São Paulo, recebeu o convite do diretor do SENAI, Euvaldo Lodi, para assumir a primeira escola da instituição em Goiás, na cidade de Anápolis.

O professor Ary Azevedo lembrou, em material escrito de próprio punho por ele, em 2002, por ocasião dos 50 anos da instituição em Goiás, que a Escola SENAI GO 1 abriu as portas seis meses an-



tes da inauguração oficial. Quarenta alunos, entre internos e semi-internos, já estavam matriculados e estudando quando ocorreu a grande e oficial festa de abertura da escola em Anápolis. Em 1951, deixou Três Lagoas e mudou-se definitivamente para Goiás – mais especificamente para Anápolis –, com a família.

À frente da escola, permaneceu até 1966. “Sua vida era o SENAI”, dissera o ex-aluno e empresário de Anápolis Eurípedes Monteiro Alarcão, de 72 anos. “Lembro-me como se fosse hoje de ser recebido pelo professor Ary Azevedo na primeira visita que fiz à escola”, conta o capitão Waldyr O’Dwyer, de 95, também empresário em Anápolis. “Éramos amigos. Meu irmão já estudava no SENAI. O professor Ary então me convidou para fazer o concurso para professor”, recorda-se o ex-funcionário da então Escola SENAI GO 1 Acari dos Santos Dias, de 80 anos.

Enquanto diretor do SENAI Roberto Mange, chegou a acumular a função de delegado regional,

quando o Departamento Regional (DR) foi fundado em Goiás, em 1958. E após quase 20 anos em Anápolis, o professor Ary Azevedo mudou-se para Goiânia, em setembro de 1966, para dirigir a segunda unidade do SENAI construída no Estado, o então Centro de Formação Profissional Ítalo Bologna, inaugurada oficialmente em 24 de março de 1968. Também no texto manuscrito pelo professor, Ary Azevedo lembra que a escola já nasceu tendo em suas oficinas um dos mais modernos equipamentos para impressão, uma impressora off-set de ponta para os padrões da época.

A história do SENAI no Estado confunde-se com a própria história desse carioca de nascimento, mas que adotou Goiás como sua primeira casa. Aqui sua família cresceu e aqui Ary Azevedo pôde dar sua enorme contribuição para o desenvolvimento da indústria goiana, no que se refere à formação da mão de obra qualificada para esse fim. Aposentou-se em 1979, deixando para trás um legado jamais esquecido.

Ary Azevedo acompanhou as obras de construção da Escola SENAI GO 1 desde 1948, bem antes de sua abertura oficial, em 1952, e permaneceu à frente dela até 1966



Mário de Oliveira – 1966-1976

O ex-seminarista e professor de clarinete Mário de Oliveira nasceu em Ipameri (GO), mas ainda na juventude mudou-se para Anápolis, onde casou-se. Em casa administrava os dez filhos e, na Escola Roberto Mange, onde foi diretor, era tido como um “paizão”, conta um deles, Mário de Oliveira Filho, de 56 anos, instrutor de Segurança do Trabalho e Transporte Rodoviário na hoje Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange.

“Meu pai era muito ponderado e extremamente humano. Estava pronto para atender a qualquer um que chegasse perto dele, sem distinção”, conta o filho. Também era muito dedicado ao trabalho. Viajou, estudou, aperfeiçoou-se. “Quando era diretor, chegou a ficar quatro meses em Turim, na Itália, fazendo um curso de aperfeiçoamento”, afirma.

Naquela época, lembra Mário de Oliveira Filho, os diretores moravam em uma casa que ficava no mesmo terreno da unidade. “A escola era a casa dele, a nossa casa. Era assim que ele se sentia e nós também”, descreve. Mário de Oliveira Filho apren-

deu a amar o SENAI pelas mãos do pai.

Como ex-aluno, o hoje instrutor passou pelos cursos de torneiro mecânico, mecânica industrial, técnico de segurança do trabalho, entre outros. Ao se formar como técnico em segurança do trabalho, foi convidado pela então coordenadoria de cursos, em 1987, para iniciar os trabalhos como instrutor no ramo e também na área de transporte rodoviário, em Anápolis.

Assim como o pai, Mário de Oliveira Filho sente orgulho da história que construiu no SENAI. “Esta é uma instituição de fato, na prática, que tem a formação profissional e humana como objetivo central. O SENAI assume valores e filosofia condizentes com instituições de ensino profissional de países desenvolvidos. Uma instituição que se preocupa com a melhoria constante da formação e do bem-estar da coletividade”, observa.

Em 1976, Mário de Oliveira aposentou-se como diretor da Escola SENAI Roberto Mange, em Anápolis.

A ideia e a defesa

“Foi tão entusiástica e ardorosa a argumentação do emérito educador (Arcebispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira), perante as indústrias e ao Departamento Nacional do SENAI, que os dirigentes nacionais do órgão não só concordaram em aceitar a ideia, em princípio de realização inexecutável, como também, contrariamente a todos os princípios econômico-financeiros, tomaram a deliberação de destinar fundos das reservas destinadas às regiões deficitárias, já existentes, para concederem os recursos pertinentes à concretização das aspirações dos dois idealistas, Roberto Mange e Dom Emanuel.”

Mário de Oliveira, então diretor da Escola SENAI GO 1, em relatório de 1967, em que descreve com paixão o que foram os esforços dos principais idealizadores da construção da unidade pioneira.



João Francisco da Silva Mendes – 1ª fase, 1976-1985 / 2ª fase, 1997-2005

O professor João Francisco da Silva Mendes estava lá, no então Centro de Formação Profissional Roberto Mange, quando ele completou a maioridade. Logo depois, em 1976, assumiria a direção da unidade, em sua primeira fase, que duraria até 1985, retornando, mais tarde, em 1997, permanecendo até 2005.

Após cinco anos de sacerdócio, primeiro em Portugal e depois no Brasil, o professor enxergou no SENAI a mesma vocação da Igreja. Viu afinidade entre a instituição religiosa e a instituição de ensino, o que o fez buscar a segunda quando deixou a primeira. Ambas têm, segundo analisa, a missão de servir, de ajudar a juventude a caminhar.

João Francisco deixou o sacerdócio no dia 10 de setembro de 1972. Dois dias depois, procurava o SENAI. Em 14 de setembro daquele ano assumia o cargo de orientador educacional da Escola Roberto Mange por intermédio do então coordenador administrativo financeiro do Departamento Regional, Paulo Vargas. Recomeçando, chegou a morar num dos quartos da escola. Em 1974/75, foi incumbido pelo então diretor regional, Jeová de Paula Rezende, da missão de administrar o Centro de Formação Profissional Araguaína, hoje Estado do Tocantins.

Em 1976, então, assume a direção do SENAI Roberto Mange. Foi sob sua gestão que a unidade cresceu, agigantou-se. Em 1980, comandou a ampla reforma da unidade, realizada sob a orientação do Instituto Falcão Bauer, de São Paulo. Lembra que, na obra, foram mantidos e preservados os arcos originais da construção – a partir de então atrás de uma nova fachada construída –, uma marca das

primeiras escolas do SENAI no Brasil, modernizando, por outro lado, as demais instalações.

Em 1985 abraça outra missão, a convite de Paulo Vargas, a de assumir a direção-técnica do SENAI Goiás-Tocantins, função que ocupou até 1997, quando retorna à direção da escola de Anápolis, que sob sua administração, obtém certificação ISO 9000, conquista celebrada por ocasião dos 50 anos do SENAI em Goiás, em 2002.

A partir da segunda metade da década de 1970, coube ao SENAI de Anápolis intensificar os cursos técnicos. Até então, a unidade se dedicava basicamente aos cursos de aprendizagem e aperfeiçoamento. Uma exigência da própria indústria, que se expandia, se diversificava, sobretudo após a fundação do Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia), em 1977. Em 2004, no ano que antecedeu sua saída, a escola muda de status, tornando-se Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange.

Aproveitando um programa de demissão voluntária da instituição e considerando que, naquela época, já havia oferecido ao SENAI sua contribuição como educador, João Francisco se desliga do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Passou a atuar como consultor e prestando assistência em algumas áreas, quando solicitado. Mas não por muito tempo. Em 2009, mais uma vez atendendo ao chamado do amigo Paulo Vargas, assumiu a direção da Faculdade de Tecnologia SENAI de Desenvolvimento Gerencial (Fatesg), em Goiânia, onde permanece.

Como colaborador da instituição, visitou dez países da América Latina onde há órgãos que têm o SENAI como modelo. Esteve também na França,

Itália e Alemanha, em missão técnica, e no continente africano em duas ocasiões para auxiliar na implantação de escolas com papel similar ao do SENAI no Brasil.

“Ao conhecer, eu passei a amar o SENAI, seus valores, sua filosofia, sua vocação. Sou um educador. E como educador, impossível não admirar a linda história dessa instituição”, diz o professor João

Francisco que, quase três décadas depois, continua dedicando a maior parte das horas do seu dia ao SENAI. “Este serviço foi criado pelos empresários brasileiros tendo como base um conceito humanista. Forma-se não só o trabalhador, mas o homem, sua consciência, sua cidadania. Nesse espírito, eu até hoje me encanto com o SENAI. E saiba: se eu dei alguma coisa a ele, recebi muito mais.”



José Fernandes Sobrinho – 1985-1997

O professor José Fernandes Sobrinho, de 67 anos, substituiu o professor João Francisco da Silva Mendes na direção do então Centro de Formação Profissional Roberto Mange entre sua primeira e segunda gestão. Conta que em 1967, quando concluiu o ensino médio, um professor do Colégio Estadual José Ludovico de Almeida, em Anápolis, que também dava aulas para os alunos do SENAI, sugeriu que ele fizesse a seleção para professor de matemática na instituição. “Naquela época eu já lecionava a disciplina em cursos preparatórios para os exames de ‘madureza’ – espécie de curso para jovens e adultos –, o que me incentivou a prestar o concurso”, conta José Fernandes.

Até então, além das aulas de matemática, trabalhava numa ourivesaria que pertencia à família. “Mas a concorrência com as indústrias de joias e bijuterias era grande demais, o que me levou a buscar uma alternativa profissional. Tornei-me professor”, relata. E, assim, o jovem José Fernandes se aproxima do SENAI, instituição com quem manteria uma longa história de afinidade, respeito e gratidão.

Já na escola, fez carreira. Foi professor e coordenador-pedagógico; encarregado do setor de

Treinamento e supervisor de Ensino no Departamento Regional; vice-diretor e diretor do Centro de Formação Profissional Roberto Mange. “Para melhor desempenhar minhas funções, participei de muitas atividades. Era preciso conhecer a fundo a metodologia de ensino. Na qualidade de aluno, passei por cursos nas áreas de mecânica e eletrônica, por exemplo. Enquanto estive no SENAI, foram mais de 50 ações, incluindo seminários e congressos”, cita.

Atuou como um facilitador dos convênios realizados com demais instituições de ensino e com o setor produtivo de Anápolis, aproximando-se cada vez mais das indústrias que integravam o Daia, no sentido de atender às demandas apresentadas pelo setor. Dirigiu a escola Roberto Mange de 1º de novembro de 1985 a 30 de abril de 1997.

Mora em Anápolis e trabalha atualmente como autônomo na elaboração de projetos de Engenharia. Possui licenciatura plena em Matemática, Física e Desenho; pós-graduação em Matemática; habilitação em Engenharia Civil e especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho.



Francisco Carlos Costa – a partir de 2006

Os primeiros dias de 2012 foram de correria, mas também de muita satisfação na Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange. A unidade precisava ficar bem bonita, no dia 9 de março, pronta para celebrar os 60 anos do SENAI em Goiás, que coincidem com os 60 anos da unidade pioneira da instituição no Estado. Sob a batuta do atual diretor, Francisco Carlos Costa, a Fatec Roberto Mange se preparou e encantou os visitantes, alunos, ex-alunos de outrora, empresários e autoridades, em meio a foguetório, bolo de aniversário e tapete vermelho.

O professor Francisco nasceu em Leopoldo de Bulhões, mas há 50 anos Anápolis é sua casa. E a primeira vez que teve a carteira assinada tinha 14 anos. Era menor aprendiz do SENAI e foi admitido na indústria têxtil do município. “Naquela época, fiz todo o curso dentro da própria empresa”, lembra. Até 1975 o rapaz, tido a qualificação profissional no SENAI, permaneceu na mesma indústria.

Passou, posteriormente, por várias empresas. Foi auxiliar de pessoal e gerente de recrutamento de pessoal na Cebrasa, cervejaria administradora da Brahma, onde permaneceu por dez anos. Depois, passou pela Onogás, onde atuou na mesma área, e presidiu a Sociedade Goiana de Recursos Humanos. Quando estava na Cebrasa, Francisco

era o responsável, na empresa, pelos convênios firmados com o SENAI para o recrutamento de novos profissionais formados na escola.

Em 1995, trabalhava no Grupo Coplaven, também em Anápolis, quando foi convidado pelo então diretor da Escola SENAI Roberto Mange, João Francisco da Silva Mendes, para assumir na unidade a função de agente de relações com o mercado. Ele passaria, agora, para o outro lado dessa relação entre instituição de ensino e setor industrial. “De cliente do SENAI, passei para o outro lado do balcão”, exemplifica. Permaneceu nesta função por dez anos e não deixaria mais o SENAI.

Na unidade de Anápolis, após assumir outras funções, substituiu o professor João Francisco na direção geral, em 2006. Viu a Fatec SENAI Roberto Mange crescer e se expandir. “É um aprendizado todos os dias. Trabalhamos muito para atender às necessidades da indústria de hoje, formando profissionais com alto nível de conhecimento”, afirma. “Vivo essa realidade 24 horas do meu dia”, acentua.

Francisco Carlos Costa é formado em Direito e cursa atualmente Pedagogia, encorajado, sobretudo, pelo papel que exerce no SENAI. Possui ainda pós-graduação em Gestão em Educação e Gestão em Qualidade. Tem 57 anos.



ANÁPOLIS, ANTES E DEPOIS DO SENAI



Antiga vista aérea de Anápolis, com destaque para a Rua General Joaquim Inácio, uma das principais da cidade, cujo adensamento urbano se acelerou com a extensão dos trilhos da estrada de ferro (abaixo), em 1935.

O Ribeirão das Antas, às margens do qual nasceu o SENAI em Anápolis, serviu de guia para os antigos viajantes que aportaram na região em busca do ouro. O curso d'água foi a referência para o surgimento das primeiras propriedades rurais e, mais tarde, já na segunda metade do século 19, da Vila de Santana das Antas, uma homenagem à santa padroeira da futura cidade e ao velho riacho-guia.

À capela construída por um dos fundadores da antiga vila, Gomes de Sousa Ramos, juntaram-se outros moradores, atraídos pela devoção à Nossa Senhora de Santana. Consta de 1872 a redação de um documento pelo então pároco do lugar, o padre Francisco Inácio da Luz, pedindo ao então presidente da Província de Goiás, Antero Cícero de Assis, a elevação do povoado a Freguesia de Santana. De

acordo com registros históricos da época, o documento foi assinado pelo padre, por Gomes de Sousa Ramos e por 265 pessoas que já viviam no lugar. Em 1892, a Freguesia de Santana deu lugar à vila. E na primeira década do século 20, em 1907, a Vila de Santana se torna a cidade de Anápolis.

O posicionamento estratégico do novo aglomerado urbano, para estudiosos, foi o que conferiu a Anápolis a vocação que mais tarde se confirmaria. Integrante do mais importante eixo de desenvolvimento na Região Central do Brasil, o eixo Goiânia-Brasília, e estando na confluência de importantes vias de tráfego rodoviário, Anápolis se tornou referência para quem passava por aqui, indo e vindo de centros já desenvolvidos nos Estados de Minas Gerais e São Paulo, por exemplo.

Com a extensão dos trilhos da estrada de ferro



até Anápolis, em 1935, o adensamento da cidade se acelerou e as primeiras indústrias começaram a se instalar ali, sobretudo para dar conta das inúmeras demandas que surgiam com o crescimento do número de habitantes, construções e casas comerciais. Um processo que se acelerou ainda mais, naturalmente, em decorrência da construção da nova capital de Goiás, Goiânia, e, depois, Brasília. E foi mesmo a posição estratégica da cidade de Anápolis a provocar o interesse da indústria. A Escola SENAI GO I nasce nesse contexto e dá a àquela nova indústria as condições necessárias às transformações experimentadas.

Quem conheceu de perto essa trajetória se emociona ao lembrar-se da Anápolis que existia antes da chegada do SENAI e no que a cidade se transformou a partir da década de 1950. “Aquela escolazinha se tornou faculdade, formando tecnólogos da mais alta qualidade para atender a um moderno polo industrial. Até hoje, quando passo em frente àquela velha fachada, que continua a mesma de quando a escola foi aberta, sinto um arrepião de emoção – os arcos da construção inicial foram mantidos, agora sob uma nova fachada implantada na reforma de 1980.” Quem diz é o empresário Waldyr O’Dwyer, de 95 anos, ex-capitão do Exército.

Com 50 anos vivendo em Anápolis, ele participou ativamente da vida do SENAI. De militar, passou a industrial. Construiu a primeira câmara frigorífica de Goiás – conta – para transportar carne resfriada para outros Estados. Nessa época, ainda vivia em Ipameri, mas estava quase diariamente em Anápolis, onde também tinha negócios, e lembra-se bem de quando a escola começou a ser construída. “Lembro-me também da chegada das primeiras máquinas, que vieram da regional de São Paulo.”

Após algum tempo no ramo frigorífico, o empresário fundou, em 1963, a Anadiesel, concessionária da Mercedes Benz em Anápolis, antes mesmo do surgimento do Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia), razão pela qual estreitou sua relação com os administradores do SENAI. “Como sempre oferecemos serviços aos nossos clientes, tínhamos interesse na formação de mecânicos. Começava, então, minha longa história como parceiro do SENAI de Anápolis”, diz.

Foi o capitão Waldyr – como é conhecido – quem doou ao então Centro de Formação Profissional Roberto Mange o primeiro motor a diesel da unidade, bem como todo o maquinário necessário ao ensino da mecânica a diesel naquela unidade. “Os alunos do SENAI faziam seu está-



Fábrica de tecidos em Anápolis: posição estratégica da cidade, no centro do País, atrai indústrias e leva à instalação do SENAI, no final da década de 40

Celeiro de mecânicos

“O SENAI Roberto Mange foi um verdadeiro celeiro de mecânicos de motor a diesel. Ali se formaram os primeiros do Centro-Oeste.”

Waldyr O’Dwyer, empresário, proprietário da concessionária Anadiesel, de Anápolis, ao lembrar que buscou contribuir com a doação de novos equipamentos sempre que houvesse necessidade em função da modernização tecnológica nos motores da Mercedes Benz.



Doação de dois motores Mercedes Benz pela Anadiesel à Escola SENAI Roberto Mange, em 1965, reuniu (da esquerda para a direita) o então diretor regional, Gilson Alves de Souza, o diretor da unidade, Ary Azevedo, o presidente da FIEG, Antônio Ferreira Pacheco, Antônio Fábio Ribeiro, Hélio Naves, Waldyr O'Dwyer, entre outros



gio na Anadiesel. Os primeiros e melhores alunos tiveram emprego garantido na empresa”, lembra.

“Assistir o funcionamento do Distrito Agroindustrial de Goiás em Anápolis, trazendo considerável desenvolvimento para nossa cidade e para o Estado de Goiás, foi um sonho realizado. E muito disso, devemos ao SENAI”, reconhece. “Sempre tive satisfação em ver que aquele trabalho, que no começo era praticamente artesanal, se transformou em um ensino com alto grau de tecnologia. O SENAI foi um propulsor da indústria, cresceu junto com ela, atendeu às suas necessidades, sempre. O desenvolvimento da indústria em Goiás deve muito ao SENAI de Anápolis”, afirma.

Uma indústria que não representaria o que é hoje, não fosse a instalação daquela unidade formadora de mão de obra especializada, destaca outro membro da comunidade, o comerciante Sultan

Falluh, de 81 anos, 68 deles vivendo em Anápolis. Tinha 22 quando Roberto Mange esteve na cidade para inaugurar a escola do SENAI. Uma cidade, lembra, com poucas ruas asfaltadas e baixa cobertura de saneamento. “A notícia de que Anápolis ganharia uma escola daquele porte foi um acontecimento importantíssimo para o desenvolvimento urbano da cidade”, destaca.

A família Falluh deixou o Rio de Janeiro para se estabelecer em Anápolis atraída por notícias, de outros parentes que vieram primeiro, de que o município era rico em cristais. “Meu pai sempre foi do comércio e precisava estar em locais onde se aglomeravam pessoas. O irmão dele tinha vindo primeiro. Ele veio em seguida”, conta. Em Anápolis, abriram a Casa Seis Irmãos, em alusão aos seis filhos do patriarca dos Falluh. A Anápolis caberia, ressalta o comerciante, “construir Goiânia e Bra-

sília. Era muita responsabilidade para uma cidade até então carente até mesmo de escolas”, analisa.

Sultan Falluh era o então presidente da Companhia Goiás Industrial, bem como acumulava o cargo de secretário de Indústria e Comércio no governo goiano, na década de 1970, quando o Distrito Agroindustrial de Anápolis foi fundado. “Em quatro anos, preparamos toda a infraestrutura necessária ao funcionamento do Daia e as primeiras indústrias se instalaram. Minha relação com o SENAI, que já era bastante estreita em razão de eu pertencer à Associação Comercial e Industrial de Anápolis, se fortificou, numa parceria muito valiosa”, destaca.

O comerciante lembra-se de interceder junto à diretoria da escola para que fossem criados novos cursos, como foi o caso do curso de mecânica para motor a diesel quando a demanda para este tipo de serviço cresceu na região. “Lembro de ver os motores chegarem à escola, os professores e todo o maquinário. Era o SENAI atendendo, como sempre fez, às necessidades da indústria local”, aponta. “O SENAI formou uma juventude de baixa renda, transformando-a em grandes homens, profissionais de qualidade. Quantos filhos de marceneiros, de mecânicos, não se tornaram empresários, donos dos próprios negócios, graças ao SENAI!”, diz.

Foi esta instituição, para Falluh, a “alavanca para o desenvolvimento da indústria, responsável pela formação de boa parte da mão de obra especializada neste setor.” A própria cidade, lembra o comerciante, se desenvolveu também a partir da escola. “O limite da área urbana de Anápolis era o Ribeirão das Antas e a estrada de ferro. Com a construção da Escola SENAI GO 1, a cidade se desenvolveu também em outra direção, tornando-se no que é hoje.” Foi somente após a construção



Alunos do SENAI Anápolis marcam presença em desfile da Proclamação da República em 15 de novembro de 1954. No alto, o comerciante Sultan Falluh lembra a instalação da instituição na cidade: “Um acontecimento importantíssimo para o desenvolvimento urbano”



Wilson de Oliveira, presidente da Acia, aponta evolução constante do SENAI. “A cada momento, novas demandas surgem. Até aqui, o SENAI correspondeu, plenamente, aos anseios empresariais do setor que atende.”

da escola que outras áreas na região foram também loteadas, formando, por exemplo, um dos mais importantes bairros de Anápolis, o Bairro Jundiá.

“O SENAI é uma fonte produtora de mão de obra especializada que tem ajudado esses anos todos no progresso e no desenvolvimento da Nação. Não foi diferente com Goiás. É um trabalho que tem história e que merece o reconhecimento de todos os brasileiros”, acentua Wilson de Oliveira, presidente da Associação Comercial e Industrial de Anápolis (Acia). Para Oliveira, Anápolis nasceu com vocação econômica firmada, principalmente, na indústria. Destaca que, mesmo antes da implantação do Daia, em 1976, já havia surgido importantes complexos produtivos na região, sobretudo no campo da indústria mecânica e metalúrgica e também na área da construção civil e eletroeletrônica. “E o SENAI, desde o início, tem sido o grande celeiro para a formação de trabalhadores qualificados, que preenchem as carências e necessidades das empresas locais e regionais”, cita.

De acordo com Wilson de Oliveira, ao mesmo tempo em que os processos industriais avan-

çavam, o SENAI buscou também sua evolução. “Novos e importantes cursos foram surgindo para preencher as necessidades que vieram com o processo de modernização da produção. E é claro que o processo evolutivo não para. A cada momento, novas demandas surgem. Até aqui, o SENAI correspondeu, plenamente, aos anseios empresariais do setor que atende.”

Presidente da FIEG Regional Anápolis (Federação das Indústrias do Estado de Goiás), Ubiratan da Silva Lopes também destaca o papel fundamental que o SENAI representou ao longo dos anos visando acompanhar as várias fases da industrialização de Anápolis e do Estado. “A instituição sempre buscou se adequar à realidade econômica da região, que naturalmente viveu ciclos produtivos diversos ao longo das últimas décadas. Alguns desses ciclos importantes foram o da indústria cerâmica e arroseira e, mais tarde, a partir da expansão do Daia, o dos segmentos farmoquímico e automotivo. E o SENAI acompanhou de perto essas mudanças, atendendo às novas necessidades do setor produtivo.”

Vista aérea recente de Anápolis, com a expansão do Daia para abrigar os segmentos farmoquímico e automotivo: mudanças acompanhadas de perto pelo SENAI





Transformação da antiga escola na hoje Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange atende a demanda histórica da indústria farmacêutica

Especificamente em Anápolis, Ubiratan da Silva Lopes cita dois exemplos que comprovam a importância do SENAI para a consolidação do setor industrial. Segundo ele, a criação do curso superior de Tecnologia em Processos Químicos, a partir da transformação da antiga escola em Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange, atende a uma histórica demanda da forte indústria farmacêutica instalada no Daia. O outro foi a parceria firmada entre a instituição e a montadora Caoa/Hyundai. A partir dela, trabalhadores selecionados pela empresa tiveram a formação aperfeiçoada, evitando, assim, a importação de mão de obra para trabalhar na indústria. “Isso é mais desenvolvimento para a região.”

Em Anápolis, explica Ubiratan da Silva Lopes, a FIEG criou seu primeiro núcleo regional, em 1999. Hoje, conta com seis sindicatos que abrangem os segmentos da alimentação, construção e mobiliário, vestuário, metalurgia, mecânicas e material elétrico, ceramista e farmacêutica. Os sindicatos e a FIEG Regional, frisa, têm atuado em parceria com o SENAI, oferecendo aos associados e filiados cursos e serviços técnicos e tecnológicos

com o objetivo de auxiliar a indústria no desenvolvimento de produtos, na absorção de novas tecnologias, inovação e qualidade. “Essa parceria é fundamental, porque os sindicatos, principalmente, conhecem a fundo as reais necessidades de cada setor e, dessa forma, podem contribuir sugerindo cursos, para que o resultado seja o melhor possível. Cada indústria tem uma peculiaridade e, com essa parceria, nós procuramos fazer com que as programações desenvolvidas estejam mais próximas da realidade daquilo que o empresário está buscando.”

Segundo cita, no setor da construção civil, por exemplo, o SENAI ofereceu em 2011 o maior número de cursos até hoje, também atendendo a uma demanda local. O Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis buscou parceiros para realização de cursos, também, contando para isso com a estrutura do SENAI. “É um trabalho feito a várias mãos, mas o objetivo é um só: atender às necessidades da indústria, que contribui de forma excepcional para a economia de Anápolis e de Goiás, gerando divisas para os cofres públicos e emprego e renda para milhares de trabalhadores.”

Ubiratan da Silva Lopes, presidente da FIEG Regional Anápolis, cita a criação do curso de Tecnologia em Processos Químicos e a parceria com a Caoa/Hyundai como bons exemplos do papel do SENAI na consolidação do setor industrial



Dom Emanuel, um arcebispo pela Educação



Grande responsável pela instalação do SENAI em Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira tinha a educação como principal ferramenta evangelizadora

Primero arcebispo da Igreja Católica de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira nasceu em 9 de janeiro de 1874, em Benevente, hoje Anchieta, Estado do Espírito Santo. Regeu essa instituição de 1923 a 1955, tendo completado Bodas de Ouro de Ordenação Sacerdotal em 1951. Na obra *Dom Emanuel Gomes de Oliveira – Arcebispo da Instrução* (Agepel, 2001), Irmã Áurea Cordeiro de Menezes lembra que “onde houvesse um povoado, no qual a visão do pioneiro vislumbrava algum progresso, aí erguia um ginásio.” Diz a autora, ainda, que “a maior parte dos colégios que pontilham nosso Estado é fruto do trabalho apostólico do Arcebispo da Instrução.”

Para o bispo, que tinha a educação como principal ferramenta evangelizadora, à

Igreja cabia abrir uma nova escola onde não houvesse uma. Em Anápolis, mesmo, coube a ele, também, a iniciativa de construção do Ginásio São Francisco de Assis, administrado pelos padres franciscanos, e o Ginásio Auxilium, ligado às Irmãs Salesianas, bem como o Ginásio Arquidiocesano Municipal.

Diz-se que, na fundação de importantes colégios católicos de Goiânia, como Ateneu Dom Bosco, dos padres salesianos; Santo Agostinho, das irmãs agostinianas; e Externato São José, das irmãs dominicanas, há a mão apostólica de Dom Emanuel. Nos municípios de Goiás, inaugurava-se uma paróquia e, ao lado, uma escola, obra do arcebispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira. “Sua maior preocupação era gerar emprego para jovens pobres.” (1). Morreu em 12 de maio de 1955.

Roberto Mange, o suíço que revolucionou a educação profissional

Robert Auguste Edmond Mange. Este é o nome daquele que revolucionou a educação profissional no Brasil. Roberto Mange nasceu em 31 de dezembro de 1885, na cidade suíça de La Tour de Peilz, cantão de Vaud, próxima a Vevey, às margens do Lago Léman, segundo informa seu neto, Luiz Adriano de Carvalho Mange, tecnólogo em mecânica e professor aposentado do SENAI de São Paulo (SP). No Brasil, desembarcou com 28 anos incompletos, em junho de 1913, para lecionar na Escola Politécnica de São Paulo (SP), onde permaneceu por 40 anos, aposentando-se em 1953. Sua transferência teria sido um pedido do então diretor da instituição de ensino, engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza, conta o neto de Roberto Mange (*veja íntegra de entrevista nas páginas 79 a 81*).

Roberto Mange, que falava português fluente, formou-se engenheiro na Escola Politécnica de Zurique em 1910. No livro *Roberto Mange e sua obra*, o autor, amigo e parceiro de Mange na construção da filosofia do SENAI, Ítalo Bologna cita dados biográficos publicados pelo Departamento Regional de São Paulo em 1965 sobre a trajetória do engenheiro no Brasil. Teria ele idealizado, em 1931, ao lado de outros profissionais da época, o Instituto de Organização Racional do Trabalho (Idort), onde



Roberto Mange idealizou, em 1931, ao lado de outros profissionais, o Instituto de Organização Racional do Trabalho (Idort), onde o engenheiro suíço já começava a aplicar as teorias relacionadas com o ensino profissional e o desenvolvimento humano

o engenheiro já começava a aplicar as teorias relacionadas com o ensino profissional e o desenvolvimento humano.

Cita a biografia de Mange publicada pelo Departamento Regional do SENAI de São Paulo: “(O Idort era) destinado a aumentar o bem-estar social por meio de uma organização adequada a cada setor do trabalho e cada atividade; estudar, difundir e aplicar os princípios, métodos, regras e processos da organização científica do trabalho; evitar o desperdício sob as suas múltiplas modalidades; dar o máximo de rendimento com o mínimo de dispêndio;



Roberto Mange (terceiro da esquerda para a direita) liderou grupo de educadores dedicados ao ensino profissional no Brasil responsável pela elaboração das diretrizes que dariam origem ao SENAI, entre 1940 e 1942

proporcionar aos empreendimentos e a seus executores toda a segurança, quer sob o ponto de vista de atingir de forma plena a sua finalidade, quer sob o aspecto de eficiência qualitativa e quantitativa de operações; assegurar administrações cientificamente exercidas.” (4) Qualquer semelhança com a filosofia de ensino implementada pelo SENAI anos mais tarde não seria mera coincidência.

Na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Roberto Mange foi professor do primeiro curso de Psicotécnica realizado no Brasil. Em 1934, o engenheiro funda o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional da Estrada de Ferro de Sorocabana, em Sorocaba (SP). O órgão, de caráter técnico, tinha como função organizar, orientar e

coordenar os empreendimentos especializados de seleção e preparo de pessoal para trabalhar nas estradas de ferro, onde também se desenvolveram cursos para engenheiros ferroviários.

Entre 1940 e 1942, coube a Roberto Mange e a outros educadores dedicados ao ensino profissional no Brasil a elaboração das diretrizes que dariam origem ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que nasce com o objetivo de preparar trabalhadores para a até então incipiente indústria brasileira. O SENAI é fundado em 22 de janeiro de 1942, pelo Decreto-Lei 4.048, pelas mãos do então presidente Getúlio Vargas. Roberto Mange se torna o primeiro diretor do Departamento Regional do SENAI de São Paulo, função que ocupou até sua morte, em 31 de maio de 1955. Na biografia preparada pelo Regional paulista consta que, na época do falecimento do engenheiro, a 6ª Região do SENAI, a qual Mange dirigia e que abrangia São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Território de Guaporé, contava com 27 escolas instaladas, entre elas a Escola SENAI GO 1, em Anápolis.

No Brasil, Roberto Mange casou-se com Joana de Carvalho, que mais tarde mudou o nome para Jeanne de Carvalho Mange. Segundo seu neto Luiz Adriano Mange, o avô pretendia voltar à Suíça e, assim, tanto sua esposa como os filhos tinham nomes franceses. Teve com Joana quatro filhos e, quando morreu, era avô de 17 netos.

NOTA - (4) BOLOGNA, Ítalo. *Roberto Mange e sua obra*. Goiânia: Unigraf. 1980.

Nos passos do avô, Roberto Mange



A convite do Departamento Regional, o professor aposentado do SENAI de São Paulo Luiz Adriano de Carvalho Mange, de 61 anos, neto de um dos fundadores da principal instituição de educação profissional brasileira, Roberto Mange, falou para este trabalho produzido por ocasião do aniversário de 60 anos do SENAI em Goiás. A entrevista, no formato pingue-pongue, foge um pouco às características de um livro, porém assim é publicada pela sua importância histórica. Luiz Adriano é tecnólogo em mecânica e pedagogo com especialização em administração escolar. Seguindo os passos do avô, Adriano Mange atuou no SENAI de São Paulo de 1974 a 2010, quando se aposentou. Lá, ocupou as funções de técnico de ensino, coordenador pedagógico, diretor e gerente de escolas paulistas. Entusiasta da metodologia de ensino inserida na educação profissional brasileira pelo SENAI, o professor contou um pouco da trajetória do avô como um dos responsáveis por essa história que vem sendo escrita ao longo das últimas sete décadas no Brasil, seis em Goiás. Presença ilustre nas festividades pelo 60º aniversário do SENAI no Estado, ele recebeu homenagens na Faculdade de Tecnologia Roberto Mange, em Anápolis.

Por que seu avô Roberto Mange decidiu vir para o Brasil no começo do século passado? O que o atraiu?

Luiz Adriano de Carvalho Mange – A Escola Politécnica de Zurique, a pedido do engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza, então diretor da Politécnica de São Paulo, o indicou para atuar como docente na capital paulista. Roberto Mange formou-se engenheiro pela Politécnica de Zurique em 1910 e estava trabalhando na empresa Brown Boveri quando lhe foi feito o convite para lecionar em São Paulo. Como ele realizou seus estudos primários em Portugal e dominava o idioma português, isso facilitou

sua vinda ao Brasil. O contrato de trabalho, inicialmente com duração de dois anos, foi sendo renovado continuamente, tendo permanecido na Escola Politécnica até 1953, ou seja, por 40 anos.

A fundação do Instituto de Organização Racional do Trabalho, o Idort, por Roberto Mange e outros profissionais da época, pode ser considerada “embrião” das ideias que norteariam a fundação, mais tarde, do SENAI no Brasil?

Adriano Mange – Sim, o Idort foi a base para a organização, em 1934, do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional da

“No início das atividades do SENAI, a palavra de ordem era velocidade. Roberto Mange decidiu que para atender às necessidades urgentes, seriam estruturados cursos rápidos, para a preparação de novos operários, e cursos de aperfeiçoamento, para aqueles que já possuíam alguma formação.”

“Ele (Roberto Mange) ficaria extremamente orgulhoso. Ver o que é o SENAI atualmente no Brasil, com suas escolas diversificadas e atualizadas tecnologicamente, registrando números altamente significativos e excelente nível educacional e tendo se tornado uma organização reconhecida internacionalmente por sua eficácia, é fantástico. Sobretudo se levados em conta os desafios que se apresentavam em 1942.”

Estrada de Ferro de Sorocabana, em Sorocaba (SP). Foi lá, no Centro Ferroviário, que teve início a metodologia de ensino profissional que caracterizou toda a trajetória do SENAI.

De que esforços se valeu Roberto Mange para, na década de 1940, fundar o SENAI? Com que apoio ele contou e que dificuldades ele encontrou para concretizar esse objetivo?

Adriano Mange – A experiência bem-sucedida do Centro Ferroviário, a necessidade de incrementar a produção industrial no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, a percepção dos empresários, como Roberto Simonsen, sobre a necessidade da formação profissional ser tratada como prioridade, bem como o apoio do governo para criar fontes de financiamentos para a formação profissional, foram elementos fundamentais para a organização do SENAI. Os desafios eram enormes: onde encontrar pessoas habilitadas para sustentar a proposta da instituição? Como preparar os programas de ensino para as áreas a serem atendidas? Como montar as oficinas? Enfim, como criar um ambiente que diferenciasse a escola profissional da chamada escola acadêmica?

E como esses desafios foram enfrentados por Roberto Mange? Como essa estrutura física, de pessoal e conceitual foi organizada por ele e seus companheiros?

Adriano Mange – Para atender à necessidade de contratação de pessoal qualifi-

cado, Roberto Mange organizou, em 1943, o Curso de Iniciação em Ensino Industrial para Técnicos do SENAI. Tratava-se de um curso de caráter didático e intensivo, frequentado por pessoas que iriam ocupar cargos técnicos. Muitos dos diretores de escola e chefes de departamentos foram egressos desse curso. Essa atividade jamais foi interrompida e muito foi investido na formação de professores por meio de cursos no Brasil e estágios de formação na Europa. No início das atividades do SENAI, a palavra de ordem era “velocidade”. Para tanto, Roberto Mange decidiu que para atender às necessidades urgentes, seriam estruturados cursos rápidos, para a preparação de novos operários, e cursos de aperfeiçoamento, para aqueles que já possuíam alguma formação, conseguindo, dessa forma, obter resultados significativos em termos quantitativos e qualitativos. Organizou, também, as famosas séries metódicas para os ofícios de maior demanda da indústria. Enquanto as escolas próprias eram edificadas, foram locados galpões industriais e compartilhadas instalações de outras escolas profissionalizantes. Essa estratégia também contribuiu fortemente para os resultados positivos obtidos nos primeiros anos do SENAI. É interessante observar que as primeiras escolas têm a mesma planta arquitetônica. Com isso, se ganhava tempo e economia no processo de construção. Foram definidas também as máquinas, as ferramentas, o mobiliário, enfim toda a infraestrutura requerida para diversas ocupações a serem ministradas

em cada escola. Dessa forma, ao se implantar uma escola de mecânica, por exemplo, era rápido o processo de projeto, construção e especificação de equipamentos, ou seja, todo o processo era muito racional.

Tem informações sobre por que teria optado por Anápolis para fundar a primeira escola do SENAI em Goiás?

Adriano Mange – Não tenho informações precisas sobre essa decisão. Mas é preciso lembrar que Roberto Mange foi o primeiro diretor regional da 6ª Região do SENAI, à qual estavam subordinados os Estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso e o Território de Guaporé.

O senhor chegou a conhecer, conviver com seu avô Roberto Mange?

Adriano Mange – Convivi muito pouco. Eu tinha apenas 5 anos quando meu avô faleceu, em 1955.

Considera que o SENAI manteve, ao longo dessas sete décadas de história no Brasil, a prática dos mesmos valores impressos pelo seu avô Roberto Mange, na década de 1940, quando a instituição foi fundada?

Adriano Mange – Sem dúvida. E a meu ver esse é o diferencial do SENAI.

O que acha que diria seu avô se pudesse ver no que o SENAI se tornou, estando presente hoje em todas as unidades da Federação e no Distrito Federal, formando mais de 2 milhões de trabalhadores todos os anos?

Adriano Mange – Ele ficaria extremamente orgulhoso. Ver o que é o SENAI atualmente no Brasil, com suas escolas diversificadas e atualizadas tecnologicamente, registrando números altamente significativos e excelente nível educacional e tendo se tornado uma organização reconhecida internacionalmente por sua eficácia, é fantástico. Sobretudo se levados em conta os desafios que se apresentavam em 1942.

O senhor também atuou no SENAI. Que funções exerceu na instituição?

Adriano Mange – Atuei no SENAI-SP de novembro de 1974 a junho de 2010. Comecei como técnico de ensino. Posteriormente, fui coordenador pedagógico e diretor da Escola SENAI Suíço-Brasileira. Por último, ocupei a Gerência de Assistência à Empresa e à Comunidade da Diretoria Técnica do SENAI-SP.

“Os desafios eram enormes: onde encontrar pessoas habilitadas para sustentar a proposta do SENAI? Como preparar os programas de ensino para as áreas a serem atendidas? Como montar as oficinas? Enfim, como criar um ambiente que diferenciasse a escola profissional da chamada escola acadêmica?”





**SOMANDO
CONHECIMENTO**

SENAI GOIÁS VAI AONDE A INDÚSTRIA ESTÁ



Antigo CFP Araguaína, marco da presença do SENAI Goiás no hoje Estado do Tocantins, com raio de atuação de Miracema ao Bico do Papagaio, além de unidade em Gurupi, no período de 1971 a 1992

Ponto de partida do SENAI em Goiás, o então Centro de Formação Profissional Roberto Mange, em Anápolis, constituiu-se na gênese de uma história que estava, na década de 1950, apenas começando no Estado. Instituição que tem como conceito básico de sua fundação servir à indústria brasileira com a formação de mão de obra qualificada, o SENAI cresce em número de unidades. A partir da década de 1960, descentraliza-se, vai aonde se necessita que ele vá. Assim, 16 anos após a criação da primeira unidade escolar do SENAI em Goiás, nasce o Centro de Formação Profissional (CFP) Ítalo Bologna, segundo no Estado e primeiro na capital, Goiânia, em 1968.

A partir de 1971, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás se instalou na cidade de Araguaína – hoje Estado do Tocantins – distante 1,2 quilômetros de Goiânia. Junto com a federação, chegou também o SENAI. Um centro de treinamento foi destinado ao atendimento das indústrias e da comunidade da região. Tratava-se de um barracão de tábua, alugado, que se tornaria o embrião do Cen-

tro de Formação Profissional que hoje conta com modernas e funcionais instalações.

Em 1977, o SENAI instalou os Centros Regionais de Treinamento do Médio Norte, uma pequena unidade na cidade de Gurupi, hoje também Tocantins, a 600 quilômetros de Goiânia; e do Sudoeste, região mais próspera do Estado, em Rio Verde.

No fim da década de 1980, o CFP Araguaína atendia alunos de cerca de 30 cidades do Tocantins com raio de atuação que ia de Miracema do Norte, escolhida capital provisória do Estado, a São Sebastião do Tocantins, no Bico do Papagaio.

Ainda nos anos 80, a atuação do SENAI ganhou importante reforço com a utilização de unidades móveis – contêineres autotransportáveis – doadas pelo Departamento Nacional para levar a formação profissional às indústrias em cidades onde não dispunha de escolas fixas. As atividades, coordenadas pelo então Centro Regional de Treinamento Sul (Cetresul), em Goiânia, atualmente estão a cargo da Escola SENAI Vila Canaã, com a



incorporação da antiga unidade.

Com a divisão do Estado, em 1988, o SENAI Goiás manteve sua atuação formadora na região. O processo de emancipação, com a criação do SENAI Tocantins, em 1992, só foi concluído com a desvinculação das unidades de formação profissional de Araguaína e Gurupi, isso em 13 de agosto daquele ano. Assim, o Departamento Regional do Sistema no Estado vizinho nasceu com capacidade de preparar aproximadamente 2,5 mil profissionais por ano para a indústria nas áreas automobilística, construção civil, marcenaria, serralheria, entre outras.

Em 1979, nasce o Centro de Treinamento de Supervisores e Gerentes (Cetresg), segunda unidade do SENAI em Goiânia, que mais tarde se transformaria na Faculdade de Tecnologia SENAI de Desenvolvimento Gerencial (Fatesg) – *leia mais na página 110*. Em 1981, o Departamento Regional do SENAI inaugura na capital a mais moderna unidade da instituição no Estado, o Centro de Formação Profissional Vila Canaã (*leia mais na página 102*).



Em sentido horário, Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna, Escola SENAI Vila Canaã e Faculdade SENAI de Desenvolvimento Gerencial: unidades da capital têm atuação também no interior, com manutenção de núcleos, ações e unidades móveis

O Sistema Indústria

Parte integrante do Sistema Indústria — formado ainda pela CNI, SESI e IEL —, o SENAI possui um Departamento Nacional e 27 Departamentos Regionais, com unidades operacionais instaladas nos 26 Estados e no Distrito Federal. Elas levam seus programas, projetos e atividades a todo o território nacional, oferecendo atendimento às diferentes necessidades locais e contribuindo para o fortalecimento da indústria e o desenvolvimento pleno e sustentável do País.

DESCENTRALIZAÇÃO RUMO AO INTERIOR

Escola SENAI Catalão, no Sudeste: descentralização do parque industrial é acompanhada pela interiorização das atividades da instituição



O processo de interiorização das atividades do SENAI, na esteira da descentralização do parque industrial, avança com a instalação do Centro de Formação Profissional Catalão, naquele município, em 1988, atendendo aos fortes investimentos do setor produtivo na região. No mesmo ano, por meio de um termo de cooperação, o SENAI assume a administração do Centro de Formação Profissional instalado e equipado pela empresa So-

cidade Anônima Mineração e Amianto (SAMA), em Minaçu, Norte do Estado, e que mais tarde, em 2007, se transformaria na Unidade Integrada SESI SENAI SAMA. Nos anos de 1988 e 1989, foi dado início também a dois projetos pilotos do SENAI Goiás, com a instalação de núcleos voltados para costura industrial nos municípios de Trindade e Jaraguá, respectivamente.

Em 1992, o SENAI implantou em Itumbiara, no Sul de Goiás, uma de suas unidades fixas, por se tratar o município de referência de um dos mais importantes polos de desenvolvimento no Estado.

Em 1998, Rio Verde, no Sudoeste do Estado, que já abrigava um pequeno centro de treinamento, ganhou escola mais bem estruturada, a Escola SENAI Fernando Bezerra, motivada pela força da agroindústria na região e da indústria de transformação de alimentos. Mais tarde, com sua transformação, em 2006, na Unidade Integrada SESI SENAI Rio Verde, com a forte demanda da região, em 2010 dois núcleos foram instalados, em Quirinópolis e Mineiros, democratizando ainda mais o acesso aos cursos profissionalizantes destinados aos trabalhadores da indústria. O primeiro ganhou autonomia e hoje funciona como unidade integrada.

Nos anos 2000, a extensão das unidades de



educação profissional do SENAI se deu para Niquelândia; Aparecida de Goiânia e Senador Canelo, no Entorno de Goiânia; Luziânia e Formosa, no Entorno do Distrito Federal, e Barro Alto, núcleo anteriormente ligado à Unidade Integrada SESI SENAI Niquelândia, que em 2012 também virou unidade autônoma. Nesse período, as atuações já ocorreram de forma sintonizada entre SESI e SENAI, sendo as novas escolas ou parte das já existentes transformadas em unidades integradas.

Em 2004, em busca de novos nichos de mercado, o SENAI Goiás potencializou ações voltadas à educação profissional, ao empreendedorismo e à geração de emprego e renda ao passar a atuar por meio do Programa de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo (APL). Iniciativa do Ministério da Integração Nacional, o programa executado pelo SENAI é desenvolvido nos municípios que integram a Região do Entorno do Distrito Federal. O objetivo é promover a organização dos setores produtivos potenciais de cada localidade.

Ao final da década, toda a rede de ensino ultrapassava a casa das 100 mil matrículas-ano nos cursos de educação profissional – Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores, Educação Profissional Técnica de Nível Médio e Educação Superior, quantidade em média 50% superior à registrada em 2008.

Unidade Integrada SESI SENAI Niquelândia: parceria com mineradoras Anglo American e Votorantim levou formação profissional para o Norte goiano



Em 1988, o SENAI assume a gestão do CFP instalado pela SAMA, em Minaçu, posteriormente transformado em unidade integrada com o SESI. O mesmo ocorre com a Escola SENAI Fernando Bezerra, em Rio Verde, motivada pela força da agroindústria





POR DENTRO DA REDE SENAI GOIÁS

Aqui, saiba um pouco mais sobre cada uma das unidades de formação profissional administradas pelo SENAI em todo o Estado. A opção que se fez foi dividi-las por município. Portanto, elas não estarão distribuídas com base numa linha do tempo, mas em sua localização geográfica.

Goiânia

Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna – a pioneira na capital



Ary Azevedo, à frente de Venerando de Freitas Borges: de Anápolis para Goiânia, no comando do antigo CFP Ítalo Bologna

Numa área de aproximadamente 33 mil metros quadrados, tiveram início, em 1965, as obras do então Centro de Formação Profissional (CFP) Ítalo Bologna. O terreno, localizado em posição estratégica, no Setor Centro-Oeste, entre Goiânia e a Campininha das Flores, foi adquirido da Fundação de Assistência a Menores Aprendizizes (Fama) – cujos alunos foram depois atendidos pela unidade. Mantendo a tradição de primeiro começar a funcionar para depois proceder a solenidade de inauguração, no caso do CFP Ítalo Bologna esta ocorreu em 24 de março de 1968, embora estivesse em atividades desde o ano anterior.

Coube ao professor Ary Azevedo, que até então respondia pelo CFP Roberto Mange, em Anápolis, comandar o início das atividades da nova uni-

dade escolar, a primeira a ser instalada na capital. Veio para Goiânia a pedido do então diretor do Departamento Regional do SENAI Goiás, professor Gilson Alves de Sousa. A unidade recebeu o nome de Ítalo Bologna em homenagem ao engenheiro mineiro, nascido em Pouso Alegre, um dos braços direitos de Roberto Mange quando da fundação do SENAI no Brasil. Na época em que a unidade foi aberta em Goiânia, Ítalo Bologna ocupava o cargo de diretor do Departamento Nacional do SENAI.

Os primeiros equipamentos que fariam funcionar as oficinas da nova escola começaram a chegar ainda em 1966. No ano seguinte, foram concluídas todas as obras, montadas as instalações e realizadas as seleções para as primeiras turmas. Documentos oficiais do SENAI dão conta de que



o CFP Ítalo Bologna nasce, basicamente, com o objetivo de formar mecânicos de automóveis, fossem esses menores aprendizes ou adultos já empregados, em cursos diurnos e noturnos. Porém, dada a capacidade de instalação e a demanda por serviços em outras áreas do conhecimento, a escola passa a funcionar como “um verdadeiro centro de formação profissional, com o atendimento de uma gama de ofícios e especializações das mais diversas”, cita relatório de atividades do Departamento Regional do SENAI Goiás referente ao primeiro ano de funcionamento da unidade. Constava do documento que, do estudo realizado em decorrência da conclusão das obras da escola, decidiu o Conselho Regional do SENAI pela montagem, na nova escola, de uma oficina gráfica e vários cursos de treinamento para adultos em caráter definitivo.

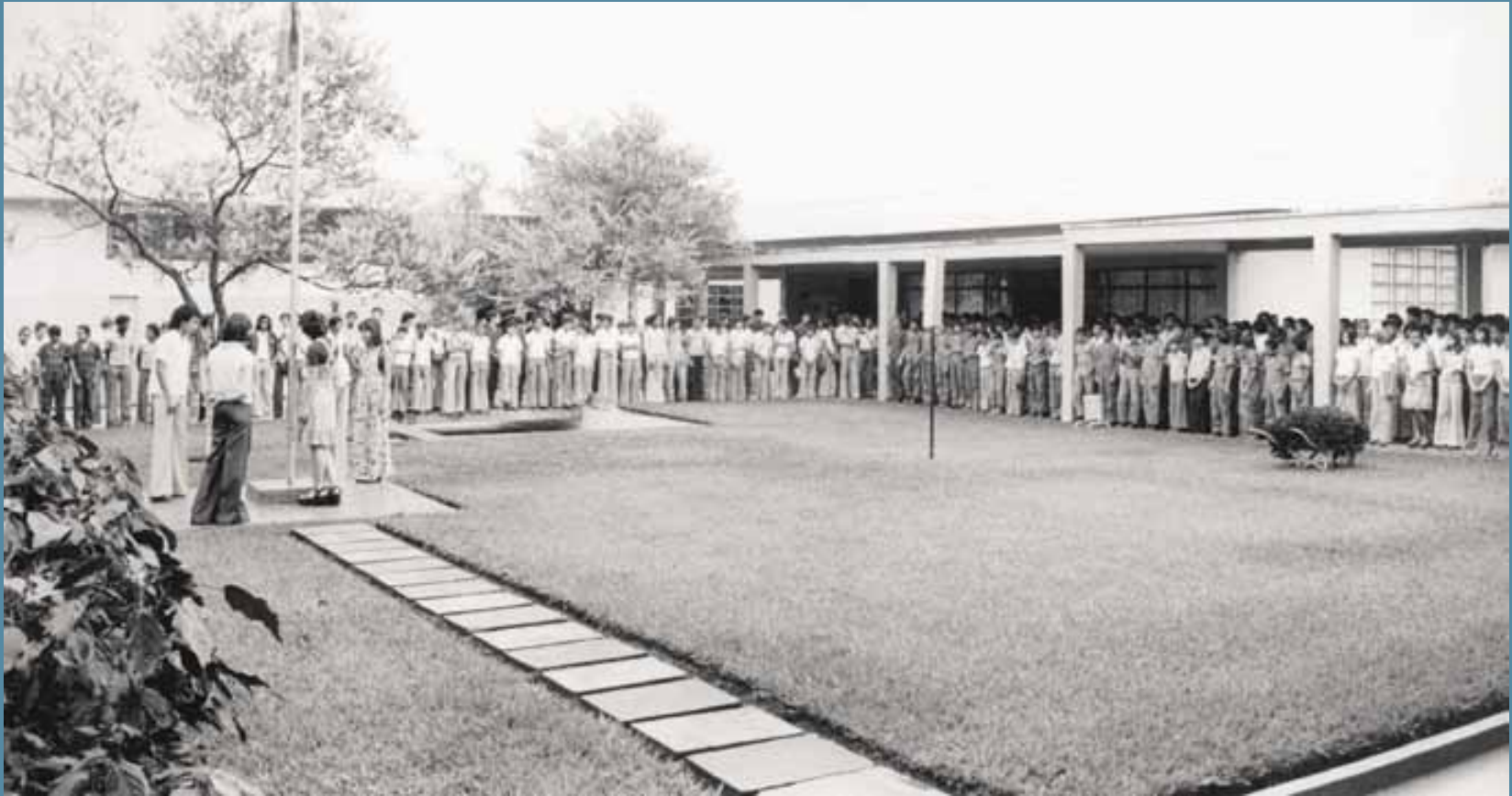
Assim, o CFP Ítalo Bologna começou a funcionar com ampla estrutura, digna da escola pioneira do SENAI na capital do Estado. Naquela

ocasião, foram construídos o pavilhão destinado a abrigar os cursos de treinamento e os ministrados nas oficinas; outro pavilhão para que pudessem ser realizados os cursos de lanternagem, pintura, estofamento e eletricidade de autos e solda elétrica; e a oficina gráfica, com instalação de maquinário, equipamentos e seleção de professores. Ao mesmo tempo, foram adquiridos máquinas e equipamentos para as várias modalidades de cursos; adaptadas salas para estudo dirigido; montados cozinha e auditório e construídas ruas internas da unidade escolar.

O CFP Ítalo Bologna, como se vê, já nasce grande e como grande, superando as metas iniciais do Departamento Regional do SENAI em Goiás. Ao abrir suas portas para a comunidade de Goiânia, oferecia curso de aprendizagem industrial em mecânica de automóveis; treinamento de adultos de pedreiro, solda oxiacetilênica, pintor de obras, leitura de plantas, operador de postos de serviços,

Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna, de unidade pioneira na capital a referência em diversas áreas da indústria. Abaixo, notícia sobre ingresso do SENAI no ensino superior é publicada pelo jornal O POPULAR, em 2005





Registros históricos: no alto, momento cívico no CFP Ítalo Bologna, prática comum nas escolas do SENAI, e (abaixo) eventos com presença do então presidente da FIEG, José Aquino Porto, Jorge Alberto Furtado, diretor de Ensino Médio do MEC, Hélio Naves, Jefferson Bueno, professor Manoel Virgílio Pimentel Cortes, Antônio Fábio Ribeiro, Ovídio Inácio Carneiro e Gonçalo Bezerra, delegado regional do Trabalho

Aprendizes de mecânica de automóveis no início das atividades do CFP Ítalo Bologna: formação profissional na área motivou a implantação da unidade, no final da década de 60. Abaixo, na parede, o slogan que caracteriza o ensino do SENAI





Alunos em salas de aula e em oficinas do antigo CFP Ítalo Bologna: aprendizagem alia teoria e prática profissional

Concluinte recebe certificado entregue pelo professor Venerando de Freitas Borges, secretário do Conselho Regional do SENAI e superintendente da FIEG por mais de duas décadas

À direita, dois momentos da capacitação profissional no setor de construção civil: antes, em 1966, atividade prática em ambiente interno; hoje, em canteiros de obras







Mecânica de automóveis, em 1968: à esquerda, ao alto, grupo de estudantes de Engenharia em estágio no SENAI, aprendizes em prática de alinhamento de rodas e na seção de "motores vivos", sob orientação do instrutor Altino Desideri. À direita, em sentido horário, lavagem e lubrificação, seção de motores VW-DKV e outras



*Oficinas de costura industrial (acima e abaixo, à direita),
lanternagem de automóveis e calçados*







Acima, aluno em atividade no curso técnico de manutenção de aeronaves da Fatec Ítalo Bologna

À esquerda, alunos em prova prática da Olimpíada do Conhecimento, competição que avalia a educação profissional no SENAI



“O curso tem qualidade insuperável, com a metade do preço do mercado. Os ambientes de ensino e os equipamentos são excelentes.”

Luiz Alberto Rodrigues, inspetor de aviação da Anac, sobre o curso técnico em manutenção de aeronaves do SENAI, implantado em 2011, na Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna, em Goiânia



Aprendiz em atividade prática em mecânica automotiva, observado por Olímpio Jáder de Magalhães (centro), presidente da Comissão do Auxílio Especial do SENAI, em visita ao antigo CFP Ítalo Bologna, no final da década de 60

mecânico de autos, instalador de água e esgoto, solda elétrica, segurança no trabalho e prevenção de acidentes, eletricista instalador e mestre de obras; cursos de aperfeiçoamento ou especialização em manutenção de máquinas de terraplanagem, liderança de reuniões, engenharia humana e organização industrial. Também realizava cursos de aprendizagem de menores no local de trabalho nas ocupações de marceneiro, serralheiro, colhedor, assoprador, maquinista, charqueador, latoeiro funileiro, mecânico geral, carpinteiro, aquilatador e salgador.

Naquele primeiro ano de funcionamento, em 1967, o CFP recebeu 988 matrículas nos cursos oferecidos na época, o que equivalia a mais de um terço de todas as matrículas realizadas nas duas unidades administradas pelo Departamento Regional do SENAI em Goiás. Foram, ao todo, 642 certificados expedidos pela unidade. Ou seja, pessoas que iniciaram e concluíram cursos profissionalizantes, aptas, a partir dali, para novos desafios no mundo do trabalho.

Em 1968, ano em que foi oficialmente inaugurado, o número de alunos matriculados no CFP Ítalo Bologna chegou a 1.075, nos 38 cursos então oferecidos pela unidade de formação. Os concluintes somaram 672 em atividades de aprendizagem e treinamento destinadas a menores aprendizes e adultos. Uma escola em pleno funcionamento na jovem capital de Goiás, então com 35 anos, sedenta por mão de obra qualificada capaz de alavancar seu desenvolvimento.

Em 1999, o Centro de Formação Profissional ganhou status de Centro Modelo de Educação Profissional (Cemep), certificação criada pelo Departamento Nacional da instituição para avaliar a qualidade dos serviços prestados à indústria

e à comunidade, explica a atual diretora da agora Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna, professora Misclay Marjorie Correia da Silva. Na segunda metade da década de 1990, acrescenta a educadora., o Ítalo Bologna representava uma referência nacional em sua área, conquistando, por exemplo, selo de qualidade expedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) como unidade modelo em qualificação e aperfeiçoamento. “Poucas escolas, nessa época, contavam com tal reconhecimento”, atesta. A escola que nascera grande seguia grande na missão de formar mão de obra qualificada para a indústria local.

Em 2005, novo grande passo da instituição, então transformada, por meio de portaria do Ministério da Educação, em Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna para os níveis de graduação tecnológica e pós-graduação em automação industrial. Em visita à unidade, os representantes do MEC puderam atestar a qualidade da instituição, onde mais de 75% dos docentes são mestres e doutores e cujo parque educacional é formado por equipamentos de última geração. “Em 2010, o MEC credenciou a Fatec Ítalo Bologna com conceito 4 de qualidade, numa escala de 0 a 5”, cita Misclay.

Para melhor atender à nova etapa de funcionamento, foram necessárias ampliações e adaptações dos espaços existentes. Novos galpões foram erguidos e amplos e modernos ambientes pedagógicos surgiram para a continuidade dos cursos de aprendizagem industrial, de qualificação e aperfeiçoamento profissional e dos cursos técnicos e tecnológicos oferecidos pela unidade. Além de Goiânia, a Fatec SENAI Ítalo Bologna recebe pessoas de vários outros municípios, atendendo demandas

específicas de empresas e segmentos empresariais em localidades como Anicuns, Crixás, Trindade, Senador Canedo, Santa Helena, Jaraguá, Pontalina, Cromínia, Caldazinha e Ceres. Desde que foi fundada, dirigiram a unidade os professores Ary Azevedo, Paulo Vargas, Lázaro Bernardes, Jair Braz de Oliveira, Marcos Mariano e, atualmente, está à frente Misclay Marjorie.

Desse modo, a Fatec SENAI Ítalo Bologna cresce a uma média de 2 mil novos alunos por ano. Em 2011, foram cerca de 8,3 mil vagas oferecidas nos cursos ministrados pela instituição de ensino e a previsão para 2012 é de que o número de matrículas ultrapasse a casa dos 10 mil alunos. Desde que abriu suas portas à produção e disseminação do conhecimento, a agora Faculdade de Tecnolo-

gia SENAI Ítalo Bologna recebeu, em suas salas, oficinas e laboratórios, o equivalente a 112.378 pessoas. Formadas para um mercado competitivo, uma indústria em desenvolvimento. E eles foram preparados para isso.

QUEM DIRIGIU A FACULDADE DE TECNOLOGIA SENAI ÍTALO BOLOGNA



Ary Azevedo (24/03/1968 a 1º/06/1979)



Paulo Vargas (13/02/1979 a 31/05/1979)



Lázaro Bernardes (1º/06/1979 a 1º/10/1981)



Jair Braz de Oliveira (1º/10/1981 a 10/02/1992)



Marcos Antônio Mariano Siqueira
(10/02/1992 a 15/07/2011)



Misclay Marjorie (a partir de 15/07/2011)

Quem dá nome à escola

Formado em engenharia civil pela Escola Politécnica de Sorocaba (SP), Ítalo Bologna nasceu em Pouso Alegre (MG), em 22 de abril de 1905. Foi aluno do amigo e também engenheiro Roberto Mange, de quem se tornou um dos principais colaboradores na implantação dos métodos e princípios da organização racional do trabalho no País nas décadas de 1930 e 1940. Em 1942, assumiu, em substituição a Roberto Mange, o cargo de diretor do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, gênese do SENAI no Brasil. Quando Roberto Mange faleceu, em 1955, substituiu aquele, também, na direção do Departamento Regional do SENAI de São Paulo, permanecendo à frente da instituição até 1962. Após essa etapa, tornou-se assessor da Presidência da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp). Em 1965, passou a diretor do Departamento Nacional do SENAI, cargo que ocupou durante uma década. Profundo conhecedor e estudioso da educação profissional, produziu e lançou artigos e obras sobre o tema no Brasil e no exterior. Em 1968, organizou a coletânea *Roberto Mange e sua Obra* (Editora Unigraf, Goiânia). Faleceu em São Paulo em 2 de julho de 1992, aos 87 anos.



Ítalo Bologna: profundo conhecedor e estudioso da educação profissional



Escola SENAI Vila Canaã, uma das principais da instituição em Goiás

Escola SENAI Vila Canaã

Erguido num terreno de 46 mil metros quadrados em região ainda inóspita de Goiânia, o então Centro de Formação Profissional (CFP) Vila Canaã surge, na década de 1980, como uma das mais modernas unidades administradas pelo SENAI no País, com 8,7 mil metros quadrados de área construída. Sua obra teve início quase quatro anos antes de ser inaugurada oficialmente, em 12 de agosto de 1981.

Mas os primeiros alunos, oriundos da Escola SENAI Ítalo Bologna, pisaram aquele chão antes, em novembro de 1980, para concluir seus estudos no ano seguinte. Em 1980, o SENAI havia concedido um total de 7.615 certificados, emitidos pelo

conjunto das unidades educacionais que abrangiam, até então, 42 municípios goianos.

A solenidade de inauguração, naquele agosto de 1981, contou com as presenças do então ministro do Trabalho, Murilo Macedo; do presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), senador Albano Franco; do então diretor do Departamento Nacional do SENAI, Arivaldo Silveira Fontes; do então presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás, José Aquino Porto, do então diretor regional do SENAI de Goiás, Jefferson Bueno; do governador de Goiás na época, Ary Ribeiro Valadão, e de várias personalidades do meio político e empresarial do Estado.

No fim daquele ano, 69 alunos concluíram cursos oferecidos pela nova escola. O certificado de nº 1 do Centro de Formação Profissional Vila Canaã foi emitido em nome de Humberto Cortês, formado em electricista de automóveis em 23 de dezembro de 1981.

O CFP Vila Canaã foi projetado para abrigar tanto a escola como o Departamento Regional do SENAI Goiás. Na década de 1990, foram anexados à unidade o Centro Regional de Treinamento Sul (Cetresul), que funcionava ao lado, e a área de Higiene e Segurança do Trabalho, oriunda do então Centro de Treinamento de Supervisores e Gerentes (Cetresg).

Hoje, matriculam-se anualmente mais de 20 mil alunos na unidade. De acordo com o diretor da escola, Hélio Vilaça, para atender às novas e urgentes demandas surgidas no contexto econômico e produtivo, a atuação abrange educação profissional, informação, tecnologia e assistência técnica e tecnológica para as áreas de artes gráficas e de plástico, reparação automotiva e motocicletas, segurança do trabalho, meio ambiente, refrigeração, construção civil, eletricidade e alimentos.

Agora Escola SENAI Vila Canaã atua em parceria com o Sesi para oferecer Educação Básica articulada à Educação Profissional. Nessa modalidade, forma técnicos em impressão gráfica, manutenção automotiva e em alimentos. Sua estrutura física e os recursos disponíveis ao aprendizado dos alunos impressionam. Na área de gráfica, por exemplo, dispõe de modernos equipamentos para atender uma indústria inserida em mercado cada vez mais exigente.

A Educação Profissional, na Escola SENAI Vila Canaã, abrange o nível inicial, básico, em que jovens e adultos com qualquer escolaridade têm

acesso a cursos de aprendizagem capazes de lhes garantir emprego e renda; a aprendizagem industrial nos níveis de qualificação e/ou habilitação inicial, formando jovens técnicos de nível médio; o aperfeiçoamento profissional, para trabalhadores que buscam atualização em suas áreas de atuação. Também oferece consultorias a empresas em seus mais diversos níveis de conhecimento.

Uma das principais áreas de atuação da Escola SENAI Vila Canaã está na administração das unidades móveis. Trata-se de estruturas volantes que podem ser requisitadas para desenvolver ações de aprendizagem onde o SENAI não dispõe de unidades fixas.

À frente da Escola SENAI Vila Canaã, já estiveram o atual diretor regional do SENAI em Goiás, economista Paulo Vargas; os professores Lázaro Bernardes e Walmir Pereira Telles. O economista Hélio Pereira Vilaça está na função desde novembro de 2006.

QUEM DIRIGIU A ESCOLA SENAI VILA CANAÃ



Paulo Vargas (1º/08/1980 a 1º/10/1981)

Lázaro Bernardes (1º/10/1981 a 20/03/1987)

Walmir Pereira Telles

(18/03/1987 a 03/11/2006)

Hélio Pereira Vilaça (a partir de 03/11/2006)

Inauguração do CFP Vila Canaã, em 1981: presença do então ministro do Trabalho, Murilo Macedo, governador Ary Valadão, presidente da CNI, Albano Franco, Jaime Câmara, Aquino Porto e Jefferson Bueno e Paulo Galeno Paranhos



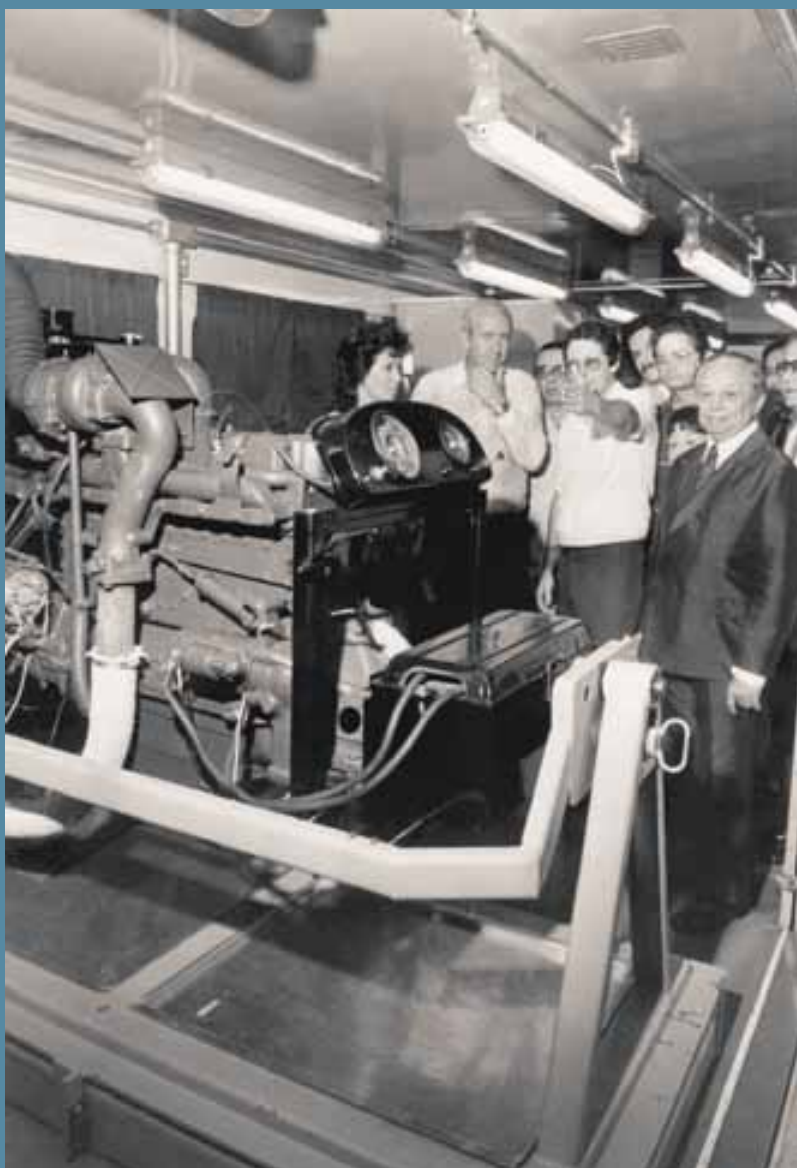


CFP Vila Canaã em construção, no início dos anos 80, recebe visita de diretores da FIEG e do SENAI





Primeiros eventos realizados na nova escola do SENAI em Goiânia, com presença de autoridades, diretores e colaboradores. À direita, inauguração do Laboratório de Bombas Injetoras, em 1985



Acima, o presidente da FIEG, José Aquino Porto, discursa na inauguração do serviço de unidades móveis, em 1984. Na solenidade, o CFP Vila Canaã recebe visita do então prefeito de Goiânia, Nion Albernaz, à esquerda. No alto, à direita, entrega de Parati doada pela Volkswagen ao SENAI para ensino em mecânica, com presença de Paulo Vargas, empresários Toninho Maia, Aristarcho Gonçalves Mello, representantes da Volkswagen e Walmir Telles, então diretor da escola



Unidades móveis, por fora e por dentro: contêineres autotransportáveis levam o ensino do SENAI a várias regiões do Estado





Aprendizes em atividades nas áreas de mecânica e artes gráficas



Laboratório de alimentos da Escola SENAI Vila Canaã: investimento para atender à crescente demanda do segmento



Faculdade de Tecnologia SENAI de Desenvolvimento Gerencial (Fatesg)



Palácio da Indústria, no Centro de Goiânia, abrigou por vários anos o Centro de Treinamento de Supervisores e Gerentes, criado em 1979 junto à administração do SENAI

O embrião da Faculdade de Tecnologia SENAI de Desenvolvimento Gerencial (Fatesg) foi a antiga Divisão de Ensino e Treinamento, órgão normativo e de supervisão de todo o Regional de Goiás, que em 1976 funcionava no Palácio da Indústria, no Centro de Goiânia, e realizava cursos nas áreas de supervisão e gerência pela inexistência à época de unidade específica. Em janeiro de 1979, resultante da iniciativa, nasce o Centro de Treinamento de Supervisores e Gerentes (Cetresg), como lembra o professor João Francisco da Silva Mendes, diretor da Fatesg desde 2009. Relatório do SENAI de 1979 mostra atuação do então Cetresg em 34 modalidades diferentes de cursos ministra-

dos em áreas como segurança do trabalho, supervisão, relações humanas, gerência administrativa e técnicas didáticas.

Em sua origem, explica o professor João Francisco, a unidade foi desenvolvida com o objetivo de formar e desenvolver administradores, gestores, gerentes e supervisores para a indústria. Aqui, não era o operador de máquinas que era preparado para o mercado de trabalho, mas o profissional capaz de planejar atividades operacionais, gerenciar sistemas, supervisionar a produção. Como Cetresg, desenvolveu suas atividades no edifício, no Setor Universitário, que depois daria lugar à Fatesg, quando ali também estava instalado o Departa-



Paulo Vargas, ao lado do então diretor do Cetresg, Orlando Dias Costa (esquerda), participa de solenidade na unidade

mento Regional do SENAI de Goiás. “O centro tinha atuação em todo o Estado. A ideia era aperfeiçoar quem estava nessas funções e preparar novos quadros para uma indústria já carente de gestores qualificados”, destaca o professor João Francisco.

Em 2004, o Cetresg virou Cedegs – Centro de Educação Tecnológica SENAI de Desenvolvimento Gerencial, com a elevação de seu status após inspeção rigorosa realizada por técnicos do Ministério da Educação (MEC). O credenciamento como Faculdade de Tecnologia SENAI de Desenvolvimento Gerencial (Fatesg) veio por meio de portaria do MEC de janeiro de 2005. Inicialmente, oferecia somente cursos para adultos. Mais tarde, começou também a formar adolescentes para as áreas administrativas em cursos técnicos de nível médio cujo foco é o desenvolvimento gerencial.

Há, por exemplo, a oferta de cursos de aprendizagem de nível básico para adolescentes, treinados para atuar nos departamentos administrativos das indústrias. O alvo, aqui, não são as oficinas mecânicas, os laboratórios de física e química, os parques gráficos. O que caracteriza a Fatesg é a preparação de outro tipo de trabalhador, aquele que atuará na área de gerenciamento. O foco passa a ser o escritório, a área administrativa e de planejamento da indústria e de supervisão dos sistemas de produção industrial.

Os cursos técnicos, do mesmo modo, são ofertados para atender às áreas industriais pertinentes à gestão dos processos produtivos. Nesse sentido, são formados técnicos em logística, telecomunicações, em redes de computadores, em gestão da produção.

A Educação Profissional sob a responsabilidade da faculdade abrange as modalidades de aperfeiçoamento, habilitação e qualificação profissional;



pós-graduação e superior de tecnologia. Na graduação, são formados atualmente tecnólogos em rede de computadores e em análise e desenvolvimento de sistemas. De acordo com o professor João Francisco, estão em processo de aprovação pelo MEC outros dois cursos de nível tecnológico: gestão da produção industrial e processos gerenciais, ambos voltados para os processos produtivos industriais.

A área de pós-graduação mantida pela Fatesg, destaca o professor João Francisco, é uma das forças da instituição. São, ao todo, 18 cursos em funcionamento, com excelente avaliação. Algumas especializações hoje oferecidas pela instituição: gestão de produção, gestão em responsabilidade socioambiental, gestão empresarial, gestão da industrialização de açúcar e álcool, comércio exterior, logística empresarial, segurança em rede de computadores, tecnologia da informação, construção de edificações, gestão ambiental e engenharia de segurança do trabalho.

Outra área igualmente relevante mantida

Atual Faculdade de Tecnologia SENAI de Desenvolvimento Gerencial: da formação de supervisores e gerentes à elevação de status, reconhecida pelo MEC, com cursos de graduação e pós-graduação

Diretor do antigo Cetresg, Orlando Dias Costa entrega certificado a concluinte de curso





Casa nova: no alto, inauguração do prédio que abrigaria o Cetresg e a Administração Regional do SENAI, em 1988, com presença do então governador Henrique Santillo, presidentes da FIEG, Aquio Porto, e da CNI, Albano Franco. Acima, o então ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, recebe a medalha do Mérito Industrial da CNI



Paulo Vargas abre a 31ª Reunião de Diretores Regionais do SENAI, em Goiânia, em 1988, e condecora o diretor nacional de Desenvolvimento Regional, Olímpio Jáder, com a medalha do Mérito Industrial da FIEG



Goiânia em festa: industriais de todo o País reúnem-se em Goiânia para abertura das comemorações dos 50 da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e inauguração da sede administrativa do SENAI

Laboratório de informática da Fatesg: infraestrutura, corpo docente e proposta pedagógica aprovada na avaliação do MEC



QUEM DIRIGIU A FACULDADE DE TECNOLOGIA SENAI DE DESENVOLVIMENTO GERENCIAL (FATESG)



Orlando Dias Costa
(31/01/1979 a 17/02/1992)

Antônio Pereira de Souza
(17/02/1992 a 02/02/2009)

João Francisco da Silva Mendes
(a partir de 02/02/2009)

pela faculdade diz respeito aos serviços técnicos e tecnológicos prestados a empresas. “Para se ter uma ideia, temos atualmente 51 profissionais da Fatesg dentro da Celg – Companhia Energética de Goiás – prestando assessorias nas áreas gerenciais e de programas de computação”, frisa. Os serviços técnicos e tecnológicos hoje disponibilizados para as empresas abrangem as áreas de desenvolvimento tecnológico, serviços técnicos especializados, assessoria técnica e tecnológica e informação tecnológica.

O crescimento e a abrangência da instituição são impressionantes. Inicialmente, ainda como resultado da atuação da Divisão de Ensino e Treinamento, em 1976, foram emitidos 1.640 certificados a alunos que passaram por lá. Em 1979, já pelo Cetresg, os concluintes somaram 1.948 alunos. Em 2011, foi superada a marca dos 12 mil alunos certificados nas mais diversas áreas do conhecimento. E já oferece certificação internacional Prometric e VUE. Mais de 1,3 mil no primeiro caso, em 2011, e

17, pelo segundo. A Fatesg também abriga o Núcleo Integrado de Educação a Distância, em parceria com o Sesi. Em 2011, foram cerca de 30 mil matrículas nessa modalidade.

Hoje, a Fatesg só não atende mais alunos no período noturno porque já falta espaço físico. “Isso demonstra que estamos atendendo o profissional que está na indústria e que busca aperfeiçoamento”, afirma o diretor. Empresas que estão em outras localidades que não Goiânia, de acordo com ele, também são atendidas pela faculdade por meio de cursos de extensão e aperfeiçoamento.

Formada por uma rede de profissionais integrada por 130 funcionários, a Fatesg tem entre seus professores mestres e doutores. Avaliada pelo MEC, recebeu nota 4 em relação à infraestrutura institucional e 5 na avaliação do corpo docente e proposta pedagógica, em escala de 0 a 5.

A história da unidade registra como seus diretores Orlando Dias Costa, Antônio Pereira e João Francisco da Silva Mendes, o atual.



Aparecida de Goiânia e Senador Canedo

Unidade Integrada SESI SENAI Aparecida de Goiânia

Terceiro e quinto, respectivamente, municípios mais competitivos do ranking do Estado, Aparecida de Goiânia e Senador Canedo, na Região Metropolitana de Goiânia, estão na rota da ampliação e interiorização das atividades do Sistema FIEG. Ambos são polos estratégicos para investimentos na industrialização, na distribuição de produtos e no atendimento de importantes mercados consumidores. Sede de terminal petroquímico, Senador Canedo se destaca, principalmente, pela mudança que o município apresentou recentemente em sua infraestrutura econômica, propiciando um potencial de dinamismo e crescimento.

Por toda a demanda resultante dessa capacidade de desenvolvimento, a presença do SENAI de forma integrada com o SESI é assídua nos dois municípios, seja por meio de ações móveis, seja com unidades fixas, que já somam três – a Unidade Integrada SESI SENAI Aparecida de Goiânia, a Escola SENAI Dr. Celso Charuri e o Núcleo Integrado SESI SENAI Senador Canedo, ligado à primeira.

O Centro de Atividades Professor Venerando de Freitas Borges, do SESI, inaugurado em setembro de 1994, passou a também abrigar, em 2006, as atividades do SENAI, com sua transformação em unidade integrada, após adequações destinadas à modernização e melhor aproveitamento dos espa-



ços, sobretudo com a instalação de laboratórios de última geração. Foi esse o início da caminhada que passou a ser trilhada conjuntamente entre SENAI e SESI em Goiás.

Hoje, cerca de 1,5 mil alunos ingressam nos cursos de Educação Profissional oferecidos pela unidade de Aparecida todos os anos, o que significa muito para uma população caracterizada como de baixa renda vivendo numa cidade que enfrenta toda sorte de problemas causados pela expansão desordenada das últimas décadas. Foram mais de

Centro de Atividades Professor Venerando de Freitas Borges, implantado em 1994, virou Unidade Integrada SESI SENAI Aparecida de Goiânia em 2006 para atender à demanda das indústrias da região

QUEM DIRIGE A UNIDADE INTEGRADA Sesi SENAI APARECIDA DE GOIÂNIA



Adair Prateado Júnior
(a partir de 1º/06/1994)

Marco: dois anos depois do compartilhamento do Sistema FIEG, o Sesi e o SENAI integram a unidade de Aparecida de Goiânia, a primeira a reunir atividades das instituições em Goiás, em 2006, com presença de José Roberto Pereira (Aciag), secretários Ageu Cavalcante e Ridoval Chiareloto, deputado Chico Abreu, prefeito José Macedo, Paulo Afonso (FIEG), Eduardo Zuppani (Sindiquímica) e Marley Rocha (Sinprocim)

7,2 mil diplomas impressos desde 2006, segundo o diretor da unidade, Adair Prateado Júnior.

Para atender a uma demanda própria das indústrias instaladas no município, a Unidade Integrada Sesi SENAI Aparecida realiza cursos de iniciação e qualificação profissional nas áreas de construção civil, têxtil, vestuário, transporte, eletroeletrônica; e aperfeiçoamento profissional em gestão, tecnologia da informação, transporte e eletroeletrônica, além de oferecer também vagas em cursos de Educação a Distância.

A relação, sempre próxima, da administração da escola com os representantes dos segmentos industriais no município permite àquela atender às novas demandas por mão de obra qualificada que vão surgindo ao longo do tempo. Ponto a mais para a cidade, que consegue manter em seu território a força de trabalho residente ali, evitando, assim, sua migração para outras localidades, o que historicamente ocorria.

O local onde a Unidade Integrada Sesi SENAI está instalada, em Aparecida, era um terreno que pertencia à Polícia Militar, tendo sido doado à Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG) em maio de 1994.

Nesse novo formato, passa a atender não só Aparecida, mas, ao todo, nove outros municípios goianos. Prepara mão de obra qualificada, presta assessoria e assistência técnica e tecnológica às indústrias, cuida dos vários segmentos da vida do trabalhador de forma integrada e contribui, assim, para o desenvolvimento dos municípios onde atua. E, de acordo com o perfil das empresas e a demanda existente, o Sesi SENAI Aparecida prepara trabalhadores para as mais diversas áreas, seja operacional, seja de supervisão, administrativa e de gestão e de recursos humanos.

A unidade possui instalações adequadas às necessidades locais e ambientes pedagógicos capazes de oferecer Educação Profissional de qualidade, conforme exige o mercado. A estrutura é composta por salas de aula, laboratórios de automação industrial e de informática, oficinas, auditórios, entre outros espaços necessários à formação integral do trabalhador da indústria. Os clientes são jovens de 14 a 24 anos, que buscam aprendizagem industrial inicial ou cursos técnicos de Educação Profissional de nível médio.

Por meio, ainda, de unidades móveis administradas pela Unidade Integrada Sesi SENAI Aparecida de Goiânia, municípios que não contam com escolas fixas mantidas pelas instituições têm acesso aos cursos ministrados pelo SENAI e às ações de saúde, educação, lazer, esporte e de responsabilidade social oferecidas pelo Sesi. Verdadeiras oficinas autotransportáveis que levam mais cidadania à população dessas localidades.





Escola SENAI Dr. Celso Charuri

A segunda unidade do SENAI em Aparecida de Goiânia é a caçula do Estado, inaugurada em outubro de 2011. Resultado de parceria com a instituição beneficente PRÓ-VIDA e a Prefeitura de Aparecida, a Escola SENAI Dr. Celso Charuri foi instalada pronta para funcionar e matricular, em média, 2,7 mil alunos por ano. A união de esforços entre a PRÓ-VIDA e a Prefeitura de Aparecida foi decisiva para que a unidade se tornasse uma realidade no município.

A escola está localizada na Vila Oliveira e foi erguida em terreno de 13,7 mil metros quadrados doado pelo Executivo municipal. A área edificada é de cerca de 3 mil metros quadrados, onde são

ministrados cursos de manutenção industrial, eletroeletrônica, metalmecânica, informática e construção civil nas modalidades de aprendizagem industrial, qualificação profissional, habilitação técnica e aperfeiçoamento.

A PRÓ-VIDA foi responsável pela construção do edifício e aquisição de parte dos equipamentos necessários ao funcionamento da escola, doados ao SENAI. A prefeitura investiu na infraestrutura da região, para facilitar o acesso da comunidade. Ruas e avenidas foram pavimentadas, além de melhorada a infraestrutura viária, com a duplicação de vias.

Os distritos agroindustriais do município têm

Nova unidade: diretor da PRÓ-VIDA, Nelson Costa, fala na inauguração da Escola SENAI Dr. Celso Charuri, construída em parceria com a instituição beneficente e a prefeitura de Aparecida de Goiânia

Oficina da Escola SENAI Dr. Celso Charuri: estudantes conhecem novas instalações destinadas à educação profissional



“Há mais de 20 anos a Dinâmica Engenharia tem parceria com o SENAI, sempre recebendo apoio necessário para implementação de todas as atividades dentro e fora de nossos canteiros de obra.”

Mário Valois, Diretor da Dinâmica Engenharia



atraído nos últimos anos empresas dos mais diversos ramos. O parque industrial de Aparecida é formado por quase mil empresas dos mais variados segmentos da indústria, entre elas Grupo Mabel, Equiplax Indústria Farmacêutica, Fraldas Sapeka, Fraldas Kisses, Tempervidros e Arroz Cristal.

Levantamento que antecedeu a abertura da nova escola demonstrou a carência de mão de obra especializada na cidade e a demanda indicava a necessidade de criação de cursos técnicos articulados com o ensino médio em áreas como eletro-

mecânica, metalmecânica e informática. O estudo também mostrou lacuna significativa em relação a cursos de aprendizagem nas áreas administrativa e de gestão, soldagem, manutenção e usinagem, eletricidade, entre outras. Lacuna que agora poderá ser suprida com o oferecimento de cursos nesses segmentos, diz o diretor da unidade, Marcos Antônio Mariano Siqueira, com a experiência de ter dirigido anteriormente a Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna, em Goiânia.

QUEM DIRIGE A ESCOLA SENAI DR. CELSO CHARURI



Marcos Antônio Mariano Siqueira
(a partir de 15/07/2011)



Núcleo Integrado SESI SENAI Senador Canedo

O Núcleo Integrado SESI SENAI Senador Canedo é um dos mais recentes instalados em Goiás. Inaugurado em 4 de novembro de 2009, a unidade funciona nos moldes atuais de gestão compartilhada com o SESI, em que a comunidade tem acesso, no mesmo espaço, à Educação Profissional e Básica.

Com uma taxa de crescimento populacional bem acima da média da maioria dos municípios de Goiás, Senador Canedo, com 75 mil habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/2010), cresce de forma acelerada. Para a cidade, localizada na Região Metropolitana de Goiânia, convergem iniciativas do setor produtivo, o que tem demandado, cada vez mais, mão de obra especializada para suprir as necessidades da indústria.

Senador Canedo tem a marca da indústria do setor de combustíveis, mas é bem mais que isso. A localização estratégica atrai cada vez mais empresas, fazendo com que o município esteja sempre entre os cinco, seis maiores responsáveis pela arrecadação do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), segundo indicadores da Secretaria Estadual de Planejamento, e um dos mais competitivos de Goiás. Desse modo, estão instaladas hoje em Senador Canedo indústrias representantes de setores diversos, como o de alimentos, tecnologia, couros, vestuário, transporte.

No Núcleo Integrado SESI SENAI Senador Canedo, a comunidade tem acesso à Educação

Profissional nas modalidades de aprendizagem e qualificação em transporte, tecnologia da informação, gestão comportamental, construção civil, alimentos e bebidas. O SESI, por sua vez, oferece vagas em cursos gratuitos ministrados na modalidade de educação a distância e programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Continuada, além de desenvolver projetos consolidados, como o Atletas do Futuro e ações educativas em saúde.



Um dos municípios goianos mais competitivos, Senador Canedo ganhou, em 2009, núcleo integrado SESI SENAI, inaugurado pelo então prefeito Vanderlan Cardoso, Paulo Afonso Ferreira e Paulo Vargas



Mais Anápolis: presidente da FIEG, Pedro Alves de Oliveira, discursa na inauguração do Núcleo de Formação Profissional Conjunto Filostro Machado, observado pelo prefeito Antônio Gomide, empresários e autoridades



“O SENAI é um parceiro estratégico para a Caoa/Hyundai desde sua instalação em Anápolis. A maioria dos funcionários da montadora é formada por egressos do SENAI. Fabricamos um produto de altíssima qualidade, nosso veículo é competitivo no mercado e isso se deve, além da tecnologia que utilizamos, à competência da mão de obra que empregamos. Estamos muito satisfeitos com o atendimento realizado pelo SENAI Goiás.”

Akira Yoshikawa, ex-diretor da Caoa/Hyundai

Anápolis

Cidade-berço ganha núcleo de formação profissional

Anápolis, a cidade-berço do SENAI em Goiás, onde está instalada a hoje Faculdade de Tecnologia Roberto Mange, ganhou em 2011 mais uma unidade do sistema, o Núcleo de Formação Profissional Conjunto Filostro Machado, fruto de parceria entre o SENAI e a Prefeitura de Anápolis. É uma das “caçulas” entre as 20 unidades instaladas em todo o Estado, e foi fundada com o objetivo de representar um esforço na qualificação profissional dos jovens da região.

Com a abertura do posto avançado, já com 400 alunos matriculados, a instituição avança no atendimento à demanda por mão de obra qualificada em região habitada por cerca de 50 mil

habitantes.

As atividades educacionais desenvolvidas são coordenadas pela Fatec Roberto Mange. O novo núcleo conta ainda com parceria das unidades do SESI Jaiara e Jundiá, responsáveis por atividades de Educação Continuada, bem como por programas como Educação de Jovens e Adultos e Cozinha Brasil.

Quando da instalação do núcleo, o prefeito de Anápolis, Antônio Gomide, frisou: “Nosso objetivo é beneficiar os cerca de 50 mil moradores da região e garantir que o desenvolvimento econômico e social chegue a todos, com a oferta cada vez maior de qualificação.”



Catalão

Escola SENAI Catalão

“O SENAI formou minha personalidade profissional alicerçada na ética e no exercício da cidadania. O SENAI não forma só profissionais aptos para o mercado de trabalho, mas também cidadãos melhores na sociedade.”

Dyheizon Carlos Pereira, ex-aluno e instrutor da Escola SENAI Catalão, atualmente advogado

Catalão, no Sudeste de Goiás, recebeu, ainda no final da década de 1980, uma unidade do SENAI para atender ao acelerado processo de ocupação e desenvolvimento da região. O CFP nasceu da parceria com o município, que cedeu, em regime de comodato, terreno de 7,7 mil metros quadrados para construção da escola, hoje com área edificada de 4,8 mil metros quadrados. A parceria incluiu as mineradoras Goiasfértil (hoje Ultrafértil), Mineração Catalão e Coperbras. O início da obra ocorreu em 1986, com inauguração em 28 de dezembro de 1988.

“O SENAI construiu em Catalão um centro de ensino que é orgulho para esta cidade e para sua gente. É uma obra para o próximo século, projetada para as gerações do futuro.” Foram palavras do prefeito à época, Haley Margon Vaz, completado pelo então presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG), José Aquino Porto: “O CFP Catalão é exemplo do quanto podem a união e o esforço comum.”



Na inauguração do CFP Catalão, em 1988, Arédio Teixeira Duarte, prefeito Haley Margon Vaz, Aquino Porto ouvem explicações sobre a escola do técnico José Gonzaga Ribeiro (centro)



QUEM DIRIGIU A ESCOLA SENAI CATALÃO



Onion Carrijo França
(1º/04/1988 a 1º/04/1996)

Antônio Ilídio Reginaldo da Silva
(a partir de 1º/04/1996)



“Somos testemunhas da qualidade, dedicação e, principalmente, dos resultados na formação de pessoal técnico, principal foco do SENAI.”

Gustavo Reis Teixeira, Diretor de Mercado da LG Sistemas

A unidade atua fortemente nas áreas de confecção, eletroeletrônica, instrumentação, metalmecânica, setor automotivo, tecnologia da informação, segurança do trabalho, transporte, química e gestão. Desde que começou suas atividades, em 1988, a escola foi responsável pela formação de 57.922 alunos. E o volume de formandos no SENAI Catalão cresce ano após ano. Saltou de 3.255, em 2006, para 12.671, em 2011, aumento de quase 290%.

Como atende a diversos segmentos na região, a escola precisa também oferecer formação capaz de abranger todos os níveis e tipos de produção. Uma das fortes áreas de atuação, segundo o diretor, Antônio Ilídio Reginaldo da Silva, é o segmento de lingerie, devido à instalação de grandes empresas do ramo no município. Do mesmo modo, também dispõe de profissionais altamente especializados na formação de mão de obra para mineração, mecânica automotiva e mecânica de máquinas e implementos agrícolas. “Tudo isso é resultante da realidade local”, ressalta Antônio Ilídio, à frente do SENAI desde 1996, bem como da unidade do SESI, que funciona de forma integrada.

Segundo Antônio Ilídio, a partir de 2005 a escola adquiriu tecnologias CNC em fresas e tornos, bem como domínio em software voltado para a produção de alto volume em confecção. É o SENAI de Catalão seguindo seu tempo, atuando em consonância com o atual momento da indústria, para atender à real demanda daquela região.

Dyheizon Carlos Pereira, ex-aluno de manutenção em eletricidade: “Depois que eu passei pelo SENAI, a inserção no mercado de trabalho foi imediata”

Ex-alunos

Quem passou pelo SENAI Catalão é o hoje advogado Dyheizon Carlos Pereira, de 32 anos. Natural de Ouvidor, ele vive em Catalão desde os anos 1980. Na adolescência, de olho na “excelência da formação oferecida pelo SENAI”, buscou a escola para fazer o curso de manutenção em eletricidade. Vários outros vieram no currículo, inclusive com o ex-aluno representando a escola em torneios locais e nacionais.

Voltou ao SENAI, mais tarde, como monitor em sua área de formação e, em seguida, como instrutor extraquadro, condição em que trabalhou por mais de uma década. Formado em Direito, hoje é advogado em Catalão. “Depois que eu passei pelo SENAI, a inserção no mercado de trabalho foi imediata. Após qualificado, nunca mais estive desempregado”, complementa.

Como a Escola SENAI passou, a partir de 2008, a atuar de forma integrada com a unidade local do SESI, a comunidade de Catalão encontra no sistema, também, a oportunidade de cursar as séries do Ensino Fundamental, Ensino Médio, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o Ensino Médio Articulado com a Educação Profissional. Tem acesso ainda a ações educativas e preventivas.





Itumbiara

Escola SENAI Itumbiara



Somando forças, setor produtivo – empresas como Caramuru Alimentos, Maeda Industrial e Sementes Pionner –, prefeitura municipal e SENAI tornaram realidade, em 1992, a Escola SENAI Itumbiara. Liderado pela Associação Comercial e Industrial, um grupo de empresários da região adquiriu e doou à instituição, em 1991, um terreno de aproximadamente 20 mil metros quadrados, onde a escola seria erguida e aberta à comunidade, um ano depois. Também se responsabilizou por parte da compra dos equipamentos destinados ao funcionamento das oficinas de ensino.

À prefeitura coube edificar os pavilhões onde as oficinas seriam instaladas, mais tarde, asfaltar vias de acesso interno, construir estacionamento, meios-fios. O SENAI ergueu os pavilhões das

áreas administrativas, adquiriu maquinário e mobiliário em geral. Nascia, no começo da década de 1990, importante polo formador de mão de obra qualificada para o forte processo de industrialização que rumava ao Sul do Estado.

Dada a diversidade de segmentos em que atua, o SENAI Itumbiara atende a um grande universo relacionado ao setor produtivo na região. Do microempresário às grandes companhias, todos têm na instituição um braço-forte no que diz respeito à preparação do trabalhador para atuar nos mais variados setores industriais, afirma o diretor da unidade, Aroldo dos Reis Nogueira. Também forma enorme quantidade de funcionários para áreas administrativas, de gestão e supervisão dessas empresas.

CFP Itumbiara, em obras, e na inauguração, em 1992, recebe visita de empresários e autoridades, como Mauro Miranda, Aquino Porto, João Natal, Paulo Vargas, prefeito Celso Santos e professora Terezinha Vieira dos Santos

Claiton Cândido, ex-aluno e instrutor do SENAI Itumbiara, 8º lugar em fresagem no World Skills, no Canadá, em 1999



QUEM DIRIGIU A ESCOLA SENAI ITUMBIARA



Jair Braz de Oliveira
(10/03/1993 a 1º/09/1993)

Adenerte Moisés da Rocha
(10/08/1993 a 30/03/2001)

Ivan de Oliveira Barros
(12/03/2001 a 1º/10/2001)

Aroldo dos Reis Nogueira
(a partir de 1º/06/2002)

O número de alunos atingidos pela formação oferecida pelo SENAI Itumbiara cresce a uma proporção significativa nos últimos anos. Para se ter uma ideia, em 2005 passaram por lá 1.806 alunos, segundo registros da escola. Em 2008, esse número havia saltado para 2.706. Já 2011, bateu a marca dos 5.357 alunos, crescimento de quase 200% na preparação de trabalhadores para o mercado de trabalho em seis anos, apontam as estatísticas.

Em Itumbiara, o SENAI atua nas áreas administrativa, de alimentos, química, sucroalcooleira, eletroeletrônica, mecânica automotiva, mecânica industrial, informática, entre várias outras. Presta, ainda, serviços de assessoria técnica e tecnológica às empresas da região. Serviços também são colocados à disposição da comunidade de Itumbiara por meio de parcerias com o poder público, por exemplo.

Oferece três cursos na modalidade de educa-

ção profissional articulado com ensino médio, do SESI: técnico em Química Industrial, técnico em Eletromecânica e técnico em Mecânica. A escola também forma técnicos em Alimentos, Açúcar e Alcool, Segurança no Trabalho, Eletromecânica, Mecânica, Química Industrial, Eletrotécnica e Logística. Vários outros cursos em diferentes modalidades integram a programação da instituição.

O município de Itumbiara é um dos que mais crescem no Estado, taxa média de 1,52% (dados de 2008 da Secretaria Estadual de Planejamento), aproximando-se dos 100 mil habitantes. Dos R\$ 113,6 milhões em arrecadação de Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (2009), R\$ 20,1 milhões vieram da produção industrial, segundo maior porcentual do município, o que demonstra a força do setor na região, com consequente necessidade de formação de mão de obra qualificada que garanta seu crescimento.

Sudoeste Goiano

Unidade Integrada SESI SENAI Rio Verde

A ampliação do parque industrial na Região Sudoeste do Estado nos últimos anos da década de 1990, com a instalação em Rio Verde de grandes empresas do setor de alimentação, fez crescer, naturalmente, a demanda por mão de obra especializada. Nasce a então Escola SENAI Fernando Bezerra, que a partir de 2006 tem suas atividades integradas às do SESI, constituindo a Unidade Integrada SESI SENAI Rio Verde.

A implantação ocorreu em 29 de dezembro de 1998, na mesma área onde antes havia funcionado o Centro Regional de Treinamento do Sudoeste (CRTS), que fora instalado no município ainda em 1977.

Transformada em uma grande escola, abriu suas portas oferecendo formação de recursos humanos nas modalidades de aprendizagem industrial, qualificação profissional, habitação técnica, especialização e aperfeiçoamento para as áreas de manutenção, supervisão e operação das empresas instaladas na região. Desde o início, também presta às indústrias locais serviços de assistência técnica e tecnológica, contribuindo com a modernização e atualização dos sistemas produtivos.

O terreno onde foi construída a escola, de 19,2 mil metros quadrados, havia sido cedido ao SENAI, em regime de doação, pela Prefeitura de Rio Verde. As modernas instalações da escola integram área edificada de mais de 5 mil metros

quadrados. A construção foi fruto de parceria entre a instituição e o poder público, o que propiciou a transformação de um modesto centro de treinamento então existente em moderna escola, dotada de laboratórios de última geração, compatíveis com o nível tecnológico dos grupos empresariais instalados na região.

Localizado na Rua Guanabara, no Setor Pauzanes, o SENAI Rio Verde formou 22,4 mil alunos entre 2008 e 2011. A expansão do setor sucroalcooleiro na região nos últimos anos fez com que a escola se adequasse para formação de mão de obra capaz de atender às necessidades desse segmento industrial. Assim, passaram a ser oferecidos cursos



Antigo Centro Regional de Treinamento do Sudoeste, instalado em 1977, e a hoje Unidade Integrada SESI SENAI Rio Verde: transformação para atender à ampliação do parque industrial





Conhecida como região do agronegócio, Rio Verde diversifica sua economia com expansão do setor confeccionista. Em 2006, a Unidade SESI SENAI ganhou núcleo de vestuário para atender às indústrias

de operação mecânica de máquinas agrícolas e operação de processos para as indústrias.

Atento às novas demandas, mas também ciente do papel fundamental que exerce como formador de recursos humanos capacitados para atuar nas indústrias da Região Sudoeste do Estado, o SENAI busca atender todos os segmentos existentes, explica o atual diretor, Hélio Santana. Não por acaso, o portfólio inclui hoje uma gama enorme de cursos nas áreas de mecânica de manutenção industrial, eletroeletrônica, mecânica automotiva, administração, informática.

Na área de mecânica automotiva, por exemplo, são oferecidos cursos de mecânica de manutenção de veículos movidos a álcool e gasolina e mecânica de manutenção de veículos a diesel, nas modalidades de aprendizagem industrial básica, aperfeiçoamento profissional, qualificação profissional. Já dentro das empresas, são realizados cursos de manutenção e operação de máquinas agrícolas.

Por meio dos Serviços Técnicos e Tecnológicos prestados pelo SENAI Rio Verde, as empresas da Região Sudoeste contam com um corpo profissional capaz de oferecer as mais atualizadas informações, necessárias ao desenvolvimento dos processos produtivos. Há desde consultorias na gestão de produção e serviços laboratoriais, sempre

com a possibilidade de uso da rede de laboratórios e de tecnologia que integram o SENAI para a disseminação das informações por meio de cursos e palestras.

A escola tem passado por constante atualização de seus ambientes de ensino. Foram adquiridos equipamentos mais modernos, ampliadas as salas de estudo, bem como aumentado, também, o quadro de colaboradores, sobretudo de professores e instrutores. Em relação aos equipamentos, desde que as especificações do fabricante permitam, a unidade procura investir em aparelhos que possibilitam a realização de cursos promovidos por ações móveis, cujos instrumentos possam ser deslocados. Assim, as empresas podem ser atendidas em seu próprio ambiente, o que resulta em ganho produtivo e evita o deslocamento dos técnicos e colaboradores desses grupos, que muitas vezes estão em locais distantes da sede de Rio Verde.

Ligados à Unidade Integrada SESI SENAI Rio Verde, nasceram núcleos de formação de mão de obra para a indústria nas cidades de Quirinópolis e Mineiros. O primeiro surgiu em março de 2010 para atender à crescente demanda das empresas instaladas na cidade, cujo parque foi fortemente ampliado com o desenvolvimento do setor sucroalcooleiro na região.

QUEM DIRIGIU O SENAI EM RIO VERDE (ANTIGO CENTRO REGIONAL DE TREINAMENTO DO SUDOESTE E ATUAL UNIDADE INTEGRADA SESI SENAI RIO VERDE)



Wilson Gilberto Pereira Junior (14/02/1977 a 17/09/1982)

Donald Alberto Ferreira (15/02/1984 a 1º/06/1986)

Eni Soares de Oliveira (1º/06/1986 a 24/03/1993)

Onion Carrijo França (15/09/1996 a 1º/10/1999)

Alexandre Mendonça de Barros (1º/10/1999 a 1º/07/2003)

Robert de Souza Bonuti (1º/02/2004 a 02/04/2012)

Hélio Santana (a partir de 02/04/2012)



Unidade Integrada SESI SENAI Quirinópolis

Instalado por meio de investimentos do SENAI, da Usina Boa Vista, Usina São Francisco e Prefeitura Municipal, o núcleo de Quirinópolis virou Unidade Integrada SESI SENAI em 2012, sob a administração de Robert de Souza Bonuti, que até então gerenciava a Unidade SESI SENAI Rio Verde. Ali, são oferecidos cursos nas áreas de eletrônica industrial, operação e manutenção de máquinas agrícolas, mecânica de veículos a diesel e mecânica de manutenção industrial – tornearia, solda, caldeiraria, hidráulica, pneumática, entre outras. Do mesmo modo que ocorre em Rio Verde, também em Quirinópolis o SESI atua de forma integrada com o SENAI, oferecendo cursos de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Continuada.



Inaugurado em março de 2010, o núcleo SESI SENAI Quirinópolis virou unidade integrada dois anos depois: investimentos em parceria com iniciativa privada



QUEM DIRIGE A UNIDADE INTEGRADA SESI SENAI QUIRINÓPOLIS

Robert de Souza Bonuti (a partir de 02/04/2012)

Núcleo Integrado SESI SENAI Mineiros

O núcleo de Mineiros foi inaugurado em dezembro de 2010. Lá, a estrutura é resultado da parceria entre o SENAI, ETH Bioenergia, BRF Brasil Foods e Prefeitura Municipal. Também oferece cursos de mecânica de manutenção industrial, informática e assistente-administrativo. Em parceria com empresas da região, são realizados cursos de operação e manutenção de máquinas agrícolas e operação de processos industriais, especialmente desenvolvidos para as indústrias do setor sucroalcooleiro. O SESI, da mesma forma, também realiza serviços na área educacional.



Menos de um ano depois de Quirinópolis, foi a vez de Mineiros ganhar núcleo SESI SENAI: força da indústria da Região Sudoeste



Minaçu

Unidade Integrada SESI SENAI SAMA



Outubro de 1988: o então presidente da FIEG, Aquino Porto, e gerente geral da SAMA à época, André Blondeau, assinam termo de cooperação para o SENAI assumir o centro de formação da mineradora (abaixo), “concretizando namoro de dez anos”

Em Minaçu, no Norte do Estado, como resultado da estratégia sistemática de parceria entre o SENAI e a iniciativa privada, nasce, em 1988, o então Centro de Formação Profissional SENAI SAMA, dentro das instalações da mineradora. Desde 1979, o SENAI já atendia à SAMA Mineração e Amianto, assessorando-a nos cursos profissionalizantes que eram ministrados no local, antes denominado Centro de Formação e Treinamento de Pessoal (CFTP), mantido pela empresa para a preparação de aprendizes, dentro da Lei de Incentivos Fiscais para Formação Profissional (Lei 6.297/75).

Em 10 de outubro de 1988, SAMA e SENAI

assinaram Termo de Cooperação Técnico-Financeira. A partir de então, a instituição passou a assumir a gestão e toda a formação de mão de obra na unidade, que funciona em instalação erguida na Vila Residencial da SAMA Mineração e Amianto, em terreno pertencente à empresa.

“Concretizamos um namoro de praticamente dez anos com o SENAI, que sempre nos atendeu e nos beneficiou bastante com sua competência na formação de nossos jovens técnicos e mesmo na organização dos nossos seminários gerenciais”, disse à época o gerente da SAMA, André Blondeau.



Em 2007, a escola se tornou Unidade Integrada SESI SENAI SAMA, ampliando o portfólio de serviços colocados à disposição da mineradora, destaca o atual diretor, Josué Teixeira de Moura. Hoje são oferecidos cursos técnicos de Mineração, Eletrotécnica, Logística, Segurança do Trabalho, Eletromecânica e Eletrônica. Já os cursos de aprendizagem são nas ocupações de Eletricista de Sistemas Eletroeletrônicos, Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais e Assistente Administrativo.

Há ainda grande variedade de cursos na modalidade de qualificação, que vão de torneiro mecânico, pintor, soldador, a recepcionista, auxiliar de pessoal e manicure, cuja realização contribui para melhorar as condições de emprego e renda da comunidade de Minaçu, indo, portanto, além, da atuação junto aos colaboradores da SAMA Mineração e Amianto.

Desde que começou a funcionar sob a gestão do SENAI, a unidade formou aproximadamente 17,2 mil trabalhadores para a indústria, sendo pontos fortes a mecânica industrial, a eletroeletrônica e a área de mineração. Nos últimos anos, modernizou suas instalações e hoje conta com o suporte de uma unidade do projeto Indústria do Conhecimento, do SESI, e da Biblioteca Rubens Rela Fi-



lho, denominação dada em homenagem ao diretor geral da SAMA.

Ao funcionar como unidade integrada, o SESI, juntando-se às atividades desenvolvidas pelo SENAI, oferece, além dos cursos de Educação Básica, atividades de esporte e lazer. Dentre elas, tênis, natação, voleibol, futebol, futsal, basquete, atletismo, hidroginástica, dança e música. Ações voltadas não apenas para os trabalhadores da SAMA, mas para adultos e crianças da comunidade de Minaçu.

Unidade Integrada SESI SENAI SAMA, dentro da mineradora: amplo e diversificado portfólio de cursos, de torneiro mecânico a manicure

QUEM DIRIGIU A UNIDADE INTEGRADA SESI SENAI SAMA (ANTIGO CFP SENAI SAMA)



Moacir Tomáz da Silva (08/09/1982 a 20/03/1984)

Luiz Alberto Cristino (1º/02/1989 a 20/02/1998)

Roque Celso Fulini (janeiro/1998 a agosto de 1999)

Hélio Vilaça (1º/04/2001 a 03/11/2006)

Wilson Caetano da Silva (03/01/2006 a 1º/03/2007)

Josué Teixeira de Moura (a partir de 1º/03/2007)



Niquelândia e Barro Alto

Unidade Integrada SESI SENAI Niquelândia

“Depois que passei pelo SENAI, como aluno, as portas do mercado de trabalho se abriram para mim. É diferente. Se você tem um diploma do SENAI, a empresa o valoriza, o trabalhador tem credibilidade. Depois que me formei, minha força de trabalho foi vista com mais interesse pela indústria.”

***Lusenir Ferreira Pimentel, ex-aluno e instrutor da
Unidade Integrada SESI SENAI Niquelândia***



Força da mineração: Anglo American, Votorantim Metais, prefeitura e Sistema FIEG assinam placa que inaugura a Unidade Integrada SESI SENAI Niquelândia, em 2006

No Conjunto Habitacional Codemin, no Bairro Jardim Atlântico, em Niquelândia, Região Norte do Estado, está localizada a Unidade Integrada SESI SENAI daquele município. A construção, em terreno doado às instituições pela mineradora Anglo American do Brasil, composto por aproximadamente 50 mil metros quadrados de área, teve início em 2005 e é resultado de parceria que inclui, ainda, a Prefeitura Municipal de Niquelândia e a também mineradora Votorantim Metais Níquel S.A. As atividades destinadas aos trabalhadores da indústria daquela região começaram um ano depois, em agosto de 2006.

A Unidade Integrada SESI SENAI Niquelândia tem, como particularidade, o fato de ter sido

concebida já neste modelo de integração entre as duas instituições. Compreendendo a necessidade de proporcionar eficiente formação profissional na região, Anglo e Votorantim aportaram recursos para implantação da unidade após buscarem a parceria, referendada também pela administração de escola de filhos de colaboradores da Votorantim pelo SESI.

Para atender às especificidades das indústrias da região, o SENAI Niquelândia atua nos segmentos de eletrotécnica, metalurgia, química industrial, administração e segurança do trabalho. Pelos cursos oferecidos na unidade passam, atualmente, cerca de 2,4 mil alunos. Em seus cinco anos de funcionamento, a unidade totaliza 12.137 concluintes.



Construída em apenas um ano, a Unidade Integrada Sesi SENAI Niquelândia passou por várias ampliações: atuação diversificada na região Norte

De aluno a instrutor

Um dos ex-alunos, agora integrante do corpo docente, é Lusenir Ferreira Pimentel, de 26 anos, formado metalúrgico na Unidade Integrada Sesi SENAI Niquelândia, onde estudou de abril de 2008 a dezembro de 2009. Como funcionário efetivo, tornou-se instrutor de Educação Profissional, na área de sua formação. Divide as atividades entre a sala de aula e o laboratório, acompanha os alunos nos estágios realizados nas empresas da região e ainda é responsável pelas manutenções corretivas e preventivas em equipamentos da unidade, onde também acompanha, hoje, pesquisa de aperfeiçoamento de processos metalúrgicos. “Em breve estarei trabalhando um projeto de otimização de produção metalúrgica”, diz ele.

Embora relativamente jovem, a unidade já recebeu importantes ampliações após ser fundada.

Quatro novas salas de aula, cada uma com capacidade para 50 alunos, foram abertas. Também foram construídos os laboratórios de Química e Metalurgia, o que incrementou as possibilidades de ensino no local.

Na modalidade de Aprendizagem Industrial Básica, a Unidade Sesi SENAI Niquelândia oferece vagas nas ocupações de Assistente Administrativo, Eletricista de Sistemas Eletroeletrônicos e Auxiliar de Laboratório Industrial. Já na Aprendizagem Industrial Técnica articulada com o Ensino Médio, são realizados cursos de Eletrotécnica e Química. As Habilitações Técnicas são realizadas em Açúcar e Alcool, Metalurgia, Segurança no Trabalho, Química, Eletrotécnica e Logística. Há, ainda, formação das modalidades de Aperfeiçoamento e Qualificação Profissional e Educação a Distância.



Lusenir Ferreira Pimentel, de aluno a instrutor e muitas atribuições na escola e nas empresas



No pódio: Arlam Gomes Souza, medalha de ouro na Olimpíada do Conhecimento em eletricidade industrial e ascensão como instrutor do SENAI

QUEM DIRIGIU A UNIDADE INTEGRADA SESI SENAI NIQUELÂNDIA



Misclay Marjorie (1º/01/2006 a 05/01/2009)

Thiago Vieira Ferri (a partir de 05/01/2009)

Lusenir fez o curso técnico em Metalurgia para voltar, depois, como mestre à própria escola. “Escolhi o SENAI por sempre ter representado uma referência, para mim, em educação e compromisso com o aprendizado. A instituição se preocupa com a formação adquirida pelos alunos, com os valores que eles vão levar daqui. Valores como respeito ao meio ambiente e às pessoas, ética, segurança, coerência no que faz estão presentes na história do SENAI. Isso me motivou ainda mais a estudar e a permanecer aqui”, diz.

Trajetória semelhante tem outro ex-aluno da escola e hoje instrutor de Educação Profissional Arlam Gomes Souza. O empenho e a dedicação do jovem de apenas 19 anos abriram-lhe as portas dentro e fora do SENAI. Aos 14 anos, o então adolescente teve seu primeiro contato com o sistema, ao passar pelo curso de eletricista de sistemas ele-

troeletrônicos, integrando, na época, a primeira turma nessa área. Formou-se também técnico em eletrotécnica em 2009.

Em 2008, na condição de menor aprendiz, trabalhou na Votorantim Metais, empresa parceira do SENAI na região. Quando retornou à escola para fazer o curso técnico, foi convidado para permanecer na unidade como estagiário voluntário num dos períodos. Aceitou a empreitada, sendo depois contratado como estagiário até a conclusão do curso. Vencida mais essa etapa, o ex-aluno do SENAI Niquelândia também passou a ensinar a garotada da região, ao assumir a função de instrutor de Educação Profissional.

“Tudo o que sei, profissionalmente e inclusive boa parte do que aprendi para a minha vida pessoal, eu devo ao SENAI. Entrei ali com 14 anos. Toda a minha formação vem de lá”, resume o instrutor. “Além da profissão que adquiri, posso dizer que levarei do SENAI, para toda a vida, valores como disciplina profissional, proatividade, bom relacionamento interpessoal. O SENAI me ensinou a olhar para a frente, a ter grandes objetivos”, afirma.

Do SENAI, Lusenir conta que também levará mais do que o ofício adquirido nas oficinas da escola. “No SENAI aprendi que, com boa formação, qualquer um chega onde quer. E o mais importante não é ser o melhor em conhecimento. Importante é saber lidar com as diferenças, com os obstáculos, os desafios que a vida profissional lhe impõe. Mais importante é ser persistente nessa busca pela superação dos limites. Isso nos abre novas possibilidades de crescimento e evolução pessoal”, ensina. “Cheguei onde estou, sou feliz com o que faço, mas quero ir além”, avisa.

Unidade Integrada SESI SENAI Barro Alto

O SENAI Niquelândia também seguiu adiante, como seus ex-alunos Lusenir e Arlam. Em 2009, passou a funcionar no município de Barro Alto, distante 95 quilômetros, um novo núcleo ligado à unidade em terreno doado ao SESI pela prefeitura da cidade. Apenas três anos depois, em 2012, o núcleo virou unidade integrada, independente de Niquelândia. Ali são ministrados cursos de Aprendizagem Industrial Básica, na área do SENAI, além da Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização e Educação Continuada,

sob a responsabilidade do SESI. Para este ano, há previsão de início do curso técnico em Logística.

A mais nova unidade integrada SESI SENAI conta com infraestrutura composta de ambientes pedagógicos propícios ao desenvolvimento das atividades educacionais, incluindo seis salas de estudo com capacidade para 40 alunos cada; um laboratório de Informática com 16 microcomputadores; auditório com capacidade para 50 pessoas e biblioteca com considerável acervo e acesso à internet, entre outros.

QUEM DIRIGE A UNIDADE INTEGRADA SESI SENAI BARRO ALTO



Washington Luís Chaves Lima
(a partir de 1º/02/2012)



Três anos depois da implantação, em 2009, o núcleo de Barro Alto é transformado em Unidade Integrada SESI SENAI: expansão



Trindade

Núcleo de Confecção de Trindade



Trindade, a Capital da Fé de Goiás, também é a cidade da indústria confeccionista, sendo essa considerada uma das principais forças da produção local e geradora de emprego e renda. Uma vocação que remonta à sua fundação e que, em agosto de 1988, levou o SENAI, em parceria com a prefeitura, a implantar ali uma estrutura destinada a preparar a mão de obra para atuar no segmento. Nascia o Núcleo de Confecção de Trindade.

Na solenidade de inauguração daquele espaço, o então presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário do Estado de Goiás, José Antônio Simão, disse: “Este é um pequeno passo e um marco para a profissionalização e para o progresso industrial de Trindade”, referindo-se à oficina de

costura instalada na ocasião numa sala cedida pela Prefeitura Municipal no Ginásio de Esportes da cidade, na Região Metropolitana de Goiânia.

A unidade foi implantada atendendo justamente à solicitação do sindicato da indústria de confecção local, devido à crescente demanda por mão de obra especializada no segmento de vestuário. Começou a funcionar com 12 máquinas de costura e 36 alunos matriculados na primeira turma em cursos de qualificação e aperfeiçoamento em costura industrial. Em 2011, o número de matrículas no Núcleo de Confecção de Trindade chegou a 375 alunos nos cursos de costureiro industrial, modelista de roupas e aprendizagem industrial.

Trindade, 1988: Paulo Vargas cumprimenta o então secretário de Indústria e Comércio, João Paiva Ribeiro, ao inaugurar a Unidade Móvel de Costura Industrial, sucedida posteriormente pelo Núcleo de Confecção, inaugurada em 2006, com presença do prefeito George Morais Ferreira, Francisco de Faria, presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás, Paulo Vargas, Luiz Lopes e Marcos Mariano





Jaraguá, 1989: então deputado Francisco de Castro, prefeito Paulo Antônio Gonçalves, Elias Antônio de Souza, Paulo Vargas e Dreiner Militão

Jaraguá

Núcleo de Confeção de Jaraguá

Reconhecida como uma das principais forças da indústria de confecção no Estado, a cidade de Jaraguá, no Centro Goiano, foi contemplada por um Núcleo de Confeção do SENAI em novembro de 1989. Com a missão de atender à crescente demanda por mão de obra especializada no segmento de vestuário, quando o núcleo foi implantado, Jaraguá contava com aproximadamente 130 empresas do ramo. Duas décadas mais tarde (segundo dados da Secretaria Estadual de Planejamento), esse número foi multiplicado por sete.

O Núcleo de Confeção de Jaraguá é resultado de uma ação conjunta do SENAI, da Prefeitura Municipal e Associação Comercial e Industrial de Jaraguá e nasceu de uma solicitação do sindicato da indústria confeccionista na região e da própria associação. A escola foi instalada em prédio cedido

pela prefeitura e, desde o início, conta com maquinário capaz de preparar trabalhadores para a forte indústria do vestuário na região. Quando foi instalado, o Núcleo de Confeção de Jaraguá constituía o quarto no Estado implantado pelo SENAI. Outros três já funcionavam, em Goiânia, Anápolis e Trindade. E coube à unidade Roberto Mange, de Anápolis, a administração do espaço.

Para atender à grande demanda por cursos, sempre funcionou em três turnos, não apenas com as aulas de costura, mas também em áreas correlatas, como modelagem, por exemplo. Em 2011, matriculou 421 alunos nos períodos matutino, vespertino e noturno nos cursos de costureiro industrial, modelista de roupas e informática básica. Ao todo, 371 concluíram seus cursos no ano passado, estando aptos a uma vaga no mercado de trabalho.



“Como indústria metalúrgica especializada em aço inox, a DEC Brasil tem sempre necessidade de colaboradores bem treinados e o SENAI tem sido nosso parceiro constante atuando com seriedade, competência e profissionalismo.”

Tiago Bailão, Diretor Industrial da DEC Brasil

Núcleo de Educação Profissional SENAI Luziânia



Luiziânia, 2007: instalação do Núcleo de Educação Profissional SENAI na histórica cidade ganha capa da revista Futuro Profissional

Ligado à Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange, em Anápolis, o Núcleo de Educação Profissional SENAI Luziânia, no Entorno do Distrito Federal, foi inaugurado em 13 de dezembro de 2007. A construção da escola teve início em janeiro daquele ano em um terreno de 1.350 metros quadrados cedido pela Prefeitura Municipal de Luziânia em regime de comodato. Desde sua abertura, formou aproximadamente 1,6 mil alunos.

As principais áreas de atuação do núcleo de Luziânia são a metalmecânica e a eletroeletrônica. Porém, oferece diversos cursos de aprendizagem industrial e qualificação profissional. Na modalidade de aprendizagem, são disponibilizadas vagas para ocupações de assistente-administrativo, eletricista de sistema eletroeletrônico e mecânico de manutenção de máquinas industriais. Já na modalidade de qualificação profes-

sional, são formados trabalhadores para atuar como eletricista instalador predial, eletricista instalador e mantenedor industrial e mecânico de manutenção industrial.

De acordo com Luiz Augusto da Silva Júnior, coordenador-técnico dos núcleos de Luziânia e Formosa (veja na página seguinte), há um projeto de ampliação do espaço, já encaminhado à prefeitura da cidade. Luziânia, com população de mais de 177 mil habitantes (dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2011), cresce a uma taxa de 2,09% ao ano, acima da média da maioria dos municípios goianos. Razão que, por si só, justifica a ampliação do núcleo de Educação Profissional do município. A indústria é, disparado, o setor de maior arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), equivalente a R\$ 21,1 milhões em 2010.

A organização do sistema

Na época da criação do SENAI, Euvaldo Lodi, então presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), e Roberto Simonsen, à frente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, inspiraram-se na experiência bem-sucedida do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional e idealizaram uma solução análoga para o parque industrial brasileiro. Dessa maneira, o empresariado assumiu não apenas os encargos, como queria o governo, mas também a responsabilidade pela organização e direção de um organismo próprio, subordinado à CNI e às Federações das Indústrias nos Estados.



Formosa

Núcleo Integrado SESI SENAI Formosa

“A presença de profissionais capacitados é fator determinante para a instalação de empresas. Com a ampliação do núcleo SESI SENAI, vamos oferecer mais oportunidades de qualificação para que as pessoas possam ter acesso ao mercado de trabalho.”

Pedro Ivo de Campos Faria, prefeito de Formosa

Também ligado à Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange, o Núcleo Integrado SESI SENAI Formosa, no Entorno do Distrito Federal, foi fundado em agosto de 2009, em parceria com a Prefeitura Municipal. Nesses dois anos e meio de funcionamento, passaram pelo SENAI cerca de 1,3 mil alunos e, pelo SESI, em torno de 1,2 mil estudantes.

O núcleo funciona em um terreno de 395 metros quadrados cedido pela Prefeitura Municipal de Formosa ao SENAI por cinco anos, em regime de comodato. Na unidade, os trabalhadores têm acesso a cursos de eletricista industrial, eletricista predial, mecânica de máquinas agrícolas e marcenaria. Como a cidade se destaca no setor moveleiro, a unidade SENAI busca atender ao segmento com a formação de mão de obra qualificada para exercer funções nas indústrias da região.

Já em 2011, com dois anos de funcionamento, teve os laboratórios de marcenaria e mecânica atualizados com novos e modernos equipamentos.

Segundo Luiz Augusto da Silva Júnior, coordenador técnico e administrativo do núcleo,

o SENAI disponibiliza no local toda a estrutura física necessária à realização dos cursos de Educação Profissional, além de atuar por meio de unidades e ações móveis. Quanto ao SESI, há visitas mensais da coordenação ao Projeto SESI Alfabetizando, cujas aulas são ofertadas nas escolas municipais de Formosa.

Formosa, 2009: parceria com prefeitura viabiliza Núcleo Integrado SESI SENAI no Entorno do Distrito Federal







**A CAMINHADA: ONTEM,
HOJE, AMANHÃ**



Aprendizes em oficina de mecânica geral do SENAI em Anápolis, no início dos anos 50



“O trabalho na construção civil mudou e é necessário formar pessoas de acordo com essa nova realidade das empresas, por isso a parceria com o SENAI é tão importante.”

Roberto Elias de Lima Fernandes, ex-presidente do Sinduscon e do Conselho Temático de Infraestrutura da FIEG

Nas prateleiras do velho arquivo da pioneira Escola SENAI GO 1, de Anápolis, um livro de páginas amareladas pelo tempo guarda um pedaço dessa história. Os nomes de oito garotos, adolescentes moradores da cidade e da vizinhança, integravam a primeira turma matriculada nos cursos de aprendizagem ministrados nas antigas oficinas do centro de formação profissional. Era 1951, e a escola sequer tinha aberto as portas oficialmente. Sessenta anos mais tarde, novos arquivos – agora digitalizados – da Gerência de Planejamento e Desenvolvimento do SENAI Goiás dão a dimensão do que ocorrera desde então. Mais de 123 mil matrículas realizadas em 2011 nas 20 unidades da rede de ensino mantida pela instituição no Estado – 3 faculdades, 4 escolas, 6 unidades integradas SESI SENAI e 7 núcleos de educação profissional – fixadas em Goiânia e em outros 16 municípios goianos.

O SENAI cresceu, agigantou-se nesse tempo. E o fez para atender sua vocação. “O SENAI atual continua a ser o SENAI de Roberto Mange,

fiel aos propósitos do fundador e à missão que a indústria lhe confiou – de servi-la, servindo-se de instrumento de educação e de aperfeiçoamento do trabalhador brasileiro – e isso é observar a tradição – sempre à procura de novos meios de atender aos reclamos por renovação tecnológica na indústria – e isso é curvar-se ao progresso”, frisa o professor Manoel Pereira da Costa, diretor de Educação e Tecnologia do SENAI Goiás. “Os novos padrões de competitividade impostos pela internacionalização da economia impuseram profundas consequências sobre o mundo do trabalho. Paralelamente, uma parte do parque industrial ainda não se modernizou e cobra do SENAI a continuidade na formação de trabalhadores capazes de produzir em máquinas convencionais”, compara o professor Manoel. “O torneiro mecânico precisa saber de mecânica, de ferramentas de corte. Só que o tipo de pane que vai dar na máquina será eletrônico. A competência é mecânica, mas para exercê-la, necessita-se de um grau maior de abstração”, explica

Transformação e investimento em tecnologia

Nos anos 1960, o SENAI investiu em cursos sistemáticos de formação, intensificou o treinamento dentro das empresas e buscou parcerias com os Ministérios da Educação e do Trabalho, e com o Banco Nacional da Habitação. Na crise econômica da década de 1980, o SENAI percebeu o substancial movimento de transformação da economia e decidiu investir em tecnologia e no desenvolvimento de seu corpo técnico. Expandiu a assistência às empresas, investiu em tecnologia de ponta, instalou centros de ensino para pesquisa e desenvolvimento tecnológico. Com o apoio técnico e financeiro de instituições da Alemanha, França, Itália, do Canadá, Japão e dos Estados Unidos, o SENAI chegou ao início dos anos 1990 pronto para assessorar a indústria brasileira no campo da tecnologia de processos, de produtos e de gestão.



Modernos laboratórios em diversas áreas, como química, convivem com as antigas oficinas, que formam torneiros e mecânicos para atender também indústrias não totalmente atingida pela revolução tecnológica

Antigas oficinas, modernos laboratórios

O que nos mostra professor Manoel Pereira da Costa é que, a despeito das profundas mudanças ocorridas no modo de produção da indústria brasileira – o que não é diferente em Goiás –, as antigas oficinas do SENAI, formadoras de torneiros mecânicos, marceneiros, carpinteiros, eletricitas, permanecem lá para atender a uma indústria não totalmente atingida pela revolução tecnológica dos últimos anos. Desse modo, atende o SENAI a diversas áreas do conhecimento, independentemente dos recursos materiais e tecnológicos disponíveis. Um complexo educacional que oferece formação profissional em suas mais diversas modalidades em 400 diferentes cursos, que integram 20 áreas ocupacionais definidas pelo Ministério da Educação.

No início da década de 1940, lembra o professor, fez-se necessária a implantação de um modelo de preparação de mão de obra qualificada capaz de dar conta do surto de industrialização do País, ocorrido como forma de reduzir os impactos decorrentes da 2ª Guerra Mundial. Nessa época, destaca ele, os cursos industriais básicos, tal como estavam organizados, porém, não atendiam a esse propósito. “Esses cursos, pela falta de articulação com o meio industrial, impediam sua transformação em um sistema de aprendizagem capaz de oferecer pronta resposta, qualitativa e quantitativa, às necessidades da indústria”, sinaliza. Segundo professor Manoel, “as mutações tecnológicas impunham uma tal flexibilidade na qualificação de recursos humanos para a indústria





Mecânica automotiva: formação profissional de ontem (acima) e hoje (à direita), sob impacto das mudanças tecnológicas



“A aposta na educação profissional é o que diferencia uma empresa de outra. Por isso, buscamos oferecer à comunidade em que atuamos mais oportunidades de formação profissional.”

Nelson Marinelli, diretor administrativo da Usina Boa Vista, sobre parceria que viabilizou a implantação do Núcleo Integrado SESI SENAI Quirinópolis, em 2010

que somente as empresas, agregadas em um sistema cooperativo, estariam em condições ideais de detectar as reais necessidades de mão de obra e programar sua formação para as diferentes áreas operacionais”, explica, destacando que a criação do SENAI, em 1942, representou um marco na evolução da antiga escola profissional brasileira, no sentido de sua integração com a indústria. “Pode-se concluir que o SENAI nasceu apoiado em razões solidamente justificáveis e em pontos-chave de sustentação que, aliados ao alto grau de motivação dos empresários, governantes e educadores, garantiram sua implantação.”

Mas bem antes, no início do século passado, a primeira sinalização no sentido de garantir um mínimo de valorização do ensino profissional veio com a criação, pelo governo federal, de uma rede de 19 Escolas de Aprendizes Artífices, instaladas em diferentes Estados brasileiros. “Eram escolas similares aos Liceus de Artes e Ofícios e voltadas basicamente para o ensino industrial custeado pelo próprio Estado”, explica professor Manoel. Em 1930, frisa, concretizou-se um sistema de ensino técnico profissional com a criação da Inspeção do Ensino Profissional Técnico, órgão afeto ao então Ministério da Educação e Saúde Pública.

A partir de 1942, com a introdução da Lei Orgânica do Ensino Industrial e posterior Reforma Capanema – nome dado às novas diretrizes educacionais inauguradas no Brasil quando o então Ministério da Educação e Saúde estava sob o comando do ministro Gustavo Capanema –, o ensino profissionalizante surge como um dos pilares que sustentariam o novo modelo de Educação que se pensava para o Brasil do pós-guerra. “As mudanças introduzidas pela Reforma Capanema tinham dois objetivos principais: o atendimento às mudanças

tecnológicas do setor industrial e a equivalência do ensino profissional com o acadêmico”, ressalta o diretor de Educação e Tecnologia do SENAI Goiás.

Mas foi na década de 1960 que a equivalência do ensino profissionalizante com o acadêmico se deu de fato. Com o advento da Lei 4.024/1961, os egressos do ensino profissional passaram a ter amplo acesso à educação superior. “O ensino profissional conquistava, assim, posição de igualdade em relação ao ensino acadêmico”, afirma professor Manoel, ressaltando que equivalência se consolidou em 1971, a partir da reforma do ensino médio. “Os cursos técnicos industriais, estruturados em novas bases curriculares, expandiram-se, animados por um mercado de trabalho fortemente favorável decorrente da expansão industrial.”

Nesse contexto, o SENAI expande sua rede pelo Brasil afora implantando um modelo pedagógico baseado na aquisição de competências e habilidades. O aluno do SENAI, desde sua concepção, em 1942, é aquele que aprende fazendo. O fundamento desse modelo é a racionalização e organização científica do trabalho, método introduzido por Roberto Mange quando da fundação do SENAI. Para servir a essa racionalização, desenvolveram-se as Séries Metódicas Ocupacionais (SMO). “Vale, cada vez menos, o que a pessoa diz saber fazer e vale, cada vez mais, o que ela é capaz de fazer em situação real de trabalho. A competência que passa a ser valorizada é a mobilização que as pessoas fazem de suas capacidades, seus conhecimentos, suas habilidades e atitudes em situação real de trabalho”, observa o educador. As competências profissionais que balizam as ações do SENAI em Goiás abrangem competências básicas, específicas e de gestão.

Para atender a tantos novos padrões de competitividade, o SENAI também inaugurou novos padrões, seguiu seu tempo. “A cada novo avanço da tecnologia, desaparecem ocupações e novas outras surgem. O mapa do mercado de trabalho modifica-se continuamente. As empresas deslocam-se em busca de melhores condições de competitividade, redefinindo as vocações regionais e alterando a paisagem”, analisa o professor do SENAI. Segundo afirma, essas são condições que impactam na formação profissional oferecida pela instituição. Com a alteração dos processos produtivos e das formas de organização do trabalho, as demandas pela reformulação dos programas curriculares intensificam-se. Sem, contudo, que seja abandonado o ensino profissional voltado para os métodos tradicionais de produção.

Como bem ressalta o educador, a preocupação central das empresas passou a ser a permanen-

te busca da inovação. “A busca por maiores níveis de produtividade e competitividade, em âmbito mundial, por parte do setor produtivo, demanda das entidades de educação profissional novas estratégias de atuação mais complexas.” Capilaridade e capacidade de articulação institucional do SENAI, bem como sua interlocução permanente com o setor produtivo e com o setor acadêmico, são diferenciais positivos apresentados pela instituição de ensino na prestação de seus serviços educacionais, o que favorece a identificação de particularidades e necessidades da indústria onde quer que ela esteja.

E a indústria em Goiás se diversificou ao longo das décadas, tornando-se representante nacional em vários segmentos, como o de alimentos, fármacos, fabricação de automóveis, mineração e, mais recentemente, o segmento do etanol, que coloca Goiás como um dos líderes do setor. O SENAI, como o principal braço da indústria para formação de mão de obra capaz de acompanhar esse avanço, também se diversificou, cresceu, inovou, formando técnicos com novas competências e habilidades demandadas por essa nova indústria. E mesmo o velho marceneiro – para citar um dos primeiros cursos a ser oferecidos pelo SENAI na década de 1950, quando chegou em Goiás –, hoje obtém competências que o torna capaz de atender a toda e qualquer demanda em seu segmento. O marceneiro formado pelo SENAI, por exemplo, prepara o local de trabalho, ordenando fluxos do processo de produção; planeja o trabalho a partir da interpretação de projetos; confecciona, restaura, entrega e instala produtos de madeira fabricados sob medida dentro dos parâmetros legais de segurança, qualidade, higiene e preservação ambiental.

Por outro lado, o crescimento da produção da indústria sucroalcooleira em Goiás fez surgir,





Novas competências no portfólio: SENAI acompanha as sucessivas mudanças do perfil econômico onde está inserido





Técnico em manutenção de aeronaves: novo curso atende mercado crescente no Estado

no fim da década de 2000, a necessidade de preparação de mão de obra especializada para atuar em seus parques industriais. Outro exemplo de como o SENAI, no cumprimento da missão e vocação que fundamentaram sua fundação no Brasil, tem acompanhado as sucessivas mudanças do perfil econômico onde está inserido. O curso técnico em Açúcar e Alcool forma profissional que planeja o processamento, a manutenção, conservação, logística e o controle de qualidade de matérias-primas e insumos para a indústria sucroalcooleira; pesquisa para melhoria, adequação e desenvolvimento de novos produtos, processos, metodologias e insumos; utiliza produtos químicos em todas as etapas de fabricação; coordena e controla o processo de fabricação de açúcar e álcool, entre várias outras atividades para as quais o técnico estará preparado.

Dentre as mais novas competências que podem ser adquiridas por quem passa pelo SENAI está a de técnico em manutenção de aeronaves.

O curso foi criado no ano passado e prepara trabalhadores para esse mercado produtivo, atuando na manutenção de aeronaves e de seus equipamentos eletroeletrônicos; executando inspeções em sistemas elétricos e instrumentos de aeronaves; bem como interpretando manuais técnicos das diferentes aeronaves e equipamentos.

A partir de 2004, começaram a ser implantados pelo SENAI Goiás os cursos superiores de tecnologia. O tecnólogo em Processos Químicos, por exemplo, atende à grande demanda por trabalhadores para atuar no parque industrial farmacêutico do Estado, notadamente o instalado no Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia). O profissional deixa a faculdade com competências adquiridas para desenvolvimento das mais diversas atividades industriais do setor. Na sequência, o SENAI Goiás implantou os cursos superiores de Tecnologia em Automação Industrial (2007); em Redes de Computadores (2007); e em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (2008).



Tecnólogo em Processos Químicos: marco do ingresso do SENAI Goiás no ensino superior, em 2004



INTEGRAÇÃO SESI E SENAI, MODELO ARROJADO E EXEMPLAR



Educação Básica e Educação Profissional: SESI e SENAI se adequam à realidade da indústria e suprem lacuna de qualidade no ensino público



Nessa fase de expansão das áreas de atuação, bem como de criação dos cursos de tecnologia, surge em Goiás um novo modelo de gestão da educação oferecido pelo SESI e SENAI. Um modelo arrojado, corajoso, que serviria, logo, de exemplo para outros Estados brasileiros. Em 2005, ao passar a responder pela superintendência do SESI concomitantemente com a diretoria regional do SENAI, Paulo Vargas propôs e teve sinal verde dos conselhos regionais das respectivas instituições para que ambas pudessem atuar de forma integrada, a partir de 2006, oferecendo Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio); Educação do Trabalhador (Alfabetização, Ensino Fundamental e Médio); Aprendizagem Industrial; Habilitação Técnica de Nível Médio e Graduação Tecnológica.

“Ao assumir esse modelo de gestão, SESI e SENAI se adequam à realidade da indústria onde ela está inserida. Formamos e oferecemos a essa indústria o trabalhador de que ela precisa, o profissional com perfil adequado, demandado na região, no município”, frisa Paulo Vargas. Para que isso seja possível, reforça, é fundamental que as instituições estejam sintonizadas, articuladas permanentemente com o setor empresarial. “Não pode haver distanciamento”, pontua. “Estamos continuamente

do lado das lideranças patronais e laborais e isso vai ao encontro do projeto do presidente da Fieg (Federação das Indústrias do Estado de Goiás), Pedro Alves de Oliveira, de valorização dos sindicatos”, diz. “É sempre um olho na gestão e outro na ambiência externa”, cita.

De acordo com Paulo Vargas, o SENAI é hoje uma instituição amadurecida, que tem buscado ampliar e dinamizar sua oferta de ensino profissionalizante com base nas necessidades da indústria local. “Sabe-se perfeitamente, por meio de pesquisas realizadas pela instituição e devido à aproximação contínua com o setor empresarial, do que a indústria necessita em termos de recursos humanos”, afirma o diretor regional.

“O novo não deve aspirar à permanência, mas a fazer-se germe do futuro. Passado, presente e futuro se sucedem, não deixam de vincular-se e de interdependem. Tradição e progresso não são conflitantes. A contemplação do passado bem-sucedido e o respeito às pessoas que fizeram esse caminhar não saciam os que caminham no presente. Antes,

estimulam a todos para novos empreendimentos”, ensina professor Manoel.

Para Paulo Vargas, pode-se esperar muito do SENAI em seus próximos anos de vida. Está em estudo a abertura de novas unidades, inclusive por meio de parcerias a serem firmadas com os governos federal, estadual e com as administrações municipais. “Parcerias estratégicas serão viabilizadas envolvendo também sindicatos e empresas, além do governo, aproveitando, para tanto, a capacidade instalada do SENAI, sua expertise”, destaca. “Em respeito ao passado glorioso e bonito e ao presente em construção, sabemos que podemos esperar muito, ainda, do SENAI Goiás. Essa instituição, com seu know-how, tem condições de continuar a ser extremamente importante para a indústria do Estado por outros 60 anos. Uma indústria que jamais seria o que é sem o SENAI. Continuaremos a ser não só formadores de mão de obra para a indústria, mas formadores de mão de obra, cabeça e braço forte.”



52,6 milhões de matrículas no País

Hoje, a média de 15 mil alunos dos primeiros anos transformou-se em cerca de 2,3 milhões de matrículas anuais em todo o País, totalizando aproximadamente 52,6 milhões de matrículas desde 1942 até 2010. As primeiras escolas deram origem a uma rede de 797 unidades operacionais, entre fixas e móveis, distribuídas por todo o País, nas quais são oferecidas mais de 2.900 cursos de formação profissional, além dos programas de qualificação e aperfeiçoamento realizados para atender necessidades específicas de empresas e pessoas. Em 2010, foram prestados 126.470 serviços técnicos e tecnológicos, como laboratoriais, informacionais, assessorias, desenvolvimento e inovação e certificações de processos e produtos.



“Buscamos a parceria com o SENAI porque os alunos da instituição são lapidados e mais bem preparados para atuar no mercado de trabalho.”

Roberto Berti, gerente de manutenção da unidade Schincariol de Alexânia





**O SENAI POR
QUEM FEZ SENAI**



Nesses 60 anos, milhares de pessoas tiveram suas vidas, em alguma parte da estrada, marcadas pelo SENAI, em Goiás. Quem são elas? Quais seus rostos, suas histórias? Onde estão? O que levaram consigo? Anônimos, famosos, trabalhadores da indústria ou não, gente que não só passou pelo SENAI, mas lá ficou. Em comum, essas pessoas têm justamente o pedaço da estrada.

“PISEI ESSE CHÃO ANTES MESMO DELE SE TORNAR UMA ESCOLA”



Edson Rodrigues, ex-aluno, instrutor, coordenador pedagógico da Escola SENAI Vila Canaã: paixão pela instituição e pela fotografia, cujo acervo é exposto nas páginas seguintes

O Professor Edson lembra-se bem daquela manhã. O rádio ligado, no carro do amigo e também instrutor Osvaldo Lourenço, dava a notícia da morte do ídolo, John Lennon. Era 8 de dezembro de 1980 e eles chegavam para mais um dia de atividades na montagem da nova escola – o Centro de Formação Profissional Vila Canaã. Era preciso preparar bem as oficinas das áreas automotiva e gráfica para receber as cinco turmas de alunos que viriam do CFP Ítalo Bologna, no Setor Fama, em Goiânia, e que concluiriam no ano seguinte o curso naquela escola novinha em folha. Ao lado, já existia o Centro Móvel de Treinamento (Cemot), que depois se tornaria Centro Regional de Treinamento Sul (Cetresul) e que, 11 anos mais tarde, seria incorporado àquela nova escola em construção. “Pisei essa terra aqui quando ainda era um lamaceiro só, muito antes de se tornar escola”, lembra o professor Edson Rodrigues do Nascimento, de 51 anos.

Não só pisou, como registrou, guardou. Professor Edson é uma espécie de guardião da memória da hoje Escola SENAI Vila Canaã: “O professor Edson tem”, responde qualquer um a quem se perguntar sobre uma fotografia antiga, um documento histórico. Tem mesmo. Na memória do computador e na sua própria. Ele lembra que em 1977, três anos antes de vir trabalhar no bairro Vila Canaã, já havia conhecido o local. Na época, o professor, que atuava como monitor no então CFP Ítalo Bologna, e vários outros funcionários acompanhavam alunos daquela escola para um dia de lazer no clube do Serviço Social da Indústria (SESI) e puderam observar toda a área demarcada. “Isso aqui – a hoje Escola SENAI Vila Canaã – estava só na fase inicial de implantação do canteiro de obras, havia muito mato ainda.”

Professor Edson foi aluno do SENAI, assim como os outros quatro irmãos. No antigo CFP Ítalo Bologna, matriculou-se, em 1975, para aprender



BAÚ DO EDSON (1): Instrutores Wandeir Alves de Faria, Edson Rodrigues, Francisco Gonçalves Ferreira, Osvaldo Lourenço do Prado, José Osório, Onion Carrijo e alunos do CFP Ítalo Bologna, durante a montagem da oficina de mecânica de automóveis do recém-construído CFP Vila Canaã, em 1981

mecânica. Pertenceu à primeira turma de um convênio entre a instituição e a Secretaria Estadual de Educação que durou quase 20 anos. Por meio dele, os alunos matriculados na segunda fase do ensino fundamental passavam o dia todo na escola. Curstavam as disciplinas básicas mais o curso de educação profissional. Saíam da escola com um ofício no currículo.

“Eu, que já tinha cursado a 5ª e a 6ª séries em outra escola, fiz tudo de novo, só para poder estudar no SENAI”, lembra professor Edson. Bom que tenha acreditado que valeria à pena. “Terminei meus estudos como o melhor aluno da escola. Eu tinha 15 anos quando o pessoal do SENAI foi lá em casa me convidar para ser monitor, em 1976.” Era só o começo de uma longa jornada.

Em 1981, quando as atividades do CFP Vila Canaã tiveram início, professor Edson ainda trabalhava como monitor. Logo, o ex-aluno nota 10 passaria a auxiliar de instrutor e instrutor, mais tarde.

Em 1987, assumiu na escola a coordenação da área de mecânica automotiva. No baú das memórias do professor, há belos registros fotográficos. Um passeio pela história da escola em forma de jaleco azul. Cada nova turma que se matriculava e concluía a formação no SENAI Vila Canaã era devidamente fotografada pelo “guardião das lembranças”.

O envolvimento com as questões pedagógicas levou o ex-aluno a assumir, mais tarde, em 1992, função de técnico da Divisão de Formação Profissional do Departamento Regional do SENAI. Era um apoio fundamental para as escolas. Ajudou, por exemplo, a estruturar a hoje Escola SENAI Itumbiara. Foi instrumento dessa missão até 1995.

Nessa época, o ex-aluno, agora mestre, volta à “graxa automotiva”, de onde é sua origem. Passa a ser o representante do SENAI de Goiás nos Núcleos de Treinamento e Capacitação Técnica em Manutenção Automotiva. Num convênio com a Volkswagen do Brasil, era o professor Edson o res-



BAÚ DO EDSON (2) - No CFP Vila Canaã, em 1986, os instrutores (em pé, da esquerda para direita) Edson Rodrigues, Onion Carrijo, Vicente de Paulo, Divino Paulo, Luis Fernando e Luis Carlos. Agachados, da esquerda para direita, Manoel Pereira, Francisco Gonsalves Ferreira, Wandeir Alves e Valdivino de Sousa

ponsável pela atualização dos profissionais que trabalhavam na fábrica de automóveis. “Eu estava de volta às minhas origens, à minha formação.”

No início dos anos 2000, coordenou o primeiro curso técnico em automobilística oferecido pelo SENAI Goiás. A partir de 2003, assumiu a função que ocupa ainda hoje, a de coordenador pedagógico da Escola SENAI Vila Canaã. Sua sala vive cheia de alunos, professores, coordenadores.

Apaixonado pelo SENAI, por sua história, pelo que a instituição lhe proporcionou, bem como por fotografia, professor Edson uniu as duas coisas. E mostra, com orgulho, tudo o que conseguiu reunir nesse tempo. Em ocasiões especiais, na escola ou fora dela, sente satisfação em mostrar o que guardou dessa longa trajetória. “Sempre que tem um evento, jogo as fotos lá no telão, faço um passeio

pela história. Sinto-me feliz fazendo isso”, fala um sempre encantado professor. As primeiras turmas, as primeiras formaturas, as antigas oficinas, os novos laboratórios. Nada escapa às lentes do mestre.

“Sempre gostei de fotografia. Algumas, só eu tenho”, orgulha-se. “Sempre que um ex-aluno se destaca lá fora, ganha a vida com a profissão que aprendeu no SENAI, encontro seu rosto nas antigas fotografias e envio a ele. É uma forma de reaver a escola e o que ela faz por nós”, diz.

Após mais de 30 anos, professor Edson não consegue imaginar o que teria feito nesta vida se não tivesse insistido em repetir a 5ª e a 6ª séries para, assim, conseguir ingressar em um curso do SENAI. “Não me vejo de outra forma se não dentro desse universo aqui. Todo mundo costuma dizer: ‘a melhor época da minha vida foi quando eu estava no SENAI. É verdade. Porque não é só a sala de aula, mas é a mão na massa que nos apaixonou. O aluno mostra que aprendeu fazer, fazendo. É um mundo novo! Um mundo que eu conheci e onde eu resolvi ficar”, declara.

Formado em Edificações pela então Escola Técnica Federal de Goiás – hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – e em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, professor Edson recebeu ao longo da carreira propostas para trabalhar em várias empresas. Mas, como disse ele, o ex-aluno – agora mestre – “resolveu ficar. O vínculo que se cria com a ‘família’ SENAI é muito forte. Cheguei aqui com 15 anos. Hoje tenho 51. Sinto-me realizado pelo que fiz até aqui, sobretudo por ter tido a chance de poder ensinar, também, além de aprender.”



Hélio Santana, história de vida na Escola SENAI Vila Canaã e hoje diretor da Unidade Integrada SESI SENAI Rio Verde

“Tenho uma identidade nova: sou o Hélio Santana do SENAI”

Com o passar do tempo, o velho macacão azul marinho ia ficando desbotado pelas sucessivas lavagens com sabão forte o suficiente para tirar a graxa dos automóveis. Mas longe disso ser um problema. Qual lá! “Assim, sem pretensão, o uniforme desbotado evidenciava quem era aluno novato e quem era veterano”, relata o ex-aluno e professor Hélio Ferreira Santana, a quem pertencem inúmeras lembranças de seus 24 anos como funcionário do SENAI.

Pertence ao professor Hélio o certificado de conclusão do curso de mecânico de automóveis de número 85, emitido pelo então Centro

de Formação Profissional – hoje Escola SENAI Vila Canaã – em 1982. Era a primeira turma dos meninos de macacão azul marinho a se formar na instituição, inaugurada um ano antes. Cento e sessenta e sete se formaram com ele naquele ano.

Era final da década de 1970. A família de imigrantes nordestinos chega a Goiânia em busca de melhores condições de vida e de oportunidades de educação para os filhos. A avó do menino Hélio o matricula numa escola pública do bairro e se informa sobre convênio existente com o SENAI para garantir educação profissional para os matriculados na rede. “O SENAI surge como única alter-



BAÚ DO EDSON (3): Primeira turma de alunos de mecânica de automóveis do CFP Vila Canaã, iniciada ainda no CFP Ítalo Bologna e depois transferida, em 1982, com o instrutor Edson Rodrigues (em pé, à direita). Agachado, 3º da direita para a esquerda, o então aluno e hoje diretor da Unidade SESI SENAI Rio Verde, Hélio Santana

nativa técnica e econômica viável para as famílias. Em janeiro de 1981 eu já tinha idade e escolaridade suficientes para ingressar no CFP – Centro de Formação Profissional. Lá fui eu”, conta.

Por meio do convênio com a Secretaria Estadual de Educação, os alunos faziam o antigo Ginásio – segunda fase do ensino fundamental – em dois anos, num período do dia. No outro, cursavam o ensino profissionalizante. Assim, deixavam a escola com a formação básica e profissional, ao mesmo tempo. “A imensa maioria dos alunos, assim como eu, ficava o dia todo na escola. Levávamos uma marmita para o almoço e as cozinheiras aqueciam em banho-maria”, puxa Hélio na lembrança. “Vivíamos a (e na) escola. Foram tempos difíceis, com poucos recursos financeiros e materiais e muitas necessidades. Mas foram esforços necessários para forjar uma personalidade capaz de encarar desafios”, relata.

E professor Hélio encarou todos os desa-

fos que viriam depois. Desde que se formou no SENAI, em 1982, o professor trabalhou em grandes empresas, onde utilizava as técnicas aprendidas durante o curso. “Isso foi determinante para aprimorar os conhecimentos recebidos.” Em 1988, o professor Hélio foi convidado pelo antigo instrutor Edson Rodrigues – hoje colega de trabalho na unidade da Vila Canaã – para participar de concurso que seria realizado para suprir vaga existente na escola, quando Edson ocupava o cargo de coordenador técnico da Área de Mecânica Automotiva. A essa época, professor Hélio já havia concluído, também, o curso de Técnico em Mecânica pela antiga Escola Técnica Federal Goiás, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aprovado no concurso, o menino nordestino e ex-aluno da escola passa a instrutor de Educação Profissional. Não deixaria mais o SENAI. Quatro anos mais tarde, passa a ocupar a função

BAÚ DO EDSON (4): Formandos de mecânica de automóveis da Escola SENAI Vila Canaã de 1989, com o instrutor Hélio Santana





de coordenador de Área de Mecânica de Automóveis para, no decorrer dos anos, exercer outras funções, como supervisor de Ensino; agente de Educação Profissional; supervisor de Educação e Tecnologia, último cargo que ocupou na Escola Vila Canaã, antes de se tornar diretor em Rio Verde. Nesse tempo, não deixou de estudar. Em 1989, formou-se também em Física pela Universidade Federal de Goiás; em 2003 concluiu Administração de Empresas pela então Universidade Católica de Goiás; em 2007 terminou Pedagogia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul); e, em 2009, a Pós-Graduação em Administração de Instituições de Ensino, na Faculdade de Tecnologia SENAI de Desenvolvimento Gerencial (Fatesg).

“Tudo o que eu faço tem como preocupação valorizar ainda mais a instituição. Fui aluno, hoje sou um colaborador. Uso minha história como estímulo a muitas pessoas. Como a dizer que, com compromisso e seriedade, é possível”, ensina.

Segundo ressalta, lá se vai mais da metade de sua vida dentro do SENAI. “Quando comecei a trabalhar aqui, eu tinha 21. Já são 24 anos de trabalho. A grande maioria dos meus amigos aqui está, de modo que minha vida profissional e privada se funde. Os inúmeros cursos e treinamentos de que participei nesse tempo alargaram minha compreensão do mundo. Hoje, tenho uma nova identidade: sou o Hélio Santana do SENAI.”

O Hélio Santana do SENAI, que contou com o empurrãozinho da avó para matriculá-lo na escola de educação profissional da qual se dava notícia lá nos idos de 1981, não vê a hora de os filhos Pedro Augusto, 12, e Arthur José, 5, também iniciarem sua vida profissional com um curso na escola em que atua. “Graças a Deus e ao SENAI, como costumam dizer alguns amigos, seus filhos estão bem formados, com possibilidade de uma vida profissional brilhante pela frente. Tenho o prazer de ter sido uma referência para essas pessoas. É a história de ser o Hélio Santana do SENAI”, brinca.

BAÚ DO EDSON (5): Aprendizes de mecânica de automóveis da turma de 1980



Aluno de mecânica de automóveis da pioneira escola do SENAI em Goiás, Felicíssimo Sena reconhece o aprendizado do valor do trabalho

“O SENAI preencheu minha juventude com hábitos saudáveis”

Formado em Direito pela Universidade Federal de Goiás (UFG), o então garoto de Ouvidor (GO) aprendeu, primeiro, o ofício da mecânica. Hoje, aos 61 anos, o advogado Felicíssimo Sena, cinco vezes presidente da Seccional de Goiás da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), reconhece no SENAI a importância de uma instituição que lhe ensinou o valor do trabalho.

Filho de uma família simples do interior de Goiás, Felicíssimo foi aluno do então Centro de Formação Profissional Roberto Mange, em Anápolis, a pioneira no Estado. Incentivado por um amigo que também havia passado por lá e de quem vinham as melhores referências do lugar, fez ele também sua seleção, sendo aprovado para o curso de mecânica de automóveis. Para prosseguir os estudos, chegou a morar no internato, que permaneceu aberto nas primeiras décadas de funcionamento da unidade.

“Eu fiz a escolha certa ao ir para o SENAI. Na condição de aluno interno, continuei a desenvolver as rotinas de vida simples trabalhadora que minha família praticava”, diz o advogado. Felicíssimo Sena chegou a trabalhar utilizando-se das competências que aprendera no CFP Roberto Mange. “Mas voltei a Ouvidor e logo depois me

mudei para Goiânia.”

Na capital, o jovem Felicíssimo Sena iniciou o chamado curso científico no tradicional Colégio Lyceu. Em seguida, fez curso técnico em contabilidade no Colégio Cinco de Julho, do então diretor Egídio Turchi. Passou, mais tarde, no vestibular para Direito. “Embora eu não tenha me dedicado muito à profissão que o SENAI me ensinou, reconheço que a instituição foi muito importante na minha vida, pois preencheu minha juventude com hábitos saudáveis”, declara.

O advogado tornou-se um dos mais significativos nomes da advocacia em Goiás. Também exerceu cargos públicos, como a presidência da Companhia Energética de Goiás (Celg). Além de presidente da OAB-GO por cinco mandatos, comandou também a Caixa de Assistência dos Advogados de Goiás. É hoje membro da Delegação de Goiás no Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil.

Mesmo não tendo seguido carreira na indústria, tem Felicíssimo Sena sempre muita satisfação em falar de sua passagem pela instituição. “O SENAI é uma grande contribuição do empresariado ao Brasil.”



“Do SENAI, saí mais preparado para os desafios da vida”

Deputado Elias Júnior, electricista de manutenção industrial, o primeiro diploma do hoje jornalista e apresentador de programas de TV e rádio: “A formação do SENAI sempre foi conhecida por sua excelência”

Formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins, o primeiro diploma do deputado Elias Júnior não foi, porém, o de comunicador, mas o de electricista de manutenção industrial, curso realizado no SENAI. Buscou a instituição ainda bem jovem, atrás de uma profissão que pudesse lhe ajudar a ter um futuro melhor.

“A formação no SENAI sempre foi conhecida por sua excelência. Naquela época, eu não tinha condições financeiras para pagar por minha formação. O SENAI era tudo o que eu precisava: ensino de altíssima qualidade e sem custos.” Para o deputado eleito para o primeiro mandato em 2010, ter passado pela instituição de ensino profissionalizante lhe abriu novos horizontes.

“No SENAI aprendi não apenas uma profissão. Aprendi a respeitar o próximo, a ter mais disciplina, a trabalhar em equipe, a ser mais organizado e a planejar minhas ações, na vida, no trabalho, onde quer que eu estivesse. Do SENAI, saí mais preparado para enfrentar os desafios da vida”, comenta.

O deputado Elias Júnior lembra com alegria dos dois anos de formação e frisa o que, para ele, significa o SENAI. “Seus valores foram se consolidando ao longo da história. O SENAI representa qualidade, credibilidade. Quem tem uma formação numa escola do SENAI tem um passaporte para uma vida profissional melhor, é um trabalhador respeitado pelas competências que adquiriu”, diz o deputado, que hoje tem um sobrinho estudante de Mecatrônica numa das unidades do SENAI.

Elias Júnior tem hoje 33 anos. Nasceu em Peixe (TO), Estado onde se formou jornalista, função que exerce desde 1998. O deputado trabalhou como apresentador de programas televisivos e radiofônicos e com a produção de reportagens. Esteve em empresas como Rede Sucesso de Rádio, TV Record e Rádio Araguaia. Ainda hoje trabalha como apresentador de TV e rádio, além de exercer o mandato de deputado na Assembleia Legislativa de Goiás. Foi candidato a prefeito de Goiânia em 2012.



“No SENAI, aprendi a desenhar e fabricar peças, mas também a planejar e executar sonhos”

Itamar Leão, ex-prefeito de Sanclerlândia, concluinte de cursos de tornearia e desenho mecânico, atribui ao SENAI êxito na vida profissional e político-administrativa

Com essa frase, o ex-prefeito de Sanclerlândia, hoje chefe de Gabinete da Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás, Itamar Leão do Amaral resume o que representou para ele ter passado pelo SENAI. Ele é ex-aluno dos cursos de torneiro e desenho mecânico, concluídos na década de 1980. Natural de Goiás (GO), hoje com 48 anos, Itamar Leão atribui ao SENAI responsabilidade significativa do êxito que obteve ao longo da vida profissional e político-administrativa.

“A experiência que obtive no SENAI foi a base de meu sucesso profissional e pessoal. Através dele, aprendi não só desenhar e fabricar peças mecânicas, mas também a planejar e executar sonhos e objetivos. Eu queria trabalhar por um projeto, poder fazer algo para melhorar a vida das pessoas. E não é demais eu dizer que o SENAI me ajudou a chegar onde cheguei. Como prefeito, fui

eleito o melhor gestor empreendedor pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Sem dúvida, fruto do que aprendi nas oficinas e salas de aula do SENAI.”

Como gestor público, Itamar Leão diz ter aprendido que o que as pessoas querem, mesmo, é oportunidade. Oportunidade de estudar, de aprender uma profissão, de trabalhar para ganhar seu próprio sustento, determinar seu próprio destino. “Foi exatamente isso o que eu encontrei no SENAI: oportunidade.”

Além de prefeito de Sanclerlândia por dois mandatos, Itamar Leão foi presidente da Câmara daquela cidade; superintendente de Patrimônio da Secretaria de Esporte e Lazer do Estado de Goiás e presidente da Associação dos Municípios do Estado de Goiás (AGM).



“O SENAI me deu visão mais ampla da sociedade”

Deputado Luis César Bueno, um curso de artes gráficas, um jovem empreendedor: “Sem a preparação de antes, jamais teria conseguido concluir dois cursos superiores antes de entrar na política”

A formação recebida no SENAI garantiu ao deputado estadual Luis César Bueno boa colocação no mercado de trabalho e realização profissional, bem antes de ele pensar em entrar para a política. Chegou a sócio de uma empresa do ramo gráfico, segmento no qual se preparou em curso de artes gráficas oferecido pelo então Centro de Formação Profissional Ítalo Bologna. Era jovem estudante do ensino fundamental – antigo 1º grau – e a conclusão dos estudos, concomitante à formação profissional, era uma excelente alternativa. “Durante dois anos, passávamos oito horas do dia na escola. Ao final, além de concluirmos os estudos, aprendíamos uma profissão”, relata.

O goianiense Luis César Bueno não teve dúvida de que aquela era a melhor escolha a fazer. “A indústria estava em franco desenvolvimento e oferecia as melhores vagas de trabalho e os melhores salários na minha época de juventude”, diz. No

segmento gráfico, conta, ocupou várias funções, até ser sócio do próprio negócio. “Fiquei nesse ramo dos 17 aos 25 anos. A profissão que aprendi no SENAI possibilitou que eu arcasse com meus estudos no 2º grau – ensino médio – e na faculdade”, afirma. O deputado é formado em História e Ciências Sociais. “Sem a preparação de antes, jamais teria conseguido concluir dois cursos superiores antes de entrar na política.”

Mas também para a vida pessoal Luis César Bueno diz que levou boas lições. “O SENAI me possibilitou ter uma visão mais ampla da sociedade, a partir de uma vivência hierárquica no mercado de trabalho. Foi por meio desse aprendizado que tive oportunidade de conviver com as complexidades do processo produtivo para, assim, compreender as dimensões do funcionamento da sociedade capitalista.” Segundo o deputado, como aprendizado do SENAI ele também leva a importância de a classe



Em 1976, Luis César Bueno, à época aluno de artes gráficas do CFP Ítalo Bologna, discursa em nome dos estudantes em solenidade comemorativa do aniversário do SENAI e do Dia da Indústria (25 de maio), ao lado do funcionário Deodato Ferreira

trabalhadora manter-se em união constante. “Este exemplo também era repassado aos alunos do SENAI”, recorda.

O deputado ressalta o papel do SENAI para o desenvolvimento da indústria brasileira. “A instituição, em todas essas décadas, contribuiu para o desenvolvimento econômico do Brasil por meio da preparação de mão de obra especializada para o mercado de trabalho. “O SENAI mudou e transformou a indústria brasileira numa grande força mundial”, destaca. Luis César Bueno cita ainda a transformação de escolas em faculdades de tecno-

logia como um passo gigantesco rumo ao futuro e ao desenvolvimento. “Sempre soubemos da excelência do SENAI na formação de técnicos de nível médio. Não é diferente, agora, com a formação de tecnólogos”, observa.

Aos 50 anos, Luis César Bueno já foi, além de deputado, vereador por Goiânia, diretor na Secretaria de Finanças da Prefeitura de Goiânia, membro do Conselho Deliberativo dos Índices de Participação dos Municípios (Coíndice), membro da mesa diretora da Assembleia Legislativa, entre outras funções públicas.



Aluno em atividade prática na área de artes gráficas: excelência do SENAI em educação profissional



Johnny, antes e depois do SENAI

Johnny Rodrigues Corrêa, medalha de ouro da Olimpíada do Conhecimento do SENAI, funcionário nº 1 da Hyundai e elogio de Lula

// O SENAI foi o divisor de águas na minha vida.

Existe o Johnny antes e depois do SENAI.” Ele é Johnny Rodrigues Corrêa, tem 25 anos e, segundo o ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, o jovem trabalhador teria chances de chegar a governar a Nação, se assim o desejasse, com cinco anos de vantagem em relação ao primeiro. “Porque segundo disse – o Lula – ele fez seu primeiro discurso aos 26 anos de idade e eu, aos 21”, explica Johnny ao recordar-se daquele abril de 2007, quando se encontrou com o então presidente do Brasil durante a solenidade de inauguração da fábrica da Caea/Hyundai, no Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia). O “garoto” de 21 anos era o funcionário nº 1 contratado pela montadora em Goiás.

Mas vá lá que ser nº 1 no que faz se tornou quase lugar comum para esse jovem ex-aluno do SENAI. Em 2006, deixou todos seus concorrentes comendo poeira e trouxe para Goiás a medalha de ouro da Olimpíada do Conhecimento na categoria de Mecânica Diesel de Motores Estacionários.

Uma conquista que ainda hoje o emociona. “A comemoração desse acontecimento é inesquecível para mim. Até a banda da Base Aérea de Anápolis tocou em minha homenagem. Houve queima de fogos e a presença de todos meus amigos, parentes e professores do SENAI. Foi demais”, resume ele ao lembrar-se da conquista.

Johnny é vencedor da Olimpíada do Conhecimento e da vida. Órfão, buscou formação, qualificação, quando o destino não lhe era promissor. “Sem o SENAI, eu talvez fosse hoje mais um na lista dos desempregados, ou mais um no trabalho informal. Resumindo, mais um desqualificado ou despreparado buscando lugar, sem sucesso, no mercado de trabalho”, afirma. “Tudo o que conquistei na vida eu dedico primeiro a Deus e depois ao SENAI, que me ensinou uma profissão, me deu uma oportunidade de trabalho, de ser valorizado nesse trabalho. O SENAI mudou minha história de vida pessoal e profissional”, acentua Johnny.

E como mudou! Em 2003, a convite de um amigo, o garoto de 17 anos fez sua inscrição para

um curso de mecânica na então Escola SENAI Roberto Mange, em Anápolis. Selecionado, fez o curso de mecânica de veículos a diesel e eletricidade veicular. Na época em que a Caoa/Hyundai iniciou o recrutamento de funcionários para a montadora que se instalaria no Daia, Johnny mais uma vez mostrou que é um campeão. Passou por todas as fases de seleção, sendo o primeiro trabalhador escolhido para trabalhar na fábrica de automóveis.

Começou ali como mecânico montador. Mas, claro, mais uma vez, o ex-aluno do SENAI destacou-se pela competência adquirida nesses anos todos de dedicação aos estudos. “Fui promovido a líder de linha de montagem e depois a supervisor de linha de montagem. Hoje, estou em fase de experiência para assumir a função de gerente de produção”, relata. No cargo, Johnny ficará responsável pelo trabalho de outros 140 funcionários trabalhando em dois turnos da montadora.

No discurso do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, há cinco anos, essa trajetória já po-

deria ser prevista por quem visse o entusiasmo do jovem trabalhador, recém-contratado pela montadora. A segurança demonstrada por Johnny, naquela ocasião, encorajou o então presidente a discursar para as autoridades presentes no evento. Lula disse, naquela solenidade: “Não vim preparado para falar, mas o entusiasmo desse menino de 21 anos, formado pelo SENAI, assim como eu, me inspirou. Fiz meu primeiro discurso aos 27 anos. Johnny fez o seu hoje – no dia do evento. Isso significa que ele tem seis anos na minha frente de possibilidade de vir a ser presidente da República”, brincou o ex-chefe da Nação.

“Nossa trajetória – a dele e a de Lula – se parece”, reconhece Johnny, que não parou de correr atrás de mais e mais conhecimento. Hoje, faz faculdade de Engenharia Elétrica. “O maior prêmio que recebi na vida é a satisfação profissional e pessoal que tenho. Sou feliz com o que eu faço. O SENAI me ajudou a chegar aqui, tornando-me um profissional ético, responsável, produtivo.”



Johnny, que não parou de buscar conhecimento, faz faculdade de Engenharia Elétrica: “O SENAI me ajudou a chegar aqui, tornando-me um profissional ético, responsável, produtivo”



Kaic Mamede, aluno do curso de usinagem do SENAI e de olho na Olimpíada do Conhecimento: “É quase um passaporte para o bom emprego”

Kaic quer chegar lá, também

A imagem do menino com a “cara” enterrada nos livros, parafusos, motores de Johnny Corrêa – aquele que conversou de pé de ouvido com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e que agora se prepara para ser gerente de Produção da Caoa/Hyundai – se repete em todas as unidades do SENAI por onde se passa. Jovens garotos que se dedicam para sair dali entre os melhores em suas áreas se preparam para competições regionais e nacionais.

É o caso de Kaic Mamede, de 17 anos, aluno do curso de Usinagem da Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna. Destaque entre os alunos da turma, o jovem disputou e venceu a fase regional da Olimpíada do Conhecimento 2012, na ocupação Desenho Assistido por Computador, e se prepara para a etapa nacional da competição que avalia a qualidade do ensino do SENAI. E a preparação de Kaic requer fôlego de campeão. “Começo às 7h30 da manhã e só paro de estudar às 18 horas”, diz. Passa o dia no SENAI buscando melhorar cada vez mais seu projeto. O pai de Kaic, Divânio

Antônio Rodrigues, de 45 anos, sempre teve torreadora. Aprendeu o ofício sozinho. O filho, desde pequeno, nunca saiu de perto e sempre gostou da oficina. “Desde moleque eu fico em volta dele. Sempre me interessei pelo ofício. Assim que deu, vim para o SENAI”, conta. Está de olho no curso superior de Automação Industrial oferecido pela Fatec Ítalo Bologna.

O jovem tem objetivos claros. Quer ter bom desempenho na olimpíada não por satisfação pessoal, mas porque sabe que isso pode representar um investimento na carreira no futuro. “As empresas ficam de olho nos primeiros colocados. É atrás deles que elas vão. É quase um passaporte para o bom emprego”, compara. “E eu quero ser um deles. Quero chegar lá por meu próprio mérito, por meu próprio esforço. E o SENAI me ajuda muito, os professores estão sempre acompanhando tudo de perto”, completa. “Não sou diferente da maioria dos jovens da minha idade. Só quero ter a oportunidade de ter um emprego digno, capaz de me fazer feliz, de me ajudar a constituir família.”

SENAI, referência fora do País

Ao fim da década de 1950, quando o presidente Juscelino Kubitschek acelerou o processo de industrialização, o SENAI estava presente em quase todo o território nacional e começava a buscar, no exterior, a formação para seus técnicos. Logo, tornou-se referência de inovação e qualidade na área de formação profissional, servindo de modelo para a criação de instituições similares na Venezuela, no Chile, na Argentina e no Peru.





NAS MÃOS DELES



De Ary Azevedo a Paulo Vargas, os diretores do SENAI Goiás



Um passeio pela trajetória daqueles que assumiram a missão de dirigir, nesses 60 anos, o SENAI de Goiás.

Do SENAI ao Sistema FIEG: acima, antiga sede da Administração Regional, na hoje Fatec Ítalo Bologna e, à direita, Casa da Indústria, que abriga todas as instituições



Ary Azevedo – 01/02/1958 a 31/08/1958

Comandante número 1 de tudo o que fora feito pelo SENAI até então, desde a sua chegada, em Anápolis, em 1952, coube ao professor carioca Ary Azevedo, na época diretor da Escola SENAI GO 1, assumir a função de primeiro delegado regional da instituição em Goiás, em 1958. O Departamento Regional seria criado naquele ano, em 28

de agosto. Preparou o terreno para a fundação do SENAI Goiás, cujo primeiro diretor assumiria em seguida (a trajetória do professor Ary Azevedo no SENAI de Goiás pode ser conferida na página 64, em que são lembrados os ex-diretores da hoje Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange).





Gilson Alves de Souza – 1958-1968

Gilson Alves de Souza morreu jovem demais para todos os projetos que tinha em vida. Um enfarte fulminante, em 28 de setembro de 1968, quando ele tinha apenas 48 anos, os interrompeu. Mas não foi capaz de apagar a trajetória desse mineiro de Patrocínio (MG) que cresceu em Goiás e aqui fez história como primeiro diretor do já fundado Departamento Regional do SENAI.

É dona Dóris Paranhos de Souza, a esposa e companheira durante 23 anos de casamento, quem conta um pouco dessa história. “Gilson ajudou muito Goiás, a industrialização do Estado, o fortalecimento das instituições como o SENAI, a Federação do Comércio e a própria FIEG (Federação das Indústrias do Estado de Goiás). Com muita dificuldade, fundou vários sindicatos da indústria”, relata. O sogro, então deputado federal Galeno Paranhos, contribuiu com os projetos do jovem empreendedor Gilson de Souza.

Reservado, nunca foi de trazer para si o mérito de suas conquistas. “Não gostava de aparecer”, resume a viúva, dona Dóris. Advogado, Gilson de Souza tinha excelente relação com integrantes da Confederação Nacional da Indústria (CNI), lembra. No ramo da indústria, fundou a Induprel, fábrica de pregos, e também outra indústria fabricante de móveis hospitalares. “Como dirigente do

SENAI ou como dono de fábrica, era sempre o primeiro a chegar e o último a sair”, revela dona Dóris. “Se um funcionário atrasasse, o chefe – senhor Gilson – chegava antes.”

Muito gentil com os funcionários do SENAI e envolvido com causas sociais, gostava de ajudar a todos. “Perdi a conta de quantos casais apadrinhamos e de quantas crianças batizamos quando ele ainda era vivo. Ele era muito querido por todos. Vivia com o povo.”

Além de fazer parte da história de fundação da FIEG, do SENAI e SESI em Goiás, Gilson Alves de Souza também tem passagem histórica pelo Goiás Esporte Clube. “É dele a ata de fundação do clube”, afirma dona Dóris, assim como a ata de fundação, também, da primeira Federação dos Trabalhadores na Indústria em Goiás, segundo ela. “Ele elaborava os estatutos e ajudava em tudo para sua fundação. Vivia 24 horas por dia para o trabalho.”

Do casamento com dona Dóris Paranhos de Souza, o ex-diretor do SENAI teve cinco filhos: o advogado Paulo Augusto de Souza, o engenheiro físico Gilson Alves de Souza Júnior, o administrador Galeno Alves de Souza, o agrônomo Luiz Alberto de Souza e a professora Maria Rita de Souza. Fosse vivo, seria hoje avô de 16 netos e 6 bisnetos.



Antônio Fábio Ribeiro – 1968-1973

O engenheiro civil e empresário Antônio Fábio Ribeiro viveu a idade do SENAI. Nasceu no mesmo ano em que a instituição foi fundada, em São Paulo (SP) e, assim como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, também completou 70 anos em 2012. Quatorze deles dedicados ao SENAI. Morreu no dia 23 de outubro de 2012, em Brasília.

De aluno de Gilson de Souza, Antônio Fábio Ribeiro tornou-se seu braço direito. Com a morte súbita daquele, viria substituí-lo na direção do Departamento Regional do SENAI em Goiás, em 1968. Fora convidado por ele – Gilson de Souza – para ajudá-lo na implantação, de fato, do departamento regional, recém-criado.

Ainda ao lado do então diretor, Antônio Fábio realizou várias ações: organizou e dirigiu a Divisão de Ensino e Treinamento; foi diretor-adjunto da divisão, supervisionando as ações do SENAI e colaborando também com o SESI, notadamente, na construção do Clube Antônio Ferreira Pacheco, em Goiânia, e da unidade de Aruanã, às margens do Rio Araguaia. Após a morte de Gilson Alves de Souza, assumiu a Direção Regional do SENAI em Goiás, que já englobava a ação também no Distrito Federal.

Já na condição de diretor do SENAI Goiás, o engenheiro Antônio Fábio promoveu a remodelação do então Centro de Formação Profissional Roberto Mange, de Anápolis, tanto no aspecto físico quanto em relação ao desenvolvimento dos

colaboradores e à expansão das atividades. Também empenhou-se na construção e no início de operação do então Centro de Formação Profissional Ítalo Bologna, em Goiânia.

Antônio Fábio Ribeiro integrava os quadros do SENAI Goiás quando foram construídos o Centro de Formação Profissional Vila Canaã, em Goiânia, e o CFP Araguaína (hoje, Tocantins). Colaborou nos projetos de interiorização da rede de atendimento do SENAI em Goiás, bem como cuidou da abertura da instituição no Distrito Federal.

Lá, atuou para implantação de unidades do SENAI, acumulando, inclusive, a direção regional do SENAI-DF. Foi responsável pela construção e operação do Centro de Formação Profissional de Taguatinga (DF) e do Centro de Tecnologia da Construção do Distrito Federal. Antônio Fábio Ribeiro apoiou a implantação da Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra), entidade que dirigiu de 1989 a 1995. Foi também presidente do Conselho do SENAI do DF.

Em Goiás, Antônio Fábio Ribeiro participou de várias entidades, comitês e conselhos, contribuindo para a elaboração e o fortalecimento de uma política industrial para o Estado, chegando a assumir o cargo de secretário de Indústria e Comércio de Goiás, em 1970. Como dirigente do SENAI Goiás, realizou viagens de trabalho a países da América Latina, levando e trazendo experiências promissoras na área da Educação Profissional.



Ivan Bailão – 1970-1971

Goiiano de Inhumas, Ivan Bailão também tem a idade do SENAI. Os 70 anos do engenheiro formado pela UFG foram completados em janeiro de 2012. A chegada ao SENAI ocorreu em 1967, a convite do então diretor, Gilson Alves de Souza. O colega Antônio Fábio Ribeiro já atuava no SENAI nessa época, o que o encorajou ainda mais a aceitar o convite para trabalhar no sistema.

Começou sua trajetória na instituição como assessor da Divisão de Ensino e Treinamento, à época chefiada por Antônio Fábio. Assumiu a responsabilidade de acompanhar de perto o andamento e a conclusão das obras do Centro de Formação Profissional Ítalo Bologna, em Goiânia.

Em 1968, com a ida de Antônio Fábio para a função de diretor-adjunto do Departamento Regional, Ivan Bailão assumiu a chefia da Divisão de Ensino e Treinamento. Era responsável, já nessa época, pelas ações desenvolvidas também no Distrito Federal, bem como por todas as obras civis do Departamento Regional em Goiás.

Em 1970, quando Antônio Fábio já havia assumido a direção do SENAI Goiás por ocasião da morte do advogado Gilson Alves de Souza, Ivan Bailão tornou-se diretor-adjunto do ex-colega de faculdade. Depois, ocupou interinamente a direção regional quando Antônio Fábio, a convite do governador Leonino Caiado, assumiu a Secretaria de Indústria e Comércio do Estado. Também nessa época, acumulou a função de superintendente do Instituto Euvaldo Lodi de Goiás (IEL-GO), integrante do Sistema Indústria no Estado.

O engenheiro Ivan Bailão destaca como ações

significativas do SENAI Goiás entre 1967 e 1971 a inauguração e ampliação do Centro de Formação Profissional Ítalo Bologna, em Goiânia; reformulação e modernização do CFP Roberto Mange, em Anápolis, e implantação, em parceria com o Ministério da Educação (MEC), do sistema de treinamento de adultos por meio do Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra (PIPMO).

Segundo lembra Ivan Bailão, ele pôde coordenar e executar, em 1971, uma experiência pioneira que denomina como o maior programa de treinamento para a construção civil naquela época, outra parceria do SENAI com o MEC e o extinto Banco Nacional de Habitação (BNH). Por meio do programa, foram formados mais de 2 mil profissionais nos canteiros de obra do Distrito Federal em menos de um ano.

Hoje, Ivan Bailão é diretor de Marketing da DEC Brasil, de Desenvolvimento e Fabricação de Equipamentos em Aço Inoxidável, de Goiânia. “Considero que ter trabalhado no SENAI foi fundamental para meu aperfeiçoamento profissional e sucesso posterior em todas as outras empresas em que atuei e nas atividades que exerci”, afirma.

Para o engenheiro, o mais gratificante de sua passagem pelo SENAI foi a convivência com pessoas relacionadas por ele e identificadas como “íntegras e idealistas, como Antônio Ferreira Pacheco, Ovídio Inácio Carneiro, José Aquino Porto, Gilson Alves de Souza, Venerando de Freitas Borges, Jeová de Paula Rezende, Vincenzo Falcone, Hélio Naves, professor Ary Azevedo e meus colegas engenheiros Antônio Fábio Ribeiro e Jefferson Bueno”, cita.



Jeová de Paula Rezende – 1974-1975

Além dos editoriais assinados que abrem este registro histórico dos 60 anos de fundação do SENAI em Goiás, este trabalho trará outro texto redigido em primeira pessoa. O autor é Ricardo Wagner Rezende, filho do ex-diretor do SENAI Goiás, professor Jeová de Paula Rezende. A riqueza de detalhes, o cuidado com as palavras e a beleza das lembranças do também professor e ex-funcionário do SENAI Ricardo Rezende justificam essa escolha.

Ricardo Rezende atuou no SENAI por 29 anos. Ingressou em Brasília, em 1982, na área internacional, chegando a chefe da Assessoria Internacional da instituição. Foi transferido para a sede do Departamento Nacional do SENAI do Rio de Janeiro, atuando na assessoria direta do então diretor-técnico da entidade e depois diretor-geral do SENAI entre 2000 e 2011, professor José Manoel de Aguiar Martins. Ricardo Rezende coordenou por vários anos a área de Relações com o Mercado. De volta a Brasília, com a mudança da sede nacional, ocupou novamente a gerência-executiva de Relações Internacionais. Encerrou a carreira no SENAI em setembro de 2011, como secretário do Conselho Nacional do SENAI.

Segue um relato de vida, feito pelo filho de Jeová de Paula Rezende. Uma vida que também passou pelo SENAI.

“Jeová de Paula Rezende nasceu na mineira Araxá, em 30 de junho de 1921. Filho mais velho de oito irmãos, perdeu o pai ainda adolescente e criou-se com a ajuda dos tios na cidade de Sacramento (MG).

Veio para Goiânia ainda muito jovem, no alvorecer dos seus 21 anos, e aqui chegou a tempo de testemunhar a mudança da capital da velha Vila Boa de Goiás para Goiânia. Aqui concluiu seus estudos em Contabilidade e depois em Direito. Conheceu e casou-se com Jacyra Souza de Rezende, com quem teve seis filhos – Delenda, Técia, Antônio Carlos (o Toninho), Tito Lívio, Ricardo Wagner e Eduardo Henrique.

Ingressou no serviço público e ajudou na organização da prefeitura da então jovem capital goiana. Como fiscal e interventor do município, ajudou na organização de várias prefeituras do interior goiano e, como interventor, chegou a ser prefeito, por curto período, da histórica Pirenópolis. Galgou postos no serviço público estadual, organizou e ocupou postos de diretoria no Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado de Goiás (Ipasgo). Trabalhou por longo período na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, onde se aposentou como diretor administrativo, em 1969.

Paralelamente à carreira no serviço público, Jeová de Paula Rezende trilhou belíssima trajetória na academia. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás como professor titular de Direito e ali serviu por longos 35 anos. Assim, ficou conhecido pela alcunha que sempre o acompanhou – Professor Jeová. Ensinou nas cadeiras de Direito Administrativo, Direito Penal e Direito Processual, mas foi na área de Deontologia Jurídica – a área do Direito que trata da Ética no exercício da profissão – que se encontrou e se especializou. Deu aulas, fez palestras e es-



Ricardo Rezende, filho do Professor Jeová: vida dedicada à educação, legado do pai

creveu diversos livros técnicos sobre a matéria. Ao longo dos anos na Academia, ocupou o cargo de Diretor da Faculdade de Direito por 15 anos, até se aposentar, por volta de 1971, pouco depois de deixar o serviço público.

Professor Jeová costumava dizer: “Não gosto que me chamem de doutor, como é costume com a maioria dos advogados. Gosto que me chamem de professor, porque professor é um título que mereço.” E professor era um título que merecia, mesmo. Ao encontrar ex-alunos dele, todos eram unânimes em me dizer: “Nas aulas do seu pai, era possível ouvir os mosquitos voando pela sala.”

Homem de grande inteligência e rara cultura, professor Jeová conhecia os clássicos, tinha invejável conhecimento de Literatura e História e inigualável talento para a escrita. Seus textos eram ricos, elegantes e agradáveis, fazendo, às vezes, com que o leitor corresse aos dicionários, tal a riqueza do vocabulário que empregava. Ao lado dos livros técnicos de Direito, escreveu romances, contos, ensaios e artigos. Dentre seus livros publicados, destacam-se *Cenas de Desemboque*, que retrata a Sacramento de sua adolescência, e *Pequizeiros em Flor*, mistura de ficção e história, que relata a mudança da capital de Goiás e seus personagens históricos, como Pedro Ludovico, Venerando de Freitas Borges e Jaime Câmara.

Em 1969, já aposentado do serviço público e em final de carreira no magistério, professor Jeová recebeu convite de José Aquino Porto, então presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás, para ingressar nos quadros da instituição. Entrou para a FIEG ocupando o cargo de secretário-geral, em substituição a Gilson Alves de Souza, que acabava de falecer após ter prestado

relevantes serviços na estruturação tanto da FIEG como de suas casas coligadas – SESI e SENAI. Pela sua formação e conhecimento em Direito, passou a acumular o posto de consultor jurídico do SESI com o cargo de secretário-geral da FIEG. Assim, defendeu o SESI em inúmeras ações até que, pelos idos de 1971, passou para os quadros do SENAI Goiás como diretor-adjunto da entidade.

Ocupava o cargo de diretor regional do SENAI Goiás o então jovem e dinâmico Antônio Fábio Ribeiro, secretário de Indústria e Comércio do Governo Leonino Caiado, engenheiro e executivo destacado de Goiânia. Na transferência de Antônio Fábio Ribeiro para Brasília, na fundação do Departamento Regional do SENAI do Distrito Federal, em 1973, professor Jeová passou a diretor regional do SENAI em Goiás. Permaneceu no cargo até 1975, quando Jefferson Bueno tornou-se diretor regional do SENAI Goiás e professor Jeová voltou a ocupar a diretoria-adjunta da instituição.

Com a saída de Jefferson Bueno, em 1983, assumiu a Diretoria Regional do SENAI em Goiás Paulo Vargas, com professor Jeová permanecendo como seu diretor-adjunto. Iniciava-se ali uma longa e profícua parceria de trabalho, que trouxe um grande desenvolvimento e consolidou o SENAI Goiás como um dos mais sólidos, equilibrados e produtivos Departamentos Regionais da rede SENAI.

Foram reestruturadas e fortalecidas as unidades operacionais do SENAI em Anápolis e Goiânia, a exemplo da instalada no Setor Fama e Vila Canaã. As ações da instituição estenderam-se por várias cidades do Estado, que começavam a receber indústrias e investimentos de outras regiões do País, e assim surgiram as Unidades de Catalão, Itumbia-

ra, Rio Verde, dentre tantas outras.

Além de atuar ao lado de Paulo Vargas na consolidação do SENAI em Goiás, Professor Jeová, com uma trajetória de vida fortemente dedicada à Educação, lutou para que a Educação Profissional oferecida pelo SENAI alcançasse prestígio e valor. Hoje, a Educação Profissional do SENAI não é mais aquele curso prático, de nível básico, oferecido ao filho do trabalhador semiqualficado. É, acima de tudo, uma alternativa educacional nobre que abre horizontes e perspectivas para os jovens que precisam ingressar no mercado de trabalho e garantir para si e para suas famílias um futuro melhor e

mais promissor. Em 30 anos de trabalho dedicados ao SENAI Goiás, este foi um dos mais fortes legados deixados por Professor Jeová.

Professor Jeová de Paula Rezende faleceu aos 86 anos, em agosto de 2007. Seu exemplo de homem de origem humilde e estilo de vida simples; de pessoa honrada, honesta e dedicada, que jamais usou os cargos que ocupou em proveito próprio; sua trajetória profissional marcada por grandes realizações deixam lições do mestre de grande sabedoria, que marcou de forma indelével todos aqueles que conviveram com ele, e deixam plantadas sementes de inspiração para as gerações futuras.”



Professor Jeová: 30 anos de trabalho dedicados ao SENAI Goiás



Jefferson Bueno – 1975-1983

Aos 72 anos, o engenheiro civil e economista Jefferson Bueno fala com facilidade sobre o que fora em sua vida o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, e vice-versa. “Tudo o que eu fiz na vida tem pedaço do SENAI dentro”, diz. E tem mesmo.

Essa história teve início em 1966 e durou 17 anos. Em junho daquele ano, o jovem Jefferson Bueno recebeu a missão, das mãos do então diretor regional do SENAI em Goiás e no Distrito Federal, Gilson Alves, e do presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG) na época, Antônio Ferreira Pacheco, de dar início às atividades de formação de mão de obra pelo SENAI no DF. Foi nomeado, em 1º de junho de 1966, diretor técnico do SENAI no Distrito Federal, função na qual permaneceu até 1968. Durante esse tempo, lembra, assumiu também a direção-geral do Centro de Ensino Tecnológico de Brasília (Ceteb) e a coordenação de projetos de preparação de mão de obra industrial do Ministério do Trabalho.

Entre 1968 e 1970, Jefferson Bueno passou a atuar no Departamento Nacional do SENAI, no Rio de Janeiro. “Lá desenvolvi manuais para laboratoristas de solo, que foram reproduzidos até se transformarem em série metódica no SENAI”, afirma. Nos anos 1970, foi para Boston, em Massachusetts, nos Estados Unidos, fazer seus estudos de mestrado e doutorado como bolsista da Northern University.

Concluídos os cursos nos Estados Unidos, voltou em 1973 para o Brasil, reintegrando o SENAI de Brasília, onde publicou os primeiros anuários da

instituição no DF. Permaneceu no local até 1975, quando foi criado o Departamento Regional do SENAI do DF, dirigido por Antônio Fábio Ribeiro.

Em 15 de maio de 1975, segundo conta, foi nomeado diretor regional do SENAI de Goiás, designado para a função pelo então presidente da FIEG, Aquino Porto. Comandou a instituição, que experimentaria, nos anos seguintes, franca expansão das atividades, até 1983. “O SENAI foi uma instituição que acompanhou a marcha para o Oeste brasileiro e acompanhou todas as transformações experimentadas por Goiás ao longo das últimas seis décadas”, destaca.

Na gestão do engenheiro civil Jefferson Bueno, a área física da unidade Ítalo Bologna, em Goiânia, sofreu significativa ampliação; foi construída a escola da Vila Canaã, também na capital; a então Escola Roberto Mange passou por importante reforma (em 1980); dobrou-se a capacidade de atendimento da unidade de Araguaína (TO); foram construídos os Centros Regionais de Treinamento de Rio Verde e Gurupi, a escola de Minaçu e de Itumbiara. “A meta era ampliar significativamente o número de matrículas do SENAI e fizemos isso ocupando todos os quadrantes do Estado”, lembra. “E atribuo esse trabalho a um conselho e a uma diretoria do SENAI integrados por pessoas muito capacitadas, como Venerando de Freitas Borges, Hélio Naves e o atual diretor do SENAI, Paulo Vargas”, enumera.

Segundo Jefferson Bueno, sua passagem pelo SENAI possibilitou-lhe conhecimento mais profundo da importância dos Recursos Humanos

para o desenvolvimento de um país. “Ampliei meus conhecimentos gerais e específicos que fizeram o profissional que sou, preparando-me para ocupar as posições que ocupei”, frisa.

Após deixar a direção do SENAI, o economista Jefferson Bueno assumiu funções públicas, como a presidência da Companhia Energética de Goiás (Celg) e de órgãos como a Companhia de Pavimentação, Companhia de Obras e o Departamento de Estradas de Rodagem de Goiânia, além

da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), de Brasília. Foi também fundador e presidente do Sindicato das Indústrias de Fabricação de Álcool de Goiás.

Hoje, Jefferson Bueno dedica-se à literatura e ao agronegócio. E arremata: “Um país cresce dependendo da natureza de sua força de trabalho. Quanto mais qualificada ela é, mais capacidade produtiva esse país terá. Daí a importância de instituições como o SENAI.

Final dos anos 70: Jefferson Bueno (centro) mostra obras do CFP Vila Canaã ao então diretor do Departamento Nacional do SENAI, Saulo Diniz, e Barros Palissy (esquerda), observado por José Siqueira Filho, João Francisco, Paulo Vargas e Wilson Gilberto Pereira





Paulo Vargas – A partir de 1983

O jovem de 26 anos chegou atrasado à primeira prova de seleção para ingresso nos quadros do SENAI Goiás. Não conseguiu liberar-se a tempo do trabalho. Perdeu a primeira chance, mas foi apenas essa. Na segunda tentativa, Paulo Vargas estava lá. Era 1969. Aprovado. De lá, não mais saiu. E lá se vão 43 anos. Quarenta e três anos de uma história de vida que se entrelaça com a própria história do SENAI em Goiás, que completa 60 anos em 2012, 30 deles sob a administração de Paulo Vargas.

Goiano, o economista especialista em Planejamento e Administração de Empresas Paulo Vargas nasceu em Leopoldo de Bulhões, a cidade que surgiu com a estrada de ferro. O semblante sereno esconde parte de uma das características que melhor o traduz: gosta tanto de trabalhar quanto de viver. “O trabalho não mata. O trabalho não adoce. Pelo contrário, é uma boa terapia”, ensina Paulo Vargas, que só tem hora para chegar à sede do SENAI, em Goiânia.

O diretor regional do SENAI conta que teve na vida apenas dois empregadores. Um deles foi Irapuan Costa Júnior, empresário com quem trabalhava quando decidiu fazer a prova de seleção para ingresso na instituição. Selecionado, iniciou como auxiliar de escritório. “Nunca mais deixei o SENAI”, diz. “E tanto lá, como auxiliar de escritório, como aqui, na função de diretor, sempre busquei oferecer o máximo da minha competência. Nada menos que o máximo da minha competência”, reforça, lembrando que é exatamente isso o que ele espera da equipe que coordena.

A seleção para ingressar no SENAI partiu da simpatia que Paulo Vargas nutria pela instituição.

Dela, não sabia muito. Mas conhecia pessoas que integravam aquele projeto “extraordinário” – para usar adjetivo escolhido por ele mesmo para descrever como via o trabalho do SENAI –, como o professor e amigo Vincenzo Falcone, que o fizeram crer que ele também queria fazer parte daquela história. E fez. Italiano “exigente”, à época diretor administrativo, “com ele aprendi muito”.

Além de Falcone, ele cita Joviano Pereira da Natividade Neto, anapolino, que saiu dos quadros do SENAI Goiás para se tornar diretor regional da instituição no Rio Grande do Sul e Distrito Federal, respectivamente; Carlos Antônio Almeida e Silva, Terezinha de Jesus e Fátima Antonieta, todos levados de Goiás para Brasília, requisitados por Antônio Fábio Ribeiro ao assumir a direção do DR-DF, no ano de 1973. O mesmo ocorreu com Carlos Boaventura, à época um garoto de 16 anos que mais tarde se tornaria diretor regional e superintendente do SENAI e SESI do Distrito Federal, respectivamente.

“Desde que me aproximei pela primeira vez do SENAI, o vi como instituição forjadora de homens bons, que ensina as pessoas a ter uma profissão, as ajuda a crescer, a se firmar, a ter sucesso a partir da formação que recebem. As pessoas passam a se sentir valorizadas pelo que sabem fazer, pelo que têm competência para fazer. Faz bem poder dizer ‘sou um bom pedreiro’, ‘sou um bom electricista’, ‘sou um bom técnico’. Identifiquei-me e ainda me identifico com os valores da instituição”, diz Paulo Vargas.

O ex-auxiliar de escritório fez carreira na instituição que escolheu para dedicar sua força

de trabalho. Foi diretor de escola, coordenador de divisão, coordenador-administrativo, entre outras funções que exerceu, até chegar a diretor regional, em 1983, em substituição a Jefferson Bueno. “Apesar de ainda muito moço, tive o privilégio da confiança do então presidente da FIEG, Aquino Porto, que me deu chance irrecusável de mostrar trabalho como diretor regional”, lembra. “Durante todo esse tempo, convivi com pessoas extraordinárias, como Ivan Bailão, Jeová Rezende, Antônio Fábio Ribeiro, Jefferson Bueno, Aquino Porto, Paulo Afonso, Mozart Soares Filho, Hélio Damásio de Castro, Ary Azevedo e tanta gente que ajudou a construir o que a instituição é hoje. Sinto-me honrado por isso.”

No Sistema Indústria em nível nacional, onde o Regional de Goiás sempre gozou de muito prestígio, Paulo Vargas destaca personagens como os ex-diretores Paulo Ernesto Tolle (São Paulo), Afonso Greco (Minas), Roberto Boclin (Rio de Janeiro), Arivaldo Silveira Fontes e José Manuel Martins, ex-diretores do Departamento Nacional.

Paulo Vargas lembra que, como diretor diretor regional, passou pelas gestões de três dirigentes da FIEG: “Aquino Porto, homem a quem Goiás deve muito, Paulo Afonso, que soube aproveitar a estrutura e os alicerces erguidos por Aquino Porto e avançar e, agora, Pedro Alves, nas mãos de quem a Federação teve também grande salto”, cita. “Ao ser mantido pelo presidente Pedro Alves à frente da instituição, senti uma responsabilidade maior ainda. Seria natural que ele trouxesse para essa função outros auxiliares. Mas ao receber a missão de continuar dirigindo o SENAI e o SESI, senti o peso da

responsabilidade e a assumi”, afirma. “O SENAI está absolutamente alinhado com o projeto do presidente Pedro Alves”, frisa.

Para Paulo Vargas, o sentimento que predomina, ao estar à frente do SENAI por ocasião dos seus 60 anos de fundação em Goiás, é de orgulho. “Sinto-me imensamente orgulhoso, privilegiado e honrado por estar liderando essa equipe em momento tão importante para a instituição. Eu acredito na indústria de Goiás e acredito no que o SENAI e o SESI podem fazer por ela. Trata-se de instituições de bem que forjam homens, trabalhadores de bem”, acentua. E conclui. “Sou inquieto. Não estou satisfeito nunca. Mas nada melhor que a insatisfação, para o homem, para fazê-lo avançar. E é isso o que busco, é isso o que o SENAI busca.”

Atuação internacional

Na área internacional, o SENAI Brasil firmou 48 parcerias com 29 países e 1 organismo internacional; captou 10.804 horas de consultoria para o Sistema SENAI e promoveu a capacitação de 3.654 pessoas no Brasil por peritos internacionais. Além disso, ainda em 2010, implantou 4 Centros de Formação Profissional e está implementando 11 no exterior, em parceria com a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), e desenvolve 29 projetos de cooperação técnica totalizando R\$ 68,9 milhões.





PIONEIROS E VISIONÁRIOS



PRESIDENTES DA FIEG, À FRENTE DOS DESTINOS DO SENAI

Neste capítulo, trazemos um breve relato da trajetória dos homens que tornaram possível a implantação e o crescimento da rede SENAI, na condição de presidentes da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG) e, por consequência, também presidentes do Conselho Regional da instituição de ensino: Antônio Ferreira Pacheco, o visionário que tudo iniciou; Aquino Porto, sob o olhar de quem a indústria e seu braço educacional, o SENAI, cresceu e se consolidou; Paulo Afonso, que soube potencializar o legado deixado por seu antecessor; e Pedro Alves, que amplia significativamente a oferta educacional no Estado e as parcerias em prol desse sistema.



Ferreira Pacheco e os primeiros passos pela industrialização

Primero presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG), o empresário Antônio Ferreira Pacheco foi responsável pelos passos iniciais da entidade rumo à industrialização goiana, em meio a um contexto de ausência de infraestrutura e mão de obra e reduzido número de empresas e investimentos. Durante sua gestão, de 1952 a 1967, após intensas articulações junto à Confederação Nacional da Indústria (CNI), foi criado o Conselho Regional do SENAI, em reunião do Conselho Nacional da instituição, ocorrida entre

os dias 24 e 25 de março de 1958.

No mesmo ano, em 28 de agosto, foi implantado o Departamento Regional do SENAI, que teve como primeiro diretor Gilson Alves de Souza. Até então, o SENAI em Goiás, cuja primeira escola havia sido inaugurada em 9 de março de 1952, em Anápolis, permanecia vinculado ao Departamento Regional de São Paulo. Também durante o mandato de Antônio Ferreira Pacheco, nasceu o Departamento Regional do SESI, cuja incorporação pela FIEG ocorreu em 28 de fevereiro de 1953.

O legado de Aquino Porto



Entre os pioneiros do Sistema Indústria em Goiás, destaca-se como figura central o empresário José Aquino Porto. Visionário e empreendedor, Aquino Porto, depois de assumir o comando da FIEG com a morte de Ferreira Pacheco, de quem era vice, em 1967, ampliou a estrutura das instituições que hoje compõem o Sistema FIEG, o que possibilitou levar os diversos serviços prestados a regiões estratégicas do Estado. Sua liderança e a capacidade de agregar as reivindicações da indústria o fizeram galgar posição de destaque no segmento industrial nacional. Seu trabalho colocou a indústria goiana de vez no cenário brasileiro e lhe rendeu o título de “Pai da Industrialização em Goiás”, pelas quatro décadas de atuação como líder classista, no Estado e no País.

Com acesso fácil aos altos escalões do governo federal e por mais de três décadas na posição de primeiro secretário da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Aquino Porto atraiu atenção de diversas autoridades para Goiás e conseguiu

canalizar inestimáveis recursos financeiros para potencializar a ação das instituições do Sistema Indústria no Estado, sobretudo o SESI e o SENAI. No caso do SENAI, à exceção da pioneira unidade Roberto Mange e das unidades mais recentes, Aquino Porto foi responsável pela implantação de praticamente toda a rede de ensino técnico no Estado, incluindo a hoje Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna, primeira unidade instalada em Goiânia; a Escola SENAI Vila Canaã e a Faculdade de Tecnologia SENAI de Desenvolvimento Gerencial, também na capital; a Unidade Integrada SESI SENAI SAMA, em Minaçu; a Escola SENAI Catalão, a Escola SENAI Itumbiara e a Unidade Integrada SESI SENAI Rio Verde.

Após 32 anos de sua gestão à frente do sistema sindical patronal industrial goiano, eleito e reeleito em mandatos sucessivos, e considerando cumprida sua missão, passou, em 2000, o comando ao vice, Paulo Afonso Ferreira.

Então presidente da FIEG, Aquino Porto, entre os deputados Ibsen de Castro e Valdi Camácio, recebe Medalha do Mérito Legislativo Pedro Ludovico Teixeira, em 1997



Paulo Afonso Ferreira, empreendedorismo e modernização



Com o afastamento de Aquino Porto, Paulo Afonso Ferreira assumiu tarefa desafiadora, como ele próprio bem definiu ao avaliar os primeiros passos dados sem o apoio da mão segura de Aquino Porto e levar adiante o legado de empreendedorismo, que sempre passou pelo caminho da modernização, e realizar seu trabalho por meio do aprendizado e tendo sempre em mente o compromisso com a manutenção do trabalho promovido até então: “Nos primeiros meses, a sensação que nos envolveu foi a de imensa preocupação, que certamente se traduziu algumas vezes em excesso de zelo, diante da obrigação de dar continuidade a uma administração elogiada por unanimidade.”

O trabalho conjunto e a busca coletiva por soluções rumo ao desenvolvimento permitiram que a FIEG reforçasse sua posição de representação máxima do setor industrial. A gestão Paulo

Afonso Ferreira, que se reelegeu até outubro de 2010, representou a continuidade da crença em um “Goiás Industrial” e também em sua capacidade de juntar lideranças a favor dos grandes objetivos da indústria.

Como presidente do Conselho Regional do SENAI, Paulo Afonso Ferreira levou adiante o projeto de interiorização da instituição, em ação integrada com o SESI, para atender às demandas por qualificação profissional diante da descentralização do desenvolvimento industrial. Assim, por meio da estratégia de parcerias com a iniciativa privada, nasceram a Unidade Integrada SESI SENAI Niquelândia, o Núcleo de Educação Profissional SENAI Luziânia, o Núcleo Integrado SESI SENAI Barro Alto, o Núcleo Integrado SESI SENAI Formosa, o Núcleo Integrado SESI SENAI Senador Canedo e a Unidade Integrada SESI SENAI Quirinópolis.



Integração do Sistema FIEG e parceria com indústrias, marcas da gestão de Paulo Afonso Ferreira

Pedro Alves de Oliveira, foco na expansão da rede de ensino



Eleito presidente da FIEG em 2010, o empresário Pedro Alves de Oliveira tem mandato até 2014. Em sua gestão, o SENAI mantém sua trajetória de expansão da rede física nos principais polos de desenvolvimento industrial do Estado, com a implantação do Núcleo Integrado SESI SENAI Mineiros, a Escola SENAI Dr. Celso Charuri, em Aparecida de Goiânia, e o Núcleo SENAI Anápolis.

Em meio à crescente demanda das empresas por mão de obra qualificada, o foco da nova diretoria da FIEG para a atuação do SENAI é a elevação do número de matrículas na educação profissional e de empresas atendidas de forma integrada com os serviços do SESI. Ao aderir ao Programa SENAI de Apoio à Competitividade da Indústria Brasileira, pacote de modernização que prevê a aplicação de R\$ 3 bilhões em todas as unidades da instituição no País, o SENAI Goiás vai investir R\$ 85 milhões,

até 2014, na expansão de sua rede de ensino, que oferece hoje cerca de 400 tipos de cursos em 20 unidades e núcleos estrategicamente distribuídos nos principais polos industriais do Estado. A meta é atingir, em dois anos, 200 mil matrículas anuais, quase o dobro do que foi alcançado em 2010 (113.516) e 78% superior a 2011 (123.511 matrículas).

Para a expansão de sua rede de ensino, o SENAI irá aplicar recursos na área de mecânica agrícola e adquirir mais quatro unidades móveis (oficinas autotransportáveis), nas áreas de alimentos e bebidas, manutenção industrial, manutenção de máquinas pesadas e de solda. O objetivo é atender de perto às necessidades dos grandes empreendimentos que se instalam no Estado e dinamizar as ações de formação profissional desenvolvidas em parceria com empresas, sindicatos, associações e prefeituras. Também serão criados Institutos SENAI de Tecnologia (IST) nas áreas de alimentos, automação e química industrial, além do Instituto SENAI de Inovação, com foco em logística. Essas unidades serão aliadas das empresas no desenvolvimento integrado de produtos e processos, pesquisa aplicada, solução de problemas complexos e antecipação de tendências tecnológicas. Os institutos vão ainda formar profissionais para gerar conhecimento e desenvolver tecnologias que atendam às demandas das indústrias.



Expansão da rede de ensino é uma das prioridades de Pedro Alves de Oliveira à frente das instituições da indústria em Goiás





COMEMORAÇÕES UNEM PASSADO E PRESENTE



*Reencontro, 60 anos depois:
Juracy Fernandes de Carvalho
e Jair Braz, colegas da turma
de tornearia mecânica do
SENAI em Goiás*

ANÁPOLIS EM FESTA, 60 ANOS DEPOIS

Não foi uma manhã de domingo ensolarada, como aquela que, segundo os registros históricos, marcou a inauguração da Escola SENAI GO 1, no dia 9 de março de 1952, mas foi em uma manhã de sexta-feira, igualmente ensolarada, que Anápolis abriu as comemorações dos 60 anos de atuação da instituição em Goiás. Pioneira da rede de educação profissional e tecnológica hoje presente nos principais polos de desenvolvimento do Estado, a atual Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange festejou a data em grande estilo, com direito a bolo de aniversário, balões, fogos de artifício e até tapete vermelho para receber as centenas de pessoas que vieram prestigiar o aniversário.

Uma placa alusiva à história, descerrada na ocasião, perenizou o evento. Nela, uma frase de um personagem cuja ausência foi sentida – Eurípedes Monteiro Alarcão, concluinte do curso de

marceneiro da turma de 1953, que falecera há menos de um mês: “O SENAI foi como uma bênção de Deus na minha vida e de tantos outros jovens não só na minha época, mas até hoje. Se me tornei o profissional e o pai de família que sou, devo muito a meus estudos no SENAI.”

No meio da multidão, Juracy Fernandes de Carvalho, um senhor visivelmente emocionado, mostrava orgulhoso um pequeno álbum com fotografias antigas, da época em que integrou a primeira turma do curso de tornearia mecânica da então Escola SENAI GO 1. “Fiz questão de estar aqui hoje. O SENAI faz parte da minha história, aqui aprendi não só um ofício, mas a ter disciplina, respeito ao próximo e amor ao trabalho”, justificou. Juracy fez companhia a outros ilustres ex-alunos que também participaram da solenidade, como o colega de curso, Jair Braz.



BONS EXEMPLOS

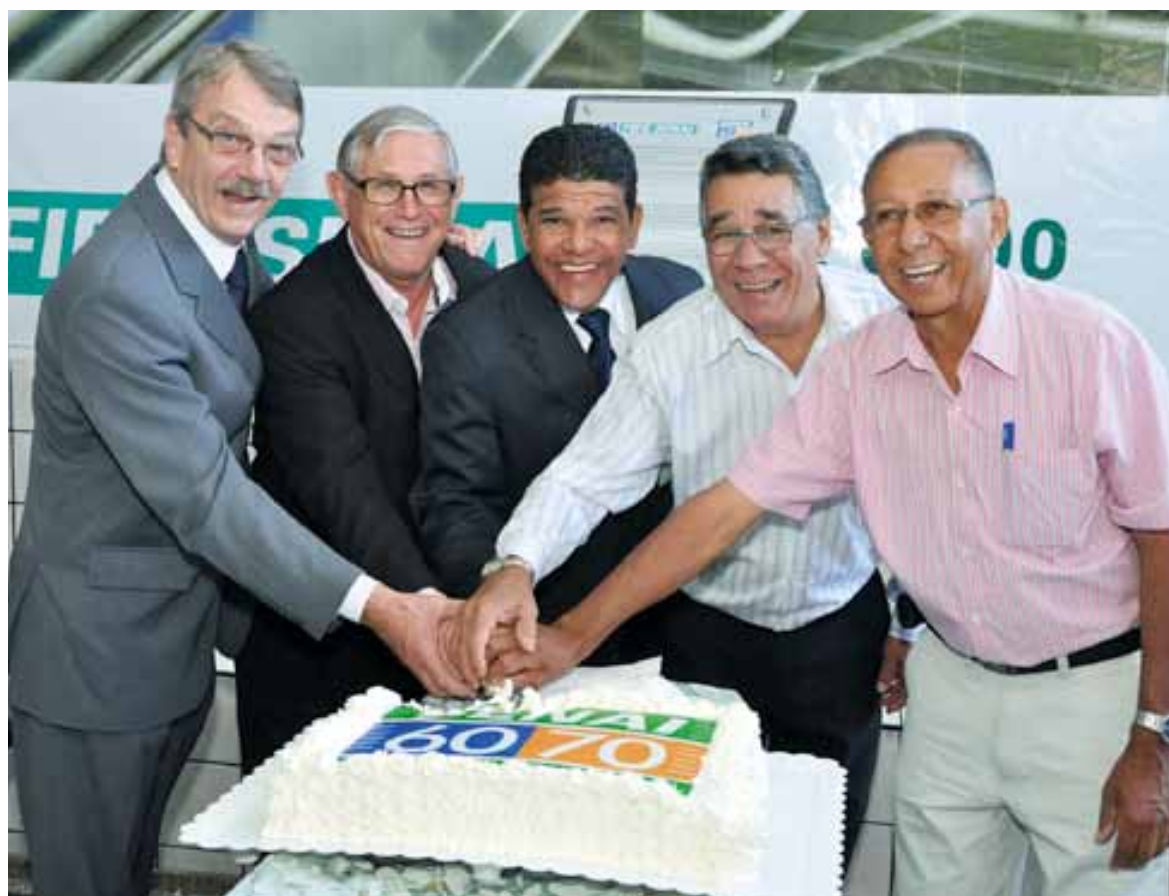
No transcorrer dessas seis décadas, o SENAI Goiás coleciona várias histórias como a dos senhores Juracy, Eurípedes, Jair e tantos outros – a série histórica acumula mais de 1,3 milhão de matrículas. Algumas delas foram apresentadas durante a comemoração dos 60 anos, em vídeo com depoimentos de ex-alunos que se tornaram exemplos de sucesso profissional. A programação contou também com exibição do vídeo da inauguração da antiga Escola SENAI GO I e lançamento pelos

Correios do selo comemorativo SENAI 60 anos.

Convidado para participar da solenidade, o engenheiro Adriano Mange, neto do também engenheiro e educador suíço Roberto Mange, um dos principais responsáveis por trazer o SENAI para Goiás, foi homenageado. “Me sinto honrado por estar aqui e poder admirar a obra do meu avô. Também sou tecnólogo em mecânica e trabalhei durante 36 anos no SENAI, me orgulha ser parte da instituição”, disse.



Luiz Adriano de Carvalho Mange, neto de Roberto Mange, presença marcante nos 60 anos do SENAI, ajuda cortar o bolo de aniversário, ao lado de João Francisco, Francisco Costa, José Fernandes e José Natal



FORMAÇÃO PROFISSIONAL: ALICERCE DO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO



Durante a abertura das comemorações dos 60 anos do SENAI Goiás, em Anápolis, o diretor regional, Paulo Vargas, fez um breve histórico sobre a chegada da instituição ao Estado, liderada pelo então arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes, conhecido como “Arcebispo da Instrução”, que foi

Paulo Vargas fala na abertura das comemorações dos 60 anos do SENAI em Goiás: caminhos, desafios e o sucesso



ao SENAI de São Paulo pedir a implantação de uma unidade de educação profissional em Goiás. O diretor também destacou o crescimento e modernização da instituição, que ao longo desses 60 anos de atuação acumula em sua série histórica 1.321.106 matrículas, em mais de 400 cursos sintonizados com as reais necessidades do setor produtivo. “Os caminhos que o SENAI trilhou nestas seis décadas, os desafios enfrentados, e o sucesso alcançado, levam as marcas do dinamismo das instituições e dos empresários que sempre o apoiaram, sugerindo e cobrando serviços”, ressaltou.

Indústria competitiva

Em seu discurso, o presidente da FIEG, Pedro Alves de Oliveira, destacou que o crescimento da economia goiana, que ocupa hoje a 9ª posição do País, está amparado na formação profissional oferecida pelo SENAI. “Para nós, é uma alegria muito grande participar desse momento e o resultado do trabalho que temos no SENAI nos motiva a nos empenhar ainda mais para que nossa indústria se torne cada vez mais competitiva.”

Parceiro do SENAI em várias ações de qualificação profissional, o prefeito de Anápolis,





Antônio Gomide, disse que os frutos do trabalho iniciado pelos pioneiros da instituição hoje são colhidos por toda sociedade goiana. “A educação e a formação profissional promovem a justiça social e, dentro dessa visão, somos parceiros incondicionais da FIEG e do SENAI para que possamos dar condições às pessoas de aproveitar as oportunidades que o desenvolvimento econômico oferece.”

Parque tecnológico

Representando o governador Marconi Perillo, o secretário estadual de Ciência e Tecnologia, Mauro Faiad, disse que o SENAI tem papel fundamental para aumentar a renda dos goianos. “Embora Goiás cresça acima da média nacional,

há ainda uma grande diferença entre o Produto Interno Bruto (PIB) e a renda per capita. Esse hiato só vai diminuir com educação, qualificação profissional e investimentos em inovação tecnológica”, avaliou. Na ocasião, o secretário anunciou o avanço do projeto de parceria público-privada, que prevê a construção, em Anápolis, do primeiro Parque Tecnológico da Região Centro-Oeste.

Também participaram do evento, o presidente da Associação Comercial e Industrial de Anápolis e vice-presidente da FIEG, Wilson de Oliveira, o presidente da FIEG Regional Anápolis, Ubiratan Lopes, o bispo diocesano dom João Wilk e o diretor-adjunto dos Correios, Valdeir Pimenta, além de empresários e autoridades.



Prefeito de Anápolis, Antônio Gomide: parceria incondicional

Fatec Ítalo Bologna homenageia ex-diretores

Dentro das comemorações do 60º aniversário do SENAI em Goiás, a Faculdade de Tecnologia Ítalo Bologna, que completou 44 anos dia 24 de março, reuniu seus ex-diretores para reconhecimento ao trabalho deles. A primeira unidade na capital é hoje comandada por Misclay Marjorie, que antes havia dirigido a Unidade Integrada SESI SENAI Niquelândia, no Norte goiano. Na Fatec, foram seus antecessores Ary Azevedo (1968-79), Paulo Vargas (1979), Lázaro Bernardes (1979-81), Jair Braz de Oliveira (1981-92) e Marcos Antônio Mariano (1992-2011).

Reconhecimento: José Mauro Costa Azevedo e Grace Helena, filhos de Ary Azevedo, Paulo Vargas, Lázaro Bernardes, Jair Braz, Tays Almeida de Souza (funcionária da Escola SENAI Dr. Celso Charuri, representando Marcos Mariano) e Misclay Marjorie





PIONEIROS (1): Daniel Viana e Capitão Waldyr O'Dwyer são homenageados na comemoração dos 60 anos da FIEG e do SENAI, ao lado do presidente da CNI, Robson Braga, governador Marconi Perillo e Pedro Alves de Oliveira

FIEG, 60 ANOS

Também comemorando 60 anos, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG), instalada oficialmente no dia 1º de maio de 1952, abriu as festividades do sexagenário em evento realizado no dia 13 de março, na Casa da Indústria, com participação do governador Marconi Perillo e do presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Braga. Na ocasião, foi lançado pelos Correios selo alusivo ao aniversário da instituição e homenageadas personalidades ligadas à história da Federação. A solenidade contou ainda

com a presença da diretoria da FIEG, presidentes de sindicatos, representantes das entidades que compõem o Fórum Empresarial, deputados estaduais e do secretário de Indústria e Comércio de Goiás, Alexandre Baldy.

Em meio às comemorações, a Assembleia Legislativa e a Câmara Municipal de Anápolis realizaram sessões especiais, propostas pelo deputado Luiz Cesar Bueno (PT) e pelo vereador Luiz Lacerda (PT), para homenagear os 60 anos de atuação da FIEG e do SENAI em Goiás.



PIONEIROS (2): Sulamita de Aquino Porto, Antônio Ferreira Pacheco Júnior e Luiz Alberto, respectivamente, filhos de Aquino Porto, Antônio Ferreira Pacheco e Gilson Alves de Souza, recebem placas do governador Marconi Perillo

Associação nasceu com o SENAI

Com participação ativa na vida dos funcionários e de seus familiares, a Associação dos Empregados do SENAI de Goiás (Aesgo) surgiu em 1958, seis anos depois da implantação da instituição no Estado. Em sua história, teve como presidentes Ary Azevedo (1958-69), Mário de Oliveira (1969-72), Paulo Vargas (1972-83), Sônia Rezende (1983-90), Márcio Antônio Rezende (1991-92), Maurício de Souza Miranda (1993-94), Honorina Martins da Costa (1994-2000) e Eodécio Carlos de Souza (2000-2010). Em 2012, com a criação da Associação dos Empregados do Sistema FIEG (Aesfieg), presidida por Cláudio Cavalcante de Souza, o trabalho de assistência aos colaboradores foi concentrado em uma só entidade.



Colaboradores do SENAI com atuação na Aesgo: ao lado, Wellington Vieira, Marcos Mariano, Sônia Rezende, Dehovan Lima, Maurício Miranda. Abaixo, Márcio Rezende, Honorina Martins e Eodécio Carlos



ATUAÇÃO É RECONHECIDA PELA SOCIEDADE

Pioneiro do Sistema Indústria no Estado, o SENAI Goiás chega aos 60 anos com atuação consolidada e como referência em educação profissional e inovação tecnológica. Responsáveis pela formação de mão de obra que movimenta um parque industrial cada vez mais complexo e competitivo, seus diversos cursos gozam de conceito elevado, com índice de absorção de concluintes pelo mercado de trabalho em torno de 80%.

Fortemente inserida no meio empresarial e na comunidade, a instituição teve o privilégio de comemorar o aniversário de sua implantação no Estado com ampla mobilização e repercussão em diferentes esferas públicas e na iniciativa privada.

Depois do início das festividades na Faculdade de Tecnologia Roberto Mange, em Anápolis, cidade-berço, e de ser alvo de homenagens

na Câmara Municipal e na Assembleia Legislativa, ao lado da FIEG, igualmente comemorando 60 anos (veja nas páginas 187), o SENAI recebeu congratulações do Conselho Estadual de Educação (CEE).

“Ao longo dessas seis últimas décadas, cada passo da indústria goiana, rumo ao desenvolvimento e ao progresso econômico e social, conta com o selo do SENAI. Não é possível a nenhum historiador, do presente e do futuro, contar a história da educação profissional em Goiás sem reservar o capítulo especial, o primeiro, ao SENAI”, destaca o presidente do (CEE), José Geraldo de Santana.

A Junta Comercial do Estado de Goiás (Juceg) aprovou moção de aplauso à instituição, em sessão realizada no dia 14 de março, proposta pelo seu presidente, Samuel Albernaz.



Samuel Albernaz, da Juceg: moção de aplauso ao SENAI pelos 60 anos em Goiás



“Promover a educação profissional e tecnológica, a inovação e a transferência de tecnologias, aumentando a competitividade da nossa indústria, tem sido um trabalho desenvolvido com excelência pelo SENAI nestes últimos 60 anos. E é por esta razão que felicito a todos que fazem parte da instituição, por auxiliar no crescimento de Goiás e na implementação de uma nova visão empresarial, muito mais socialmente responsável e preocupada com a nossa comunidade.”

Francisco Jr., deputado estadual

Olimpíada do Conhecimento reúne mais de 13 mil

O envolvimento da comunidade na passagem dos 60 anos do SENAI, marcada inclusive por selo alusivo lançado pelos Correios, foi evidenciado durante a realização em Goiânia, em abril, da etapa regional da Olimpíada do Conhecimento, que reuniu em três dias mais de 13 mil visitantes interessados em conhecer de perto o mundo da educação profissional em provas destinadas a escolher os melhores alunos em diversas ocupações da indústria e do comércio.

Outro grande momento comemorativo, o Projeto Mundo SENAI mobilizou em setembro a população de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Catalão, Itumbiara, Rio Verde, Quirinópolis, Niquelândia e Minaçu, ao abrir as portas das unidades da instituição à visitação pública para apresentar as ações que desenvolve na área de educação profissional. A iniciativa é destinada a promover um espaço de discussão e produção de novas ideias, atualização e troca de experiências. Além de conhecer produtos e serviços oferecidos

pelo SENAI em Goiás, o público pôde participar de palestras, mostras tecnológicas e aulas práticas, como também conferir os projetos de inovação desenvolvidos para o segmento industrial.

Competidor em prova da Olimpíada do Conhecimento, observado por alunos de escolas de Goiânia: interesse no mundo da educação profissional



Pentacampeão em educação profissional no Pop List

Emoções mais fortes ainda estavam reservadas para o ano do sexagenário. Quatro vezes líder no Prêmio Pop List, pesquisa de mercado realizada anualmente pelo jornal O Popular/Instituto Verus que mede o grau de fixação na mente do consumidor das marcas de produtos e empresas de diversos segmentos econômicos, o SENAI foi novamente a marca mais lembrada, em Goiânia, na modalidade Curso Profissionalizante. Reflexo da qualidade dos serviços e produtos oferecidos no campo da educação profissional, da inovação tecnológica e da assessoria técnica, a instituição igualmente consolidou a liderança de share of mind em Rio Verde e Itumbiara, onde mantém unidades de ensino, com a conquista do Pop List pela terceira e segunda vez consecutiva, respectivamente.



Homenagens na Assembleia e na Câmara de Anápolis



Reconhecimento: ex-aluno de artes gráficas, o deputado Luis Cesar Bueno foi autor de homenagem ao SENAI e à FIEG na passagem dos 60 anos, na Assembleia Legislativa

Ex-aluno do curso de artes gráficas do antigo Centro de Formação Profissional Ítalo Bologna (segunda unidade construída no Estado, em 1968, e atual Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna), em Goiânia, o deputado Luis Cesar Bueno foi autor de homenagem à instituição e à FIEG, em sessão especial realizada no dia 12 de março, na Assembleia Legislativa. “Ao longo da história da indústria goiana, o SENAI tem contribuído com a formação profissional e capacitação das empresas, que buscam na tecnologia e na inovação, a competitividade para disputa de mercado em um mundo globalizado. Nesses 60 anos de atuação, a instituição participou dos grandes acontecimentos que envolveram o setor industrial do Estado, colaborando com o poder público para a implantação e consolidação do polo industrial goiano, promovendo o desenvolvimento econômico, social e cultural”, afirmou o deputado.

Seriedade e paixão

Em seu discurso de agradecimento, o diretor regional do SENAI Goiás, Paulo Vargas, considerou a homenagem da Assembleia um reconhecimento do trabalho desenvolvido em prol da educação profissional e da industrialização do Estado. “O SENAI acumulou em sua trajetória memoráveis exemplos, méritos e reconhecimento internacional. Foi e é referência para vários outros países. Não se faz uma instituição como o SENAI e não há como esta se firmar num país de múltiplas dificuldades na educação, sem elevada dose de seriedade e uma pitada de paixão. Estamos sempre prontos a nos adaptar para atender melhor às necessidades das indústrias.”

O presidente da FIEG, Pedro Alves de Oliveira, destacou a importância das instituições para a ampliação do segmento industrial no Estado. “Sempre contribuimos para a promoção do crescimento industrial e econômico de Goiás. Nessas seis décadas, já formamos mais de um milhão de trabalhadores, prontos e aptos ao mercado de trabalho”.



Presidente da FIEG, Pedro Alves de Oliveira, fala em sessão especial do Legislativo goiano: importância do SENAI para ampliação do segmento industrial

Mérito

Na Câmara de Anápolis, que também realizou sessão especial de homenagem ao SENAI e à FIEG, dia 13 de março, o vereador Luiz Lacerda ressaltou que o município atualmente é polo econômico de Goiás, além de ser uma das regiões industriais mais importantes e desenvolvidas do Brasil. “O SENAI e a FIEG dão suporte ao trabalho desenvolvido nas indústrias.”

Paulo Vargas disse que a homenagem valoriza e incentiva as instituições a continuar com os mesmos propósitos, servir a indústria, seus colaboradores e a Anápolis. “Queremos ser, como sempre e a cada vez mais, um propulsor do desenvolvimento industrial, cumprindo fielmente a

missão do SENAI, na formação profissional de homens e mulheres, jovens e adultos, com a oferta de cursos que vão da aprendizagem à graduação tecnológica.”

O presidente Pedro Alves contou que, no início da FIEG, Anápolis era conhecida como a capital econômica do Estado. “Hoje, com o dinamismo do seu Distrito Agroindustrial, a cidade é a detentora da maior concentração industrial de Goiás”, salientou.

Durante a homenagem na Câmara, o presidente da FIEG e o diretor regional do SENAI receberam certificados de honra ao mérito pelos 60 anos de atuação na qualificação de mão de obra e na defesa do desenvolvimento industrial do Estado.



Da Câmara de Anápolis ao SENAI e à FIEG: Paulo Vargas, Amilton Batista de Faria, Ridoval Chiarelloto, Luiz Lacerda e Pedro Alves de Oliveira



Demóstenes Torres e as lembranças da adolescência na biblioteca do SENAI, onde descobriu “o prazer da leitura e a satisfação do aprendizado”

“Obrigado, Serviço Nacional de Aprendizagem Intelectual”

O ex-senador goiano Demóstenes Torres, procurador de Justiça e ex-secretário de Segurança Pública de Goiás, tem imensa gratidão pelo SENAI.

Demóstenes Torres não foi para a indústria. Tampouco passou pelos cursos de aprendizagem ou técnicos do SENAI. Mas tem com a instituição uma história singular. Na biblioteca da hoje Faculdade de Tecnologia SENAI Ítalo Bologna, no Setor Fama, o ainda menino Demóstenes foi apresentado aos grandes autores nacionais e internacionais. Lá, encontrou o que precisava para seguir adiante nos estudos e obter deles o que lhe fora reservado.

Mas é o próprio procurador de Justiça, a pedido do SENAI, que conta essa história.

“Quando eu tinha 3 anos de idade, minha família se mudou de Anicuns para o Setor Marechal Rondon – ou Fama –, em Goiânia. E um de nossos vizinhos, no mesmo bairro, era o Centro de Formação Profissional Ítalo Bologna, unidade do SENAI. Centenas de adolescentes da região estudavam ali e saíam diretamente para os empregos, dada a qualidade dos cursos. Por mim, o SENAI fez mais: deu-me o prazer da leitura e a satisfação do aprendizado.

Já tive a oportunidade de agradecer a alguns

dirigentes do Sistema S, mas agora o faço de público: muito obrigado, SENAI. Não fiz cursos profissionalizantes, mas frequentei por muitos anos a biblioteca da unidade da Fama, que sempre foi aberta à comunidade. Ali me preparei para as provas no colégio, para o vestibular, me preparei para concursos. Mas, mais que isso: saí preparado para a vida. Só parei de ir às estantes do SENAI quando entrei para a faculdade, com o restante do tempo ocupado por dois empregos.

O SENAI é muito cuidadoso com a formação de seus estudantes. Para entrar nos cursos, era preciso se esforçar muito. E eu via meus colegas dando um duro danado antes dos testes... A recompensa vinha antes da formatura, com as empresas os procurando como técnicos em automóveis, gráfica e outras áreas. Como meu sonho era ser professor, a recompensa veio com a aprovação em concurso público na rede municipal de ensino, na qual entrei depois de muito estudar na biblioteca do Serviço Nacional de Aprendizagem “Intelectual” – no meu caso, pois não fui para a indústria.

Uma bibliotecária muito eficiente, responsável pela sala e os volumes, tinha grande apego aos livros e os vigiava de perto. Com ela não tinha bagunça, nem livro com “orelha”, nem página riscada. Era

ótima com quem era ótimo, uma espécie louvável de meritocracia. Jovem estudioso, com ela, tinha toda chance. Ela reconhecia de longe os malandrinhos, do tipo que vai à biblioteca eventualmente para fugir das tarefas em casa. Mas ela não desistia de ninguém. Sugeriu obras, ajudava na pesquisa.

Isso, há mais de 30 anos. Na época, ela já era de meia-idade. Nunca soube seu nome correto. A gente a chamava de Dona Maria. Deve estar aposentada, com a certeza de que influenciou para o bem a formação de milhares de rapazes e moças. Quando passei no vestibular de Direito, voltei lá para lhe agradecer e agora o faço também em público: muito obrigado, Dona Maria. A senhora é um dos motivos de o SENAI gozar do imenso prestígio de que dispõe e uma das razões de tantos de nós gostarmos de ler.

Dona Maria me apresentou a seus amigos mais próximos: José de Alencar, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Monteiro Lobato e, numa segunda fase, a Machado de Assis, Jorge Amado, Cecília Meireles e tantos outros, inclusive escritores locais, como Bernardo Élis e Hugo de Carvalho Ramos. Meus irmãos mais velhos indicavam autores políticos e Dona Maria se mantinha firme: se perguntada, sugeria o que estava na faixa escolar. Fui seu freguês da meninice, com José Mauro de Vasconcelos, ao fim da adolescência, quando apareceu com Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade e os demais modernistas: “Esses caem no vestibular”, dizia. Caíram mesmo, Dona Maria

Minha lembrança do SENAI é a dos livros. Além de bem cuidados, eram também bastante recentes, havia sempre novidades. Desde cedo, em casa, fui estimulado a ler e no SENAI estavam as enciclopédias novinhas, com aquele livrão anual

de atualizações. Não apenas pesquisei, como li quase completamente a Barsa, a Delta, a Britânica e até os Titãs da Sabedoria. Mesmo nesses tempos de internet, é preferível ir à biblioteca que ir ao Google, ou ir à primeira quando quiser conhecimento sólido e ao segundo quando a necessidade for rápida sem exigir profundidade – ou a ambos, sem esquecer o prazer do livro. Cultura de verdade, não somente de verniz.

Lá na biblioteca do SENAI não deve ter mais a Dona Maria, certamente substituída por outro pessoal tão dedicado quanto. Mas continuo recomendando a visita – no meu caso, mais que visitante, eu era um hóspede diário. Se você vir um gordinho, no canto, cabeça enterrada no livrão da Barsa, pode sair pensando: graças a esse lugar, aquele ali ainda vai ser um profissional bem-sucedido e uma pessoa muito feliz. É exatamente como eu me sinto.” (Demóstenes Torres)

Biblioteca João Popini Mascarenhas, em 1973. Em pé, Maria da Glória Azevedo acompanha estudantes em pesquisa





SENAI

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA



CRÉDITOS



Federação das Indústrias do Estado de Goiás **(FIEG)**

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial **(SENAI Goiás)**

Assessoria de Comunicação Institucional do Sistema FIEG

Assessor: Geraldo Neto

Coordenação Editorial e revisão: jornalista Dehovan Lima

Pesquisa, texto, edição e colaboração: Jornalistas Deire Assis, Andelaide Pereira e Javier Godinho

Projeto gráfico e diagramação: Jorge R. Del Bianco

Fotos: Acervo SENAI, Aroldo Bastos, Wagner Soares, Weimer Carvalho, Maluhy Alves, Maurozan Teles, Silvio Simões, Deire Assis, Dehovan Lima, Alex Malheiros, Sérgio Araújo, Mantovani Fernandes, Ricardo Stuckert, Edson Rodrigues, SENAI São Paulo.

Impressão:



Fontes de informação

LOPES, Stenius. *SENAI 50 Anos – Retrato de uma Instituição Brasileira.* São Paulo, Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1992.

CNI-SENAI. Caderno do Departamento Nacional do SENAI – De 1942 a 2010.

SENAI. *SENAI-SP – 65 anos de um sistema educacional consequente.* São Paulo, SENAI, 2007.

ASMAR, João. *Anápolis e a Associação Comercial e Industrial de Anápolis – Breves Históricos.* Goiânia, Editora Kelps, 2011.

BOLOGNA, Ítalo. *Roberto Mange e sua obra.* Goiânia, Unigraf, 1980.

ÁUREA, Irmã Cordeiro Menezes. *Dom Emanuel Gomes de Oliveira – Arcebispo da Instrução.* Goiânia, Agepel, 2001.

Arquivos da Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange.

Arquivos da Escola SENAI Vila Canaã.

Diretorias das unidades integradas, escolas e núcleos do SENAI em Goiás.

Gerências do SENAI em Goiás.

Relatórios anuais de atividades do SENAI Goiás.

Matriz Curricular 2011 SESI-SENAI da Diretoria de Educação e Tecnologia de Goiás.

Revistas Informativo SENAI, Futuro Profissional, Goiás Industrial



AGRADECIMENTOS

Aos diretores, gerentes e demais colaboradores das unidades de educação profissional do SENAI pela disposição em prestar informações necessárias à realização deste trabalho, bem como pelo acesso aos arquivos destas unidades que permitiram recontar parte da história da instituição nesses 60 anos de existência em Goiás.



“O SENAI é o que temos de mais qualificado para transformar a pesquisa e o modelo de inovação brasileiros.”

Dilma Rousseff, presidente da República, durante visita à CNI, em Brasília, dia 13 de abril de 2012, para conhecer o Programa SENAI de Apoio à Competitividade da Indústria Brasileira.



“Eu, que antes do diploma de presidente da República tinha somente o diploma de torneiro mecânico do SENAI, sei o quanto a educação é capaz de mudar a vida de uma pessoa, de uma família e de uma nação. Pois foi aquele diploma que me abriu a oportunidade de emprego e de uma vida melhor.”

Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente da República, ao receber títulos de doutor honoris causa de universidades federais do Rio de Janeiro, dia 4 de maio de 2012

FIG
SESI
SENAI
IEL
ICO BRASIL

SENAI